

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA



I SILIAFRO

I Seminário Internacional de Literatura Afrolatina

Caderno de Resumos

24, 25, 26 e 27 de Outubro

2012

Uberlândia – MG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
Programa de Pós-Graduação em Letras – Teoria Literária
Curso de licenciatura em letras e literaturas de língua espanhola – PARFOR

CADERNO DE RESUMOS

I SILIAFRO

I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LITERATURA AFROLATINA

24, 25, 26 e 27 de Outubro de 2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Alfredo Júlio Fernandes Neto - Reitor
Darizon Alves de Andrade - Vice-Reitor
Waldenor Barros Moraes Filho - Pró-reitor de graduação
Alcimar Barbosa Soares - Pró-reitor de Pesquisas e Pós-Graduação
Alberto Martins da Costa - Pró-Reitor de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis
Valder Steffen Júnior - Pró-Reitor de Planejamento e Administração
Sinésio Gomide Júnior - Pró-Reitor de Recursos Humanos

INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

Maria Inês Vasconcelos Felice – Diretora

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – TEORIA LITERÁRIA

Elaine Cristina Cintra – Coordenadora

CURSO DE LETRAS E LITERATURAS DE LÍNGUA ESPANHOLA – PARFOR

Cintia Camargo Vianna – Coordenadora

CURSO DE TRADUÇÃO

Paula G. Arbex - Coordenadora

COMISSÃO ORGANIZADORA

Cintia Camargo Vianna – Presidente
Daniela Galdino Nascimento – Vice Presidente
Janafina Jácome dos Santos
Guimes Rodrigues Filho

APOIO TÉCNICO

Douglas Xavier
Fernando Paulino de Oliveira
Hosana Santos Agostinho
Mariamma Paquete Coelho

AGRADECIMENTOS

Direção do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia

OBS: Todos os resumos deste caderno foram elaborados por seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo à comissão organizadora do evento



PGLET



Ministério da
Educação



dicult



I SILIAFRO
I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LITERATURA AFROLATINA

SUMÁRIO

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES EM GRUPOS TEMÁTICOS (GTS)

GRUPO TEMÁTICO2: SUBJETIVIDADES EM TRÂNSITO: ÁFRICA, BRASIL E PORTUGAL.....07

GRUPO TEMÁTICO4: LITERATURA MARGINAL: MARGINALIDADE, RESISTÊNCIA - SENTIDO DAS LUTAS SOCIAIS E ÉTNICO-RACIAIS.....09

GRUPO TEMÁTICO5: VOZES LITERÁRIAS AFROFEMININAS: TRANÇADOS E TESSITURAS.....17

GRUPO TEMÁTICO6: INFÂNCIA E PÓS-COLONIALIDADE.....24

GRUPO TEMÁTICO7: CARTOGRAFIAS DESCOLONIAIS E DISCURSOS CULTURAIS AFRO-LATINO-AMERICANOS.....30

GRUPO TEMÁTICO9: MITOS NÔMADES: O DIÁLOGO ENTRE AS MITOLOGIAS AFRICANAS, GREGAS E JUDAICAS.....38

GRUPO TEMÁTICO10: NARRATIVAS DO FANTÁSTICO NA LITERATURA AFRICANA: ESPAÇOS, LINGUAGENS E MEMÓRIAS INSÓLITAS.....43

GRUPO TEMÁTICO11: INTERCULTURALIDADES NO CINEMA E NA LITERATURA: VIOLÊNCIA, ALTERIDADE E QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS...54

GRUPO TEMÁTICO12:EXPERIÊNCIAS E PROPOSTAS PEDAGÓGICAS COM A LITERATURA AFROLATINA: SUBSÍDIO PARA O COMBATE A TODA FORMA DE DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO.....58

GRUPO TEMÁTICO15: REPRESENTAÇÕES AFRICANAS E AFROBRASILEIRAS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL E NO LIVRO DIDÁTICO DE LITERATURA.....66

GRUPO TEMÁTICO16: LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: O RAP EM QUESTÃO.....69

GRUPO TEMÁTICO 18: FLUXOS E NEGOCIAÇÕES NAS LITERATURAS AFRODIASPÓRICAS..... 72

GRUPO TEMÁTICO19: CARTOGRAFIAS CULTURAIS AFRO-IBERO-AMERICANAS: MAPEANDO ROTAS DA ÁFRICA.....81

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

EIXO TEMÁTICO 2 – CINEMA CONTEMPORÂNEO: DA DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL, CULTURAL, POLÍTICA, RELIGIOSA E SEXUAL.....	85
EIXO TEMÁTICO 3 – DIÁSPORA, LITERATURAS: AFRO-BRASILEIRA E AFRO-AMERICANA.....	87
EIXO TEMÁTICO 4 – GEOGRAFIAS LITERÁRIAS: CARTOGRAFIAS CULTURAIS.....	90
EIXO TEMÁTICO 6 – LINGUAGEM, ORALIDADE, MEMÓRIA.....	93
EIXO TEMÁTICO 7 – HISTÓRIA E ÁFRICA.....	99
EIXO TEMÁTICO 9 – LITERATURA E SEMIÓTICA: POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS.....	101
EIXO TEMÁTICO 10 – LITERATURA E SOCIOLOGIA: CENÁRIO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.....	105
RESUMOS DOS PAINÉIS.....	108

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES EM GRUPOS TEMÁTICOS (GTs)

GRUPO TEMÁTICO 2: SUBJETIVIDADES EM TRÂNSITO: ÁFRICA, BRASIL E PORTUGAL

COORDENADORES: Prof. Dr^a. Álex Leilla (UEFS) - allexleilla@gmail.com
Prof. Ms. Idmar Boaventura(UNEB) - idmarboaventura@yahoo.com.br

A proposta do Grupo de Trabalho, concebido a partir do grupo de pesquisa "Subjetividades em trânsito", cadastrado no CNPQ e certificado pela UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), e que reúne pesquisadores da UEFS e da UNEB (Universidade do Estado da Bahia) é analisar as relações intertextuais produzidas pelas literaturas de língua portuguesa, numa perspectiva trans-histórica e transcultural, observando as releituras de mitos e de questões estéticas e culturais que permeiam os textos literários. Além disso, objetiva-se promover uma ampla discussão acerca das novas formas de intervenção dos sujeitos na cena artístico-cultural contemporânea, tendo como fio condutor a ideia de que em nossa época lidamos com uma complexidade maior dessas performances artísticas, que compreendem tanto as modulações das sexualidades e das diversas formas de amar do sujeito, quanto das escolhas em registrar suas experiências e biografias, seus trânsitos, migrações e diálogos. Pretende-se, então, analisar autores e obras que levantem questionamentos acerca do sujeito contemporâneo e de seus múltiplos deslocamentos, privilegiando o espaço móvel desses sujeitos, dentro da perspectiva da literatura comparada de língua portuguesa. Numa perspectiva de valorização das diferentes geografias culturais e seus entrecruzamentos, o GT pretende abordar tanto autores/autoras de alcance local ou regional (com destaque para autores/autoras e obras baianos, nesse caso), quanto aqueles de alcance nacional, no caso da literatura brasileira, ou para além dos limites da nacionalidade (incluindo-se aí autores/autoras e obras portugueses, das nações africanas de língua portuguesa, ou mesmo de outras nacionalidades, no caso de estudos comparatistas). Deste modo, são bem vindas contribuições que pretendam alargar as reflexões acerca dos sujeitos e de suas geografias, seus deslocamentos e seus trânsitos.

ESCREVENDO A NAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL POR MEIO DO DISCURSO IMPRESSO EM *A CONJURA* DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Sueleny Ribeiro CARVALHO (UFPI)
suelenycarvalho@hotmail.com.br

Este trabalho tem como objeto de estudo o romance histórico *A conjura*, de José Eduardo Agualusa. O estudo da citada obra visa verificar como se constrói e se fixa o conceito de nação, no romance, a partir do conflito estabelecido entre colonizador e colonizado no qual, ambos os lados, utilizam como arma o discurso impresso. Para tanto devemos levar em consideração o caráter ambivalente do discurso e o papel das línguas impressas na construção da identidade nacional. O aporte teórico parte dos conceitos de identidade, discurso e nação, fundamentados por pesquisadores como Benedict Anderson, Stuart Hall, Hommi Bhabha, e Thomas Bonnici. Como resultado

da influência deste processo, principalmente nos países originários da colonização, a literatura constitui tanto um excelente instrumento de análise de como esse fenômeno se manifesta, quanto um elemento propagador de novos conceitos e idéias. Segundo Bonnici (2005), a consciência nacional é um determinante para a manifestação da literatura pós-colonial, quanto mais elevado o nível dessa consciência, mais aguda a manifestação na literatura. Inserido na questão pós-colonial, o romancista explora em *A conjura* as possibilidades de construção de uma literatura angolana que retrate o sentimento de nacionalidade e resistência na construção e ressignificação das identidades do sujeito pós colonial. No romance se manifesta uma aguda percepção sobre os novos paradigmas na elaboração das identidades do sujeito pós-colonial e da nação. Em suma, é possível afirmar que em *A conjura*, o autor combina ficção e realidade revelando a importância de ambas para a elaboração do conceito de nação e promovendo uma reflexão a respeito do papel da imprensa no processo de construção da identidade nacional. Embora os fatos narrados sejam, de modo geral, ficcionais, é inegável a estreita relação com a história da imprensa e da literatura angolana.

MEU ROSÁRIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO: SINCRETISMO RELIGIOSO BRASILEIRO

Denise Rocha (UNESP)
rocha.denise57@gmail.com

A escritora afro-brasileira Conceição Evaristo (1946-BH), foi, desde sua infância, ouvinte privilegiada de histórias e ensinamentos narrados pelos anciãos familiares, em rodas afetivas de raiz ancestral. Costumava escrever, em forma de diário, fatos do cotidiano de sua gente, exposta às mazelas econômicas e ao racismo latente brasileiro: Aptidão literária desenvolvida e baseada em distintas etapas de sua trajetória de mulher negra e pobre. O talento da poetiza e contadora de histórias da contemporaneidade Conceição Evaristo reflete o eco de uma tradição milenar de *griots* africanos de diversas etnias, muitos dos quais foram levados pelo Atlântico para a América do sul, na diáspora negra que preservou sua riqueza histórica, cultural e religiosa. O longo percurso de diversas geografias e cartografias culturais de pessoas inteligentes e sábias no domínio da cultura e literatura oral, que chegaram ao Brasil, e viveram na nova terra colonizada e católica, é tema das diferentes subjetividades abordadas por Conceição Evaristo. Em sua obra, ela fala do cotidiano na mulher patriarcal, bem como rememora a ancestralidade africana, o tráfico negreiro, a escravidão, a adaptação no Brasil, o sincretismo cultural e religioso, as lutas e conquistas apesar do racismo, etc. Conceição é autora do poema **Meu Rosário**, o qual expressa, por meio da imagem da *prece católica do rosário* e o seu processo de passar as contas pelos dedos, elementos do sincretismo religioso nacional: a imagem da Senhora (Virgem Maria e uma de suas celebrações (coroação), e de Oxum, divindade afro); a evocação da ancestralidade negra e da diáspora atlântica; as variadas fases de trabalho e socialização de pessoas; e o ato da escrita, entre outros aspectos.

UMA POÉTICA DAS ROSAS EM TEMPOS DE PAISAGENS RASURADAS: VERA DUARTE, EUGÉNIO DE ANDRADE E DRUMMOND

Camila Carmo (UFRB)
camila.ncarmo@gmail.com

Carolina SENA (UFRB)
carolina_msena@hotmail.com

Tatiana PEQUENO (UFRB)
tatianapequeno@gmail.com

A presente comunicação tem por objetivo ler analiticamente o poema “Rosa entre Cadáveres” da escritora cabo-verdiana Vera Duarte. Considerando que o poema, em seu título, alude a uma África despedaçada, e que também ele é dedicado ao poeta português Eugénio de Andrade, desejamos propor uma leitura em que sejam apresentadas relações que a semântica ambígua da rosa evoca (“Flor de doer/ Rosa de arder”). Pelo fato de a flor, no poema de Vera Duarte, aludir a uma esperança num tempo de hecatombe e holocausto – apontemos aqui que o título de seu livro é *Preces e Súplicas ou os Cânticos da Desesperança*-, optamos por pensar criticamente essa metáfora, levando em consideração alguns sentidos políticos que essa imagem transporta consigo. As imagens encontradas por Vera Duarte em seu poema sugerem, com isso, que haja uma experiência universal na botânica do sofrimento, bem como na fisiologia da esperança a persistir na resistência: os ecos dessa poética podem ser trançados, portanto, com poemas de Eugénio de Andrade, como com *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade. Com efeito, é provável que encontremos na poesia de Vera Duarte uma convocação que vise à reunião de um continente em diáspora, e reencene a paisagem árida dessa “Flor única num continente imenso”. Para tanto, utilizaremos como referências teóricas textos de Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco, Simone Caputo Gomes, Hannah Arendt e outros.

GRUPO TEMÁTICO 4: LITERATURA MARGINAL: MARGINALIDADE, RESISTÊNCIA - SENTIDO DAS LUTAS SOCIAIS E ÉTNICO-RACIAIS

COORDENADORES: Prof. Dr. Dagoberto José

FONSECA(UNESP)dagobertojose@gmail.com

Profª. Ms. Simone de Loiola Ferreira Fonseca (FACULDADE ANHANGUERA EDUCACIONAL). sferreira77@gmail.com

A produção criativa e a difusão da literatura tem marcado profundamente a história da sociedade latino-americana, particularmente quando o seu conteúdo revela indignação, protesto, resistência em decorrência de espelhar o quadro social de violência em nossa sociedade profundamente racista, preconceituosa e que marginaliza a população afro-latino-americana que construiu com o seu esforço grande parte do continente americano no período colonial e que continuam a fazê-lo cotidianamente também neste período pós-colonial. A literatura marginal não é oficial. Ela é escrita por adultos (homens e mulheres) para tratar dos problemas estruturais e conjunturais da sociedade, inclusive denunciando as situações vivenciadas pelas crianças, desde a mais tenra infância, perpassando pela adolescência chegando à fase adulta destes sujeitos. A literatura marginal problematiza enfaticamente o discurso do Estado e dos poderes hegemônico, tendo o papel histórico em diversos momentos de romper com o isolamento e o silêncio daqueles que não tem voz ou a habilidade de exercitar a língua e a linguagem literária para falar sobre as situações e condições sociais, culturais, psíquicas experimentadas (material ou simbólica) por esta população afro-latino-americana. Este Grupo de Trabalho vinculado ao eixo temático "Infância, violência,

pós-colonialismo" visa estabelecer diálogos, intercambiar e aprofundar estudos sobre o tema da literatura marginal (incluí-se aí, para além de textos acadêmicos científicos, a poesia, o conto, a prosa, as cartas testemunhos, o texto jornalístico, a grafiteagem e a panfletagem) elaborada no presente, mas também no passado de nossa sociedade a fim de trazer à tona, as vozes, as angústias, as vitórias e as resistências sociais e étnico-raciais produzidas por literatos ou produtores de textos carregados de sentido e simbolismo, pois denunciam e anunciam outras possibilidades de se fazer a vida seguir adiante sempre nesta nossa Latino-América, bem como nos demais continentes que direta ou indiretamente fizeram e ainda fazem parte de nossa história.

AFRO-LATINO-AMÉRICA: UM GRITO POÉTICO-PROSAICO

Dagoberto José FONSECA(UNESP)
dagobertojose@gmail.com

A América Latina tem construído ao longo de sua história sociocultural um conjunto vasto de perspectivas sobre o seu próprio imaginário e é pela via da literatura com a sua vertente afro-latino-americana que tem anunciado e denunciado com todas as formas de linguagem, inclusive carregada de “palavrões” que ela se expressa, enquanto indignação dos problemas sociais históricos e estruturais que se encontra desde a raiz do processo de conquista colonial perpetrado por espanhóis, portugueses, franceses e ingleses. Neste contexto, a dimensão de denúncia, mas também de xingamentos e vergonha vem desta expressão chula e popular que é o palavrão, enquanto expressão também de uma condição social que o afro-latino-americano e diaspórico vive nesta parte do mundo. Assim, vem com força esta expressão popular, ativista e militante daqueles que se propõe a desconstruir conceitos, histórias, verdades oficiais que não atendem o clamor de justiça, igualdade e respeito presente naqueles que cansados da retórica do passado se lançam frenética e avidamente para manejarem bem ou mal as palavras cultas e com anseios desta descolonização do pensamento ocidental, mas também mediados por palavras chulas [“palavrões”] que esclarecem muito do sentimento que invade texto, prosa e poesia de negros latinos e ladinos. A liberdade de expressão deste contingente populacional é espelhada pela produção independente e que se exprime também pelo sentimento e pelo sentido que agentes sociais isolados e coletivos dão para a sua produção poética, científica e pela prosa militante.

A RESISTÊNCIA NA GUERRA DE CANUDOS NA LEITURA DE ALFREDO BOSI ATRAVÉS D’OS SERTÕES DE EUCLIDES DA CUNHA.

Domingos Joaquim da Ressurreição NETO (UFMT)
ressurreicaonet@bol.com.br

O romance *Os Sertões*, 1902, do jornalista e literato Euclides da Cunha trouxe à tona a situação vivida por nacionais excluídos que ocupavam uma parte do sertão baiano no período do nascimento da república brasileira. Euclides denuncia, além do descaso do Estado para com o sertanejo, a forma atroz como as forças regulares erradicaram, após quatro combates, os seguidores do líder espiritual Antonio Vicente Mendes Maciel, o Antonio Conselheiro. Euclides dá, no momento da divulgação de sua obra maior, voz a um grupo de desempregados, trabalhadores mal remunerados e ex-escravos. O crítico

literário Alfredo Bosi na obra *Literatura e Resistência*, 2002, toma o texto euclidiano para fazer uma leitura para os nossos dias e referencia a luta e a resistência de um grupo de excluídos. O professor Bosi mostra o acontecimento vivido por nossos compatriotas há mais de cem anos, o qual faz parte de nossa história, mas que ao mesmo tempo está presente no cotidiano de muitos brasileiros – a luta por melhores condições de vida e por um tratamento mais igualitário –, visto que a negligência e o descaso são ainda partes da forma de governar de alguns de nossos administradores públicos. Destarte, esse trabalho tem por objetivo maior relatar a resistência do sertanejo na Guerra de Canudos na visão de Alfredo Bosi por meio do texto euclidiano, de um episódio relevante da história do Brasil.

**ESCRITOS DA SABEDORIA EM COMUNIDADES TRADICIONAIS:
MEMÓRIA, ORALIDADE E TRADIÇÃO NA PROMOÇÃO DA SAÚDE
FÍSICA, MENTAL E ESPIRITUAL**

Lucely Morais PIO
lucelymoraes@yahoo.com.br

Ivanita Gonzaga PIO

Sérgio Luiz de SOUZA (UNIFIMES)
srgioluz@fimes.edu.br

Nossa exposição nesta comunicação diz respeito aos estudos que realizamos com a comunidade quilombola do Cedro, situada no município de Mineiros, Goiás. Objetivamos compreender as relações existentes entre as tradições culturais como base dos conhecimentos dos mestres desta comunidade na promoção da saúde no uso sustentável das plantas medicinais do cerrado. Focamos os chamados mestres raizeiros, reconhecidos pelos quilombolas como guardiões da tradição oral e responsáveis pela estruturação da cultura em um contexto amplo no qual se trabalham as dimensões física, mental e espiritual que se relacionam com as concepções de saúde e de pessoa que predominam na comunidade. Também se procurou, nesta pesquisa, perceber a dinâmica do trabalho de capacitação fitoterápica que os quilombolas utilizam com a intenção de “passar adiante o conhecimento natural dos antepassados”, como eles dizem. Neste aspecto, destacamos as concepções que a população da comunidade possui entendimentos que diferem dos discursos predominantes na sociedade envolvente, no que diz respeito à correlação entre a prevenção e a cura de doenças com a reprodução dos valores “dos mais velhos”. Assim, mais do que procurarmos entender o uso dos recursos fitoterápicos, intentamos conceber o poder das tradições na geração de conhecimentos e difusão de ensinamentos, entender a escrita da sabedoria sustentada pela oralidade no seio da comunidade em conexão com práticas passadas de geração em geração com o poder de manter a tradição da comunidade na relação entre mais velhos e mais novos, mantendo viva a relação com o bioma cerrado e a harmonia com a natureza. Neste contexto, a oralidade e a memória são percebidas como fatores de resistência cultural com a defesa das tradições que estruturam as práticas e a sociabilidade que pretendemos apresentar e discutir neste GT.

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NEGRA NAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS

Marisângela BALZ (UNIFIMES)
marisangela@fimes.edu.br

Rodrigo Queiroz CABRAL

Sérgio Luiz de SOUZA (UNIFIMES)
srgioluz@fimes.edu.br

O objeto da comunicação aqui proposta tem como foco o estudo da literatura afro-latino-americana em meio às discussões que dialogam com os temas relacionados à literatura e sociologia, principalmente no que concerne à literatura marginal e aos sentidos das lutas sociais e étnico-raciais. Nossos estudos têm como finalidade explorar os tipos de violência praticados contra a mulher, em especial a violência praticada contra a mulher negra, em seus vários aspectos. Utilizamos então como referência metodológica a apreciação e interpretação de conteúdos presentes em livros, revistas, artigos e outras publicações que abordam o tema. Estudamos aqui a violência contra a mulher negra em seus aspectos social e étnico-racial, tendo-a como intrínseca às relações humanas desenvolvidas em sociedades nas quais os estereótipos e estigmas são a base predominante dos discursos e do imaginário social. Neste sentido, podemos observar que quando se trata de violência contra mulheres negras, esta vem acrescida da discriminação étnico-racial que se soma a discriminação de gênero presente na violência praticada contra mulheres brancas. Uma grande parcela das mulheres negras encontra-se em situação de extrema pobreza e sem acesso à educação e às políticas públicas e, por isso, vivem em exclusão social. Todos estes aspectos potencializam e favorecem a prática do racismo e da violência física, psíquica, sexual entre outras. Essa situação se agrava com o fato de que as políticas públicas sobre o tema ainda são poucas, precárias e de difícil acesso. Desta forma, deixando as mulheres afrodescendentes desprovidas da atenção necessária não somente em relação à cessação como também à recuperação e superação das sequelas advindas das violências sofridas, principalmente no aspecto emocional. Por fim, por um lado, destacamos a percepção trazida por nossos estudos no que tange à reprodução, por parte de revistas, livros e outras publicações, de valores pautados em estigmas e estereótipos sobre as mulheres negras. Por outro viés, explicitou-se a necessidade de multiplicação de produções literárias e científicas que promovam a resistência de mulheres negras e demais segmentos sociais quanto a estes padrões racistas.

RESGATE CULTURAL E DE SABERES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO BURACÃO, MINEIROS, GOIÁS

Diana Silva de JESUS (UNIFIMES)
dyannajesus@hotmail.com

Sabine LANZER (UNIFIMES)
sabine.lanzer@terra.com.br

Sérgio Luiz de SOUZA (UNIFIMES)
srgioluz@fimes.edu.br

Nesta comunicação temos como objetivo apresentar reflexões sobre estudos das relações da comunidade com o meio ambiente e os saberes culturais, conhecimentos estes repassados de geração para geração. Juntamente com um membro da comunidade Quilombola do Buracão no município de Mineiros, Estado de Goiás e presidente da Associação da mesma, vemos a necessidade de dar visibilidade à comunidade, principalmente no que se refere ao saberes que sustentam este quilombo. Saberes estes silenciados ou marginalizados pela literatura e outros meios de circulação do saber das produções hegemônicas na nossa sociedade. Os saberes e tradições da comunidade do Buracão foram levantados através de questionário semi-estruturado. A comunidade tem mais de 150 anos de história e hoje conta com a certificação da Fundação Cultural Palmares. Atualmente vivem 5 famílias na mesma, compostas basicamente por adultos e idosos; os jovens a abandonaram tendo em vista a dificuldade de manutenção financeira através de atividades agrícolas e pecuárias desenvolvidas na mesma. Atualmente a principal fonte de renda é a aposentadoria de alguns membros, pois a produção agropecuária local é voltada para subsistência. Recentemente foi aprovado um projeto para produção de mudas de espécies arbóreas nativas do cerrado, o que proporcionará nova fonte de renda. Tendo em vista todo este cenário evidencia-se a relação estreita da comunidade com o ambiente, que embora já tenha sido significativamente alterado, inclusive através de corte raso da vegetação nativa, mas que está em franca recuperação, e é de relevante importância para a mesma. A coleta de sementes é apenas uma das atividades viáveis para esta comunidade, assim como o manejo do gado em áreas de cerrado em pequenas lotações causando o mínimo de impacto ambiental, e o uso de plantas medicinais e sua manufatura e comercialização. O resultado reflete a relação da comunidade com o ambiente natural. A variedade de saberes desta comunidade relacionados ao ambiente natural e a sua subsistência, além de diversos outros saberes relacionados à cultura quilombola, é o que se buscou conhecer. Fazemos este movimento como meio de resistência cultural e, até mesmo, de sobrevivência para que este quilombo possa permanecer vivo com seus saberes e suas tradições e reforçar os seus desejos, suas resistências e lutas sociais e fazer com que a vida possa seguir adiante com mais alegria e entusiasmo nos territórios quilombolas

O MUNDO À REVELIA DE FERRÉZ E CUTI

Rosangela Sarteschi (FFLCH/USP)
rosecpq@usp.br

Esse trabalho pretende fazer, a partir da análise do ponto de vista nas narrativas breves focalizadas, uma reflexão acerca da violência dos espaços urbanos marginalizados e sua recriação simbólica no âmbito do texto literário nos contos “Pega ela”, de Ferréz e “Um lapso”, de Cuti.

UM DANDY NEGRO ENTRE O RIO E PARIS NA BELLE ÉPOQUE: OS CONTOS DE JOSÉ DO PATROCÍNIO FILHO

Carlos Francisco de Morais (UFTM)
carfranmo@hotmail.com

O objetivo desta comunicação é investigar a representação da vida noturna nas cidades do Rio de Janeiro e Paris, no período histórico conhecido como Belle Époque, tal como é feita nos contos do livro Mundo, diabo e carne, de autoria do escritor, jornalista e diplomata, José do Patrocínio Filho, cujo pai foi o grande abolicionista de mesmo nome. As narrativas dessa obra refletem a multiplicidade de interesses de seu autor, que circulava tanto nos meios diplomáticos do Rio, Paris e Amsterdã, quanto no submundo dessas e outras cidades de destaque na Belle Époque, tendo, inclusive, sido preso como espião alemão durante a I Grande Guerra. Interessa-nos avaliar o contraste entre a maneira como as narrativas do livro apresentam a vida no bas-fond carioca do início do século XX e aquela utilizada para descrever o high-life parisiense do mesmo período, cada qual com seus personagens mais característicos. Nesse contexto, será possível verificar a presença e a relevância, para a constituição da literatura de Zeca do Patrocínio, de personagens e temas ligados diretamente à experiência do negro brasileiro; além disso, também se buscará discutir a propriedade da aplicação a essa literatura de uma definição como literatura negra ou literatura afrobrasileira, assim como se existem nas narrativas, internamente, a identificação de seus narradores como portadores de uma visão de mundo fundamentada no pertencimento à cultura afrobrasileira.

**NARRATIVAS DA NEGRITUDE: AS EXPERIÊNCIAS DO GRUPO DE
TEATRO NEGRO TRAVESSIA E DO DIRETOR TEATRAL PEDRO PAULO
DA SILVA**

Marta Brandão Resende CARNEIRO

Ricardo Wesley MARTINS

Sérgio Luiz de Souza (UNIFIMES)
srgioluz@fimes.edu.br

Propomos nesta comunicação expor os resultados de nossa tese de doutoramento acerca do protagonismo das populações negras e das redes sociais que estas populações constituíram para superar os entraves colocados pelo racismo e, também, para produção de narrativas positivas a respeito de sua história e de suas culturas com a positivação de suas identidades. Por meio de entrevistas semiestruturadas e da interpretação de documentos escritos e iconográficos, realizamos interpretações que nos permitiram compreender a abrangência e a relevância de diversas formas de organizações que os/as afro-brasileiros/as criaram nas regiões do nordeste paulista e do triângulo mineiro, entre as décadas de 1930 e 1990. Dentre clubes recreativos, times de futebol, associações carnavalescas e de auxílio mútuo, grupos de capoeira e outras organizações, destacamos para este seminário os grupos de teatro e cultura negra, particularmente o Grupo de Teatro Negro Travessia, fundado em Ribeirão Preto, São Paulo, no início da década de 1970, por Pedro Paulo da Silva. Pedro Paulo, como era comumente chamado, é reconhecido como um grande diretor teatral que, por meio da atuação à frente de organizações negras ao longo de sua vida, surge como importante líder e artífice de ações que marcaram a afirmação das identidades e das diferenças dos afro-brasileiros com grande importância a partir da década de 1970. Sua atuação, além do combate ao

racismo por meio do teatro, dança e poesia, com a inclusão da capoeira e outras expressões das populações negras é um dos pilares das lutas antirracistas do século XX no Brasil. Um homem que era filho de uma mulher negra solteira conseguiu subverter as normas da exclusão e tornar-se um líder autodidata, pois, apesar de possuir apenas o quarto ano primário, conduzia espetáculos teatrais diversos e mantinha contatos com diferentes segmentos das populações brancas e negras. O Grupo Travessia dirigido por Pedro Paulo foi um espaço de geração de expressões importantes na reinvenção e ocupação de espaços urbanos e para construção de referenciais positivos constituintes de narrativas que colocaram a história e a cultura dos africanos e afro-brasileiros/as em um patamar de respeitabilidade e legitimidade social.

AUTORRETRATO CEDRINO: EDUCAÇÃO DIGITAL COMO MEIO DE VALORIZAR A VOZ DOS SILENCIADOS

Marta Brandão Rezende CARNEIRO (Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Mineiros)

brandaocarneiro@yahoo.com.br

Sérgio Luiz de Souza (UNIFIMES)
srgioluz@fimes.edu.br

Nesta comunicação temos o intuito de expor os resultados de nossa pesquisa acerca do universo sociocultural da Comunidade Quilombola do Cedro, presente no município de Mineiros, Goiás. Em nosso percurso de investigação nos guiamos pelos objetivos de reconstruir a memória e história da Comunidade Quilombola do Cedro e, neste sentido, tivemos como ação primordial a delimitação de uma ação de aproximação com a comunidade, objetivando compreender o seu mundo, sua cultura, suas raízes, seus sonhos e angústias. Desta forma, uma das principais hipóteses baseou-se na necessidade de construir uma relação de respeito para superar a frieza, a desconfiança e a resistência dos cedrinos, já cansados das falas não cumpridas de diferentes agentes que ali chegaram com promessas de auxílio à comunidade. Sendo assim, o objetivo primordial deste trabalho foi o *levantamento do universo vocabular* da comunidade, construindo junto aos jovens e adultos seu próprio material, priorizando a linguagem de suas vivências cotidianas e os valores nestas contidos; para, desta maneira, construirmos uma pedagogia intercultural e não multicultural. Neste caminho, procuramos conduzir os participantes quilombolas a descobrirem a utilidade do computador e direcionar suas ações para o registro histórico da comunidade onde vivem, colaborando para a elevação da autoestima e, conseqüentemente, a recomposição de sua história e sua cultura, aspectos tão negligenciados e tornados invisíveis pelos discursos hegemônicos. Utilizamos a educação digital como mediadora, pois entendemos que o almejado com a prática educativa embasada na digitabilidade é expressar que as novas tecnologias não devem definir os rumos e conteúdos de nossas vidas, mas nós é que devemos participar dessas mudanças e darmos sentidos às mesmas, de forma ativa. Como resultado da pesquisa, conseguimos reconstituir um quadro denso de significados, permeado por uma postura crítica dos membros da comunidade, postura baseada na valorização das formas de sociabilidade, das experiências, dos saberes, enfim, de todo patrimônio histórico e cultural dos quilombolas por eles mesmos e por estes pesquisadores. A superação da invisibilidade social e o combate a discriminação étnico-racial concretizaram-se em uma diversidade de cores e tamanhos, através de desenhos ou pela simples descoberta de

palavras familiares tornadas sorrisos, (re)conhecimento de si e de seu universo de vida, identidades positivas, em uma palavra, autoestima.

A ATUALIDADE DE LUIZ GAMA E DE SUAS LUTAS: A COMPREENSÃO DA REALIDADE SÓCIO-ÉTNICO-RACIAL NAS AMÉRICAS POR MEIO DA RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA E DA CULTURA DE PERSONAGENS AFRO-BRASILEIROS/AS

Ariovaldo Rezende FELIZARDO

Jenete Vilela SOUZA (UNIFIMES)
jenete@fimes.edu.br

Sérgio Luiz de SOUZA (UNIFIMES)
srgioluz@fimes.edu.br

Nesta comunicação pretendemos apresentar a importância de pesquisas voltadas ao estudo de personagens e realidades históricas desqualificadas e/ou marginalizadas pelos discursos predominantes nos espaços educativos e outros meios de produção de referências de nossas identidades e concepções de mundo. Percebemos as limitações dos conteúdos dos materiais didáticos e demais meios de circulação de saber utilizados nos processos educacionais brasileiros, na medida em que estes meios traduzem discursos enviesados pela desqualificação e tentativa de soterramento da memória e das histórias das populações de origem africana. Com revisão bibliográfica e por meio de interpretação de materiais didáticos e periódicos (jornais e revistas) nos pautamos por compreender as limitações das representações e concepções de mundo presentes nestas fontes. Paralelamente, objetivamos constituir propostas de atuação de educadores, legisladores e outros agentes sociais para a superação do imaginário eivado de estereótipos e estigmas com convenções sociais produtoras de exclusão, particularmente para populações afrodescendentes. Buscamos perceber as possibilidades de definições de belo, bom e verdadeiro, a partir de outras concepções, neste caso, as produções referentes à história de Luiz Gama, um dos muitos heróis negros que o discurso hegemônico tentou silenciar e desqualificar. Temos como resultados, até o momento, a percepção da existência de discursos diversos produtores de possibilidades de leitura e de entendimento do mundo baseadas na valorização da diversidade sócio-étnico-racial. No mesmo sentido, percebemos instrumentos para a superação da desigualdade por meio da reconstrução e valorização da história e da cultura de afro-brasileiros/as que são tornados invisíveis pelas narrativas racistas. Desta forma, conseguimos reconstruir referências que dão substância à formação das identidades, para além da lógica da desqualificação e/ou da marginalização social imposta pelas normas hegemônicas

UMA REFLEXÃO SOBRE AS CONDIÇÕES SOCIAIS E HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES NEGRAS A PARTIR DA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Andréia Cândido PEREIRA

Irondina de Fátima SILVA (UNIFIMES)
irondina@fimes.edu.br

Sérgio Luiz de SOUZA (UNIFIMES)
srgioluz@fimes.edu.br

Nesta comunicação pretendemos apresentar os resultados de nossas reflexões a respeito da condição feminina no Brasil, particularmente no que se refere às condições de vida das mulheres negras e as implicações do machismo e do racismo em suas trajetórias de vida na sociedade brasileira. Objetivamos também trazer para discussão a importância da produção artística, literária e científica de autoras de descendência africana para a construção de conhecimentos mais amplos e para uma postura crítica, fora dos padrões impostos pelo discurso hegemônico a respeito dos conteúdos e discursos veiculados socialmente sobre as mulheres afro-brasileiras. No caso de nossas pesquisas, por meio do recurso metodológico da revisão bibliográfica com foco em obras da autora Carolina Maria de Jesus e de estudos em revistas e outros periódicos, pudemos produzir interpretações sobre a condição das mulheres negras e sobre a importância de estudarmos autoras, que mesmo com grande repercussão internacional, têm suas produções marginalizadas e silenciadas pela lógica racista e machista em que estão pautadas as relações de gênero e as relações étnico-raciais em nosso país. A obra *Quarto de despejo* da autora citada contribui neste contexto para que possamos constituir novas políticas públicas geradoras de maior autonomia e pleno exercício da cidadania para as mulheres negras. Esta cidadania e as políticas públicas vêm no sentido de promover a igualdade com necessidade de avançar no enfrentamento de todas as formas de discriminação e subordinação do reconhecimento das particularidades de gênero e étnico-raciais, entre outras. Este reconhecimento apresenta-se em nossas pesquisas como reconstrução dos valores que regem os espaços públicos e privados, assim como a positivação das identidades sociais do contingente feminino e negro em nosso país. Neste contexto, o estudo propiciou a condição de percebermos a forte presença dos estereótipos e estigmas dos discursos predominantes nos espaços de ensino, nas mídias e outras esferas. Por outro lado, demonstrasse a importância da revalorização dos discursos provenientes das produções literárias, artísticas e científicas, além das lutas, destas mulheres afrodescendentes e de outros grupos muitas vezes silenciados e marginalizados.

A CONSTRUÇÃO DA EXCLUSÃO PELO SISTEMA DE EDUCACIONAL BRASILEIRO

Ricardo Wesley MARTINS (Secretaria Estadual de Educação de São Paulo)
prof.ricwmartins@gmail.com

Sérgio Luiz de SOUZA (UNIFIMES)
srgioluz@yahoo.com.br

Neste artigo temos como objetivo demonstrar as reflexões que realizamos em nossa pesquisa do curso de especialização em Educação Inclusiva, Lato Sensu, pelo Centro Universitário Barão de Mauá, em Ribeirão Preto, São Paulo. Tivemos como intuito interpretar os processos de exclusão dos afro-brasileiros, principalmente no que se refere à invisibilidade e ao silenciamento da história e cultura deste seguimento populacional no e pelo sistema educacional brasileiro. Como ponto de partida, assumimos como hipótese o entendimento de que as relações de poder, bem como a manutenção da desigualdade étnico racial em nosso país não são fundamentadas apenas

na desqualificação de base fenotípica, na qual a cor da pele é a principal referência para a geração dos estereótipos e estigmas. Em nossos estudos, ficou patente a relevância da estigmatização das expressões culturais desenvolvidas pelos afro-brasileiros, juntamente com o aspecto fenotípico, como constituinte central do racismo em nossa realidade nacional. Buscamos, portanto, apresentar as particularidades do racismo e de seus resultados na constituição das relações entre negros e não negros, dimensão que se expressou como resultante de diferentes aspectos que confluem na materialização das relações de exclusão e silenciamento da população negra na sociedade em geral e, especialmente, no contexto escolar.

GRUPO TEMÁTICO 5: VOZES LITERÁRIAS AFROFEMININAS: TRANÇADOS E TESSITURAS

COORDENADORA: Profa. Dra. Ana Rita Santiago(UFRB)
 Profa. Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 anaritasilva@ufrb.edu.br

A escrita literária de mulheres negras, aqui reconhecida como *literatura afrofeminina*, constitui-se em uma produção relevante de *práticas discursivas* de reinvenções de si/nós diante das preconizações de personagens negras femininas subjugadas, não só ao poder masculino, mas também a representações, discursos e narratividades, envoltos de subalternidades e depreciações as suas diversidades. Ademais essa escrita provoca uma reversão das práticas de silenciamento de suas vozes, permitindo-lhes inventar poéticas e ficções amparadas em construções de feminismos/feministas negros, afirmando suas identidades e diferenças. Com isso, a escrita delas, enquanto *formas de subjetivações*, institui um discurso de si/nós também como prática social, isto é, interage com múltiplas vozes, pois com a escrita de si recriam-se remendos de recordações que se quer lembradas, individual e coletivamente, desfazem trapos de ditos sobre si/outras que as colocam inferiorizadas, que se desejam esquecidos, se ficcionalizam vivências e trajetórias e se inventam narrativas e poéticas em que se cosem fios, fiapos e retalhos de dizeres de si/outras. Assim este Grupo Temático apresenta-se como uma *Roda de Conversa*, no I Síliafro – I Simpósio Internacional de Literatura Afrolatina, inserindo-se no eixo temático *Diáspora, literaturas: afro-brasileira e afro-americana* em que poderão ser socializados trançados e tessituras sobre literatura afrofeminina, representações e escritas diferenciadoras de si/outras, de femininos e feminismos negros.

TEIAS DA MEMÓRIA: TECENDO HISTÓRIA DE MULHERES

Cátia Cristina Bocaiuva MARINGOLO (UNESP)
maringolocatia@gmail.com

Claudia Fernanda de Campos MAURO

Quantos retalhos são necessários para que a memória de um povo, de uma cultura e de uma história seja construída? Quantas teias de memórias precisam ser tecidas para que as mulheres negras possam tornar sonoras suas reivindicações, tão esquecidas e apagadas? Partindo dos romances *Ponciá Vicêncio* (2003), da escritora Conceição Evaristo e *Beloved* (2004), da escritora Toni Morrison objetiva-se analisar a importância da memória, da relembração, como fator político e questionador na literatura de escritura afro-feminista. A memória do passado serve, não somente como resgate das

origens — dos que já foram — mas, principalmente, como caráter constitutivo da identidade das personagens femininas dentro da narrativa. Por meio da revisitação de seus passados, não somente pessoal, mas também coletivo — de um povo e de uma cultura — as personagens mulheres-negras tecem a própria história, tentando afirmar e justificar a sua própria existência. Ao mesmo tempo em que a relembração do passado as constitui como sujeitos — que torna audíveis seus discursos — a teia da memória que é tecida leva conseqüentemente ao esquecimento, ao riso que é ao mesmo tempo choro, a alegria que se transforma em tristeza. Relembrar significa, ao mesmo tempo, esquecer. A memória considerada coletiva — por se tratar da história dos negros em duas sociedades escravistas — e também como memória individual, é constitutiva dos sujeitos mulheres que protagonizam estes romances. As protagonistas dos romances, por meio da rememoração pretendem tornar audível um discurso que não se limita somente àquele marcado por questões como “raça” ou “gênero”, ou mesmo a um discurso baseado em distinções dicotômicas e estanques entre categorias possíveis de *performance* masculina e feminina, negra e branca, caindo em um racismo e machismo às avessas. Estes romances pretendem realizar um questionamento dos pilares que sustentam uma sociedade dita democrática e igualitária, um questionamento da História baseada, muitas vezes, na voz dos chamados vencedores. É importante ter em vista que a memória representa um fator comum e determinante na constituição destas identidades. A tessitura da rememoração é um trabalho árduo, demorado e penoso, mas é por meio desta relembração rememorada que a história das personagens torna-se viva.

CORPO E CORPOREIDADE NA POESIA DE ALZINA RUFINO

Claudemir da Silva PAULA (UNIR/UNESP)
clauemirpaula@gmail.com

O que interessa na problematização desta comunicação é a discussão da construção da identidade da mulher negra a partir das expressões ligadas ao corpo e a representação da corporeidade nas obras *Eu, mulher negra, resisto* (1988) e *Bolsa poética* (2010) de Alzira Rufino. A proposta objetiva tornar perceptíveis os imaginários do corpo presentes nos poemas, as maneiras como são simbolizados e como articulam novas formas de elaborações de esquemas corporais, rompendo com os múltiplos e difusos elementos que determinam espaço restrito da corporeidade da mulher negra. A análise remete ao exercício reflexivo comparativo e implica, necessariamente, a interdisciplinaridade na abordagem teórico-metodológica, dialogando com a Grosz, Butler, Appiah, Fanon, Hall, Babha, Breton e Anzaldúa. O conceito de corpo é de cunho sociológico: objeto concreto de investimento coletivo que reflete um conjunto de conceitos culturalmente construídos e refrata práticas e discursos diversos. A corporeidade é entendida como fenômeno de relação da mulher negra com o mundo, motivo de simbologias e representações fundamentalmente construídas no entrecruzamento de lógicas culturais híbridas. A hipótese é de que, a partir da autoafirmação “do ser negra no mundo” Rufino se contraponha à rejeição do corpo negro feminino expresso em simbologias estéticas do mundo ideal branco, criando para si, no espaço intersticial da literalidade, mecanismos de simbolização positiva do corpo da mulher negra. Seus poemas não são somente um contraponto ao discurso oficial da beleza idealizada, mas uma linguagem criadora capaz de ressignificar atributos corporais de uma coletividade marginalizada. E, por assim ser, apresenta-se como um

fenômeno complexo, não se reduzindo à perspectiva de objeto registro, mas condição para sua existência no mundo. A identidade da mulher negra se faz, reflete e refrata a partir das expressões de seu corpo, na vivência de sua corporeidade. A “essência” dessa identidade é simbolicamente construída a partir do corpo num processo particular e de particularidades da escritura feminina negra.

ESCRITA DO CORPO E OUTRAS SUBJETIVIDADES NA LITERATURA AFROFEMININA

Cristian Souza de SALES (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE VERA CRUZ)

crissaliessouza@gmail.com

O presente trabalho se propõe a analisar a escrita do corpo feminino na literatura produzida por mulheres negras. Para tanto, foram escolhidas as poesias de Miriam Alves, uma das muitas vozes que tem elaborado outras imagens para o corpo feminino negro. São tessituras poéticas constituídas por subjetividades que desvencilham este corpo de representações depreciativas criadas no discurso da dominação masculina.

AFRODESCENDÊNCIA E LESBIANISMO EM *THE GILDA STORIES*, DE JEWELLE GOMEZ

Fernanda Sousa CARVALHO (UFMG)

fernandasousac@yahoo.com.br

Vampiros sempre foram usados na literatura como símbolos da transgressão de normas e da subversão de papéis sociais, inclusive aqueles relacionados às questões de sexualidade, gênero e raça. Em consonância com teorias que postulam que essas questões estão interrelacionadas na construção de identidades, este trabalho analisa como o romance *The Gilda Stories*, da escritora afro-americana Jewelle Gomez, explora o potencial de representação da alteridade do vampirismo. As idéias de uma sexualidade exacerbada, não constrangida por normas morais, e de uma raça inferiorizada e marginalizada, obrigada a viver num meio no qual se sente deslocada, fazem do vampiro uma metáfora útil para a discussão do preconceito contra homossexuais e negros. Gomez caracteriza suas personagens vampiras com referências ao lesbianismo e à afrodescendência e imagina possibilidades de relações afetivas entre mulheres num contexto em que elas precisam se unir para sobreviver à opressão por valores patriarcais e racistas. Tais personagens vivem ao longo dos séculos, experienciando formas alternativas de relacionamentos e interpretando a sociedade ao seu redor sob a perspectiva de quem já não pertence mais ao mundo dos humanos. Este trabalho demonstra que a forte ligação que as personagens vampiras mantêm entre si no romance de Gomez se dá pelo sangue que compartilham, o que sugere a possibilidade de formação de uma comunidade de mulheres unidas por uma identidade afro-descendente.

ESCRITORAS BAIANAS EM REVISTA

Camila Nascimento CARMO(UFRB)
camila.ncarmo@gmail.com

Carolina Sena de MENESES(UFRB)
carolina_msena@hotmail.com

Monalisa Valente FERREIRA (UNILAB)
monalisa@unilab.edu.br

Os estudos referentes às relações de gênero têm procurado reverter o quadro de séculos de dominação e buscam a visibilidade de mulheres em diversas instâncias sociais. Esta comunicação objetiva discutir e divulgar resultados parciais da pesquisa intitulada “Mulheres em revista: escritoras baianas nas páginas dos periódicos”. A referida pesquisa procura contribuir com o processo de visibilização de escritoras baianas, no sentido de rever e questionar a quase/ausência de referências à produção daquelas mulheres em nossa história literária, com foco nos primeiros decênios do século XX, em periódicos de variedades e/ou literários. Convergem, assim, dois aspectos tratados como eixo metodológico: a recuperação de fontes dispersas em arquivos públicos e privados e a ressignificação de textos produzidos por mulheres baianas em tais fontes. Isto possibilita pensar práticas discursivas de cuidados com nossa documentação e de repensar motivos de produções de um Estado – e, especificamente, de escritoras – ficarem à margem e serem acobertadas pelas poeiras dos arquivos. A tarefa de escavar as fontes, adormecidas por motivos vários, é árdua, mas permite configurar uma época e rever a nossa memória literária e cultural. Assim, com um trabalho de busca de textos de autoria feminina em periódicos dispersos em arquivos públicos e privados, esta comunicação pretende demonstrar como naquele material insere-se o duplo sentido do termo “revista”: ora como materialidade do objeto em que os textos ainda jazem, ora como *revista* da movimentação das mulheres a contrapelo das tentativas de tolhimento de seus acessos ao campo literário.

A ESCRITA DA MULHER NEGRA: CATANDO E ESCRREVENDO PALAVRAS

Neidjane Goncalves dos Santos (Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca) neidjane.goncalves@yahoo.com.br

O presente trabalho tem como objetivo trazer à tona a voz de uma das escritoras negras que contrariou o seu tempo social e histórico. Posta a época da sua atuação enquanto escritora reconstruiu um espaço que não era destinado às mulheres negras. Espaço esse de rompimento do silêncio, da marginalização, do rompimento com os espaços de negação, subalternização e inferioridade que destinou a essas mulheres as delimitações de classe, de gênero e de raça.

Perpassar por sua trajetória de vida nos mostrará uma mulher negra que enfrentou diariamente as contradições entre ser/estar numa classe social econômica baixa e perambular entre as suas escritas que lhe conferiram diversas obras com intensa relevância, ainda que seja esta uma escrita menosprezada por grande parte dos literatos brasileiros.

Apesar das difíceis condições que marcaram seu percurso, por ser negra e pobre, a escrita de Carolina por meio do seu caráter denunciativo traz a cena uma cultura hegemônica excludente, ao mesmo tempo em que, evidencia a relevância do testemunho

como forma de denuncia, além de atalho para uma releitura social de uma das faces inconfessadas do Brasil.

A pretensão é construir um discurso onde a tessitura literária de Carolina Maria de Jesus possa ser ressaltada e demarcada a partir da maneira como imprime as formas que trança a escrita de sua vida no espaço/tempo de contestação da realidade brasileira, bem como destacar/oferecer o reconhecimento devido no cenário social/político/histórico do Brasil neste momento de releitura das relações étnicorraciais.

Almeja-se a partir da voz de Carolina Maria de Jesus valorizar vozes de mulheres negras que constroem, por meio de estratégias diversas, saídas para o enfrentamento à sua condição, imposta hegemonicamente, de subalternas.

Com este intuito abordaremos os teóricos Bakhtin e Amossy sobre análise do discurso; Spivak que trata sobre a subalternidade; Toledo e Palmeira que abordam a trajetória de vida de Carolina; além de Pollack e Nora que trataram sobre memória.

VOZES AFROFEMININAS NA LITERATURA COLOMBIANA

Francineide Santos Palmeira (UFBA)
francineidepalmeira@yahoo.com.br

A antologia afro-colombiana; *Negras Somos!/: Antologia de 21 Mujeres Poetas Afrocolombianas de la Región Pacífica* (2008), organizada por Guiomar Escobar e Alfredo Zamorano, consiste em uma coletânea publicada em espanhol, composta pelas produções de 21 poetisas afrodescendentes da Colômbia, proveniente da Região Pacífica, como já evidencia o subtítulo da publicação. Esta coletânea representou um marco para a literatura da Colômbia, não apenas por ser a primeira antologia afro-feminina do país, mas também por ser uma publicação que contribuiu para difundir nacionalmente a produção literária das escritoras afro-colombianas. Tendo em vista as informações anteriores, o texto *Representações de afrodescendência na antologia ; Negras Somos!* busca analisar como são construídas as representações de afrodescendência na produção literária das escritoras que publicaram nesta coletânea. Para realização deste estudo, tem-se privilegiado uma análise embasada em textos dos Estudos Culturais e da Afrodescendência, além de textos que discutam maneiras contemporâneas de representações de gênero. De modo geral, o desenvolvimento deste estudo tem demonstrado que há tanto produções poéticas que trazem como tema basilar a memória histórica dos afro-colombianos quanto poemas que abordam as tradições e culturas deste grupo étnico-racial. Todavia, é importante ressaltar que além das características supracitadas, há uma terceira particularidade nas produções desta coletânea que se relaciona diretamente ao território de origem das escritoras em questão: a presença de produções que apresentam poeticamente os elementos do meio ambiente da Região Pacífica, uma região em que há um predomínio da população negra. Faz-se relevante destacar ainda que este ensaio integra as reflexões da pesquisa de doutorado, ainda em desenvolvimento, intitulado *Vozes afro-femininas na América Latina* no qual se pretende discutir as representações de afrodescendência nas produções de escritoras negras no Brasil e na Colômbia.

REINVENÇÕES DE SI E DE OUTR@S NA LITERATURA AFROFEMININA

Ana Rita Santiago(UFRB)

anaritasilva@ufrb.edu.br

A literatura produzida por mulheres, por muito tempo, esteve ausente de cenários literários. Mais que isso, seu apagamento e invisibilidade são marcas que até o século XVIII que indicam um cânone quase exclusivamente masculino. No Brasil, na história literária, são poucas as escritoras brasileiras que aparecem em seus capítulos. Quando se trata de produções literárias de autoras negras, a situação se agrava mais ainda, uma vez que o desconhecimento de suas obras e de seus nomes sinaliza o cerceamento de suas vozes autorais. Ainda assim, elas escrevem tensionando práticas de interdição de suas escrituras e reinventando modos, feições, vozes de si, de outr@s, de Áfricas e Africanidades. Nesta perspectiva desfila a Literatura Afrofeminina que opera como um projeto literário que se apresenta como um processo contínuo de (re) invenções de memórias, histórias e narrações sobre identidades, femininos e feminismos negros. Há por ela um “retorno” dinâmico ao passado, ou seja, há um reconto de memórias ressignificadas, aliado a cenas de histórias, sonhos, vivências e resistências, no passado e no presente, vislumbrando cenas e agendas que gerem sonhos e conquistas no futuro. Diante disso, o texto *Reinvenções de Si e de Outr@s na Literatura Afrofeminina* tem como abordagem *Mulher e Literatura*, tendo como enfoque autoria feminina negra. Seus objetivos são (des) mobilizar o apagamento de vozes negras femininas na historiografia literária e, concomitantemente, forjar possibilidades de se conhecer a produção de autoria feminina negra.

MULHER NEGRA E ATRIZ: RUTH DE SOUZA

Susilene Ferreira de Oliveira (UFU)
susifeoli@yahoo.com.br

Refletir sobre o processo cultural e histórico do trabalho artístico de Ruth, a partir de um olhar de artista negra e estabelecer fatos, sistematizando uma trajetória que se destine ao outro, é um dos objetivos que nos motiva a propor um projeto de pesquisa sobre Ruth de Souza, Mulher Negra e atriz. A mulher negra tem sido, ao longo de nossa história, a maior vítima da profunda desigualdade racial vigente em nossa sociedade. O afro-descendente traz, impregnado em seu corpo, reminiscências de um passado, de uma identidade, de uma memória social e essa identidade é revelada por um corpo textual, que traduz a história de um povo. É sobre esta memória dramática que se pretende desenvolver um trabalho, especialmente no que tange à mulher, à negra, à atriz, à ancestralidade afro.

A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM TRÊS CONTOS DE INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES

Stefane Soares Pereira (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA)
stefane87@gmail.com

O propósito deste trabalho é analisar três contos do livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), da autora negra brasileira Conceição Evaristo. Nesta obra, Evaristo

reúne histórias de mulheres negras que desafiam o processo de viver e aprendem a enxergar o sexismo presente no âmbito das relações sociais.

“Aramides Florença” é o primeiro conto do livro. Em meio à história de uma criança cuja oralidade se omitia em balbucios conhecemos a suspeita do motivo de silêncio de seu bebê. Durante a gravidez a personagem sofre pequenos atos de violência do pai de seu filho.

“Shirley Paixão” é o terceiro conto do livro, aborda a vivência de uma mulher que se unindo a um novo companheiro adota afetivamente as três filhas dele. Concomitantemente aos cuidados da filha mais velha de seu companheiro, que guardava um silêncio muito particular, Shirley descobre o abuso sexual sofrido pela menina.

“Lia Gabriel” é o décimo conto da obra. Trata da perseverança de uma mãe cuja razão de viver são os seu filhos, sendo um deles uma criança esquizofrênica, que desenvolve o distúrbio após presenciar a violência do pai contra mãe quando tinha menos de dois anos.

Ao nos envolvermos com esses relatos entendemos o porquê do uso do termo “vítima” por feministas negras como bell hooks (1989; 2000) e Carol Boyce Davies (1994). Os relatos ouvidos pela narradora da obra de Evaristo confirmam os argumentos destas feministas que afirmam que toda mulher negra já sofreu ou exerceu algum tipo de agressão na relação negro-negro, independente da ordem (direta ou indireta física ou verbal).

NO ENSAIO DA ‘ESCRITA DE SI’: A ESCRITURA RASURADA DE CAROLINAMARIA DE JESUS

Fabiana Rodrigues CARRIJO (PPGEL/UFU)
facarrijo@gmail.com

Resumo Este trabalho pretende se ocupar da escrita singular de Carolina Maria de Jesus, especialmente, na obra intitulada Quarto de Despejo – diário de uma favelada (1960) que ao assumir uma função/posição-sujeito dentre tantas outras possíveis em conformidade com Foucault (2009) opta por delinear o relato do dia a dia, permeado pela mesmice dos fatos e repetível na dificuldade de sobrevivência. Os dias são e serão sempre iguais assim como as expressões iniciais de cada dia anotado. Nesse sentido, o sujeito-autor, enquanto instância passível de ser atribuído um estatuto e, conseqüentemente, uma responsabilidade e/ou ainda uma punição empreende/toma para si a difícil e singular tarefa de relatar os dias. Faremos, ainda, uma breve incursão teórica em torno do conceito de gênero discursivo e esta tomará por base o pensamento bakhtiniano com o intuito de melhor elucidar sobre ‘a escrita de si’, nos moldes foucaultinanos. Dessa forma, insiste-se, aqui, que os estudos fundados em Bakhtin se constituem base referencial para a base teórica deste trabalho representada pelos postulados foucaultianos. Nesse exercício de leitura quatro textos são balizares: O que é o autor? (FOUCAULT, 2009); “A escrita de si” (FOUCAULT, 2009), O livro por vir (BLANCHOT, 2005) e Marxismo e Filosofia da Linguagem (1997). No quarto de despejo (a favela), que era pequeno demais para abrigar/dar guarida a um sujeito histórico/ideológico/social marcado/ singularizado por suas inscrições políticas e ideológicas, Carolina esquadrinha a possibilidade de tecer um diário que a par de anotar as aflições/apoquentações do dia a dia, desvela as agruras de seus irmãos de cor e, em última instância, de todos os favelados. O sujeito em sua função e/ou posição de autoria se vale da ‘escrita de si’ como forma de preencher sua solidão, de tal modo encontra nos

cadernos encardidos, ou melhor, nas fissuras dos cadernos encardidos, a premente necessidade e garantia de preservar os dias anotados.

MULHERES DE ATENAS: TRADIÇÃO E RUPTURA EM *O GUARDADOR DE MEMÓRIAS*, DA ANGOLANA ISABEL FERREIRA

Franciane Conceição da SILVA (UFV)
francyebano14@hotmail.com

A literatura angolana tem se projetado no cenário das letras, mormente através da sua produção masculina, de que são exemplos obras tais como as dos escritores Pepetela e Agualusa. Contudo, um novo olhar tem sido lançado sobre manifestações poéticas importantes, a saber, de autoras com Alda Lara e Ana Paula Tavares. Este trabalho pretende dar uma maior visibilidade para a obra ficcional da escritora angolana Isabel Ferreira, através da crítica de seu romance *O Guardador de Memórias*. Neste, a autora se fundamenta na concorrência de várias vozes constitutivas das personagens, e constrói um painel de resistência ao discurso andocêntrico, elegendo como temática a questão do uso do corpo, enquanto elemento desafiador da ordem vigente e a não essencialização do gênero feminino, enquanto uma categoria fixa e pré-determinada em seus parâmetros. Guiarão esta proposta estudiosos da constituição do sujeito na linguagem, tais como, M. Bakhtin, Stuart Hall, Elisabeth Badinter, Assis Duarte, dentre outros.

GRUPO TEMÁTICO 6: INFÂNCIA E PÓS-COLONIALIDADE

COORDENADORA: Renata Flavia da Silva (UFF) - renataflaviasilva@gmail.com

No cenário contemporâneo da Literatura Angolana predominam obras que procuram redefinir Angola e sua história. Os espaços ficcionais observados retratam os conflitos de uma época marcada pela fragmentação, pela ambivalência e pelas incertezas de uma paz ainda recente. É neste cenário de transição, entre guerra e paz, entre as tradições e as inovações da modernidade, entre a África ancestral e a crescente ocidentalização que tais narrativas se desenvolvem. Verifica-se, em diversas obras, a reconfiguração dos papéis sociais outrora definidos pela colonização, inocência e crueldade são representações possíveis de uma infância marcada pelo trauma da experiência colonial e pela precariedade advinda das sucessivas guerras. A violência, em suas múltiplas formas, acompanha um discurso crítico que aponta, na realidade contemporânea refletida no literário, as dores e os conflitos da pós-colonialidade, o amadurecimento precoce e a frustração do tempo presente. Procuraremos, neste trabalho, recuperar brevemente a trajetória da representação infantil nas literaturas africanas, desde a infância presente nas narrativas tradicionais, tida como um tempo de aprendizagem e de experiências rituais, passando pela conscientização e à militância das utopias revolucionárias a partir da década de sessenta, com a figura significativa dos “jovens pioneiros” dos movimentos independentistas, até às novas configurações infantis ou juvenis, as quais se revestem de novas roupagens, ocupando ora o lugar da vítima, ora o lugar do algoz.

MORTE EM MIA COUTO – FIGURAÇÕES DA MORTE NA LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS

Camila Lima SABINO(UFF/CAp-UFRJ)
camilasabino@globocom

O surgimento tardio da infância enquanto instituição social e a necessidade do surgimento de produção literária que viabilizasse a formação desses seres geram até os dias atuais, discussões que visam aprofundar e entender como deve ser entendida a criança e o que deve ser disponibilizado ou censurado à sua apreciação. Nesse sentido, uma produção literária sempre foi premente, uma vez que por muito tempo, as crianças contavam apenas com adaptações de obras para adultos.

Obviamente, a história e a cultura delineiam diferentes infâncias, que de acordo com o contexto temporal e/ou espacial geram visões e produções literárias outras que não são observáveis no mundo ocidental. A infância africana, por exemplo, se apresenta completamente diversa à infância europeia e é com base nela que a discussão empreendida no presente trabalho se constrói.

A temática contemplada, ainda polêmica entre pais e educadores, é contundente em obras cuja cultura é permeada por guerras e, conseqüentemente, pela presença da morte: a maneira como personagens infantis vivenciam a morte, seja de forma concreta ou simbólica. A cultura de que se fala é a moçambicana cuja independência colonial ocorreu somente em 1975, a partir de uma guerra iniciada em 1964 e que não gerou o fim da atmosfera de guerra.

Os romances *Chuva Pasmada* (2004) e *O beijo da palavrinha* (2006) de Mia Couto por estarem distanciados do tempo de guerra efetiva mostram a temática diluída e transfigurada poeticamente, mas presente e importante. Os livros serão o território da pesquisa por exibir interações bastante intensas entre os protagonistas infantis e as perdas eminentes de parentes próximos. A escolha pelas obras e pelo autor se faz ainda pela mistura entre perspectivas tradicionais africanas e elementos da contemporaneidade, resultando em uma linguagem que deflagra esse processo de fusão. É possível notar ainda similaridades entre as crianças que se formam em meio às perdas vivenciadas e a sociedade moçambicana, que ainda em formação, carece de um entendimento maduro de suas rupturas e descontinuidades.

MOÇAMBIQUE, PÓS-80: A VIAGEM CLANDESTINA DA INFÂNCIA

Cíntia Machado de Campos ALMEIDA (UFRJ)
cintiamachado@ufrj.br

Moçambique é um dos países mais pobres do mundo. Em 2006, a renda nacional bruta per capita era de apenas US\$340. Altos índices de mortalidade, baixa expectativa de vida, escassez de alimentos, desnutrição, HIV, água inadequada para o consumo nas zonas urbanas, habitações superlotadas são alguns dos entraves ao seu desenvolvimento social. Reportamo-nos a uma realidade em que mais de 40% das crianças menores de 5 anos têm retardo de crescimento moderado ou grave. O acesso a serviços de cuidados essenciais de saúde é deveras limitado. A isso, somamos precárias condições de higiene e sanitário: apenas um terço da população utiliza instalações sanitárias adequadas. Um número considerável de bebês não é imunizado por nenhum tipo de vacina ao

nascer ou nos primeiros anos de vida. Quase dois terços da população vivem em áreas rurais, onde apenas um indivíduo em cada quatro tem acesso a fontes de água limpa para beber. Apesar das muitas iniciativas não governamentais presentes no país, atuando de modo significativo para atenuar o estado de calamidade social, a infância em Moçambique é para poucos. E para os fortes.

Uma vez elucidados os obstáculos impostos à sociedade moçambicana, indagamos: o que significa, afinal, *ser criança* em Moçambique? Tal questionamento orientará nossos apontamentos, que recairão sobre o panorama histórico moçambicano a partir dos anos que sucederam a independência do país.

Baseados em obras de Mia Couto e Roberto Chichorro, avaliaremos a infância como possibilidade de abordagem temática para a literatura e a pintura moçambicanas produzidas a partir da década de 80. Nosso trabalho está vinculado ao GT “Infância e Pós-colonialidade”, coordenado pela Professora Doutora Renata Flávia da Silva, da Faculdade de Letras da Universidade Federal Fluminense.

As diversificadas formas de recriação da infância pela produção artística – ora evocada pela potência da memória, ora protagonizada por crianças cujos sonhos, desejos e imaginações precisam conviver com as agruras histórico-sociais – emergem como tentativas de reconstrução do próprio país.

Considerando estatísticas fornecidas pela UNICEF, disponíveis no site <http://www.unicef.org>, buscaremos evidenciar que a presença da infância como material lírico em tempos pós-coloniais, em Moçambique, equivale a um artifício de resistência, que opera de modo a promover reflexões históricas, sociais e subjetivas.

“BRINCRIAÇÕES LITERÁRIAS COM E PARA A INFÂNCIA NA OBRA DE MIA COUTO”

Cristiane MADANÊLO (UFF/CAP-UFRJ)
cris@graudez.com.br

Enquanto construção histórico-cultural, a infância é um conceito relativamente novo no percurso da humanidade, que vem aprendendo paulatinamente a lidar com tal instituição social. Com o advento da infância, foi necessário desenvolver elementos que atendessem às especificidades dessa etapa da vida, como roupas e mobiliário específicos, brinquedos, escolas, literatura, dentre outros.

No universo das letras, a primeira fase do desenvolvimento humano configura-se tanto como um lugar imaginário a ser povoado por múltiplos personagens, quanto imaginado partir da memória dos escritores. Assim, a literatura que passeia pelos bosques da infância acaba por pintar retratos infantis em dado contexto socio-político, bem como delineia as estratégias para formação moral dessa faixa etária.

Em termos África, não se pode desconsiderar os efeitos da ocidentalização imposta pelo processo colonial e, sobretudo, as discrepâncias entre as formas de lidar com a infância no encontro dessas culturas. Frente à diversidade socio-cultural africana, será aqui contemplada uma das nações colonizadas por Portugal: Moçambique. Tal escolha se deu não apenas pelo viés linguístico, mas também pelo profícuo intercâmbio que vem sendo estabelecido entre as literaturas moçambicana e brasileira, principalmente pelo escritor selecionado.

Em função disso, este estudo pretende vislumbrar, a partir de obras de Mia Couto, retratos de infância em momentos diferentes da história de Moçambique. Frente à volumosa produção literária desse escritor, serão considerados neste percurso contos das

obras para adultos *Estórias abensonhadas* (1994) e *O fio das missangas* (2004), em diálogo com o livro infantil *O gato e o escuro* (2001). A partir desse cotejamento, serão enfatizadas brincadeiras literárias com e para a infância diante das ressonâncias do processo político moçambicano, perpassado por múltiplas formas de violência. Serão eixos norteadores nesse percurso a dicotomia claro-escuro, as figurações da margem, o ultrapassar de limites e, principalmente, os novos caminhos a serem trilhados.

“QUEM ME DERA SER ONDA”: AINFÂNCIA E O RISÍVEL NUMA LEITURA DE ANGOLA PÓS-COLONIAL

Elisângela Silva HERINGER
[e letras@yahoo.com.br](mailto:letras@yahoo.com.br)

Manuel Rui, com a novela “Quem me dera ser onda” propõe uma análise crítica da sociedade angolana pós-colonial através, sobretudo, do olhar, da voz e das ações dos personagens infantis: Zeca, Ruca e Beto, que questionam, problematizam e ironizam o poder institucionalizado, o esvaziamento do discurso político e a situação precária da população de Angola.

A presença das crianças, na obra, como vozes revolucionárias, subversivas e inquietas deduzem, por meio dos mecanismos do risível – a ironia, asátira e o cômico – uma estagnação dos ideais que outrora motivaram a revolução. A inserção do riso e do risível nas situações que envolvem os moradores do prédio, as crianças e o porco permitem uma análise mais profunda do social que se traveste na obra ficcional.

A infância retratada na produção de Manuel Rui está intimamente ligada ao universo social, político e econômico angolano. Ela carrega em si a sabedoria, o senso crítico e as atitudes necessárias para(re)ver as contradições e a fragilidade que regem a nova estrutura social e política angolana, atuando, portanto, numa possível (re)configuração do país nascente.

Os espaços infantis evocados – casa, família, escola – vem entremeados de cerceamentos, perdas e violência simbólica relacionadas ao contexto histórico vivido, seja na incapacidade da manutenção do animal de estimação vivo, seja na incompreensão da relação afetiva entre o animal e as crianças pelo mundo adulto.

No entanto, a infância desenhada pelo autor angolano, embora aluda para a distopia do processo revolucionário, é vista ainda como um elemento de esperança, de utopia. As crianças não perderam a capacidade de sonhar, de brincar, de agir. São esperançosos apesar de críticos.

“Quem me dera ser onda” recupera, por fim, uma infância ativa, crítica, questionadora, vitimizada (até certo ponto), mas que não deixa derepresentar o “novo”, “o futuro”, “o possível”, afinal a ação e o pensamento dos meninos são como ondas: não se amarram com cordas.

INFÂNCIA, VIOLÊNCIA E 'GUINEIDADES'

Érica BISPO

A colonização e a pós-colonialidade geraram uma nova concepção de infância, que é encurtada e/ou apagada por razões sócio-políticas. A violência da colonização, a luta pela independência e a distopia da pós-colonialidade colaboraram para o ingresso de crianças no mercado do trabalho, legalizado ou não. Sob esse cenário, a literatura contemporânea bissau-guineense delinea a imagem da criança em diferentes aspectos.

Odete Semedo, por exemplo, utiliza-se da reinvenção das narrativas tradicionais para retomar a infância inocente. Abdulai Sila, por sua vez, usa as imagens da criança para criticar as políticas atuais que não valorizam a infância e a importância da educação nesta época da vida. É nossa pretensão verificar, a partir das especificidades da Guiné-Bissau, como a literatura de Odete Semedo e Abdulai Sila refletem o real na arte, no que diz respeito à temática e à problemática da infância.

POR ENTRE IMAGENS DA INFÂNCIA: CRÔNICAS SOBRE ANGOLA PÓS-80

Fernanda Antunes GOMES (UFRJ)
nandantunes80@gmail.com

Após a poética engajada socialmente que, em Angola, cantou a certeza da liberdade nas décadas de 60 e meados de 70, surgiu, paralelamente, nos anos 70 e 80, uma literatura que já não tinha como foco principal questões referentes à coletividade social, mas, sim, indagações existenciais, inerentes ao “eu / individual”. Essa nova poética inseriu-se num paradigma de desencanto.

As promessas feitas durante as lutas pela independência não haviam sido totalmente cumpridas. Uma das únicas utopias que restou foi a literatura como espelho de reflexão. Esse novo lirismo, muitas vezes, denunciou a corrupção do poder, mas não foi só esse o seu objetivo. Desejou também saudar o amor, a mulher, a vida, a oratura, os mitos africanos, o erotismo, por meio de um fazer poético-narrativo que primou pelo labor estético, preservando, assim, a história e a memória das etnias angolanas.

A partir desse panorama literário, indagamos: de que forma a infância é revisitada, através da memória, pelas linhas líricas de escritores angolanos? Esse questionamento nos levará à reflexão sobre o panorama histórico e literário de Angola pós-independente.

Com base nas crônicas poéticas dos livros *O sangue da buganvília* e *Cabeça de Salomé*, de Ana Paula Tavares, poetisa que se destaca desde 1980 e que também publicou esses dois livros de crônicas, percorreremos os caminhos mnemônicos elucidados pelas lembranças de uma infância marcada pela história e pela tradição de um país assinalado por anos de guerra.

UM ENCONTRO COM O EU-MENINO EM *BOM DIA CAMARADAS*

Lucas Esperança da COSTA
lucas.esperanca@yahoo.com.br

Este trabalho tem como proposta uma leitura do romance *Bom dia Camaradas* (2003), do escritor angolano Ondjaki, entrelaçando o conceito de autobiografia, proposta por Philippe Lejeune, como uma narrativa retrospectiva que um sujeito real faz da sua própria vida e a história do país. A narrativa se desenvolve a partir da visão pós-independência do menino Ndalú (nome de civil de Ondjaki), numa tentativa de reler o momento histórico (primeiros anos após a desocupação de Angola pelo governo português; a “nova” experiência de governo e o contato com os cubanos que auxiliaram na reestruturação do país nesse primeiro momento) sob a ótica da criança, que viveu esses conturbados anos. Mais do que a história de Angola, o romance reconstrói a

infância, as memórias afetivas, amigos e professores, além dos sentimentos que surgem nessa etapa da vida. E através do embate dos mundos do Camarada António e do narrador, que se percebe a tomada de consciência do narrador das transformações que o país está sofrendo. A todo o momento o menino-narrador tenta estabelecer uma conexão entre o passado e o presente, para que possa compreender os acontecimentos que o cercam. Contudo, se depara com visões, que devido à distância temporal e às experiências, não elucidam as suas inquietações.

INFÂNCIA: PERÍODO QUE A GUERRA NÃO DESTRÓI

Magda Amaro VERÍSSIMO(UFF)
magdaverissimo@rocketmail.com

Pensando nos temas infância, pós-colonial e violência, tomando por base o livro *Bom dia camaradas*, de Ondjaki e com a intenção de discutir e refletir a presença do universo infantil, suas transformações e inovações, o trabalho ora intitulado *Infância: período que a guerra não destrói*, propõe evidenciar e refletir, com base nessa infância narrada por Ondjaki, como, mesmo com a presença diária da guerra, a infância ainda é um período de alegrias e aventuras, de construção de laços de amizade, de identidade, de solidariedade. O trabalho tenciona, no universo dessa obra, discutir o lugar da criança nessa sociedade em guerra e em violência diária. Pretende, ainda, discutir como, nesse universo infantil, em que a criança, enquanto e como criança não perde seu lirismo, sua inocência; não perde o sabor de viver plenamente sua infância; não deixa de viver suas aventuras ao lado de seus amigos, de criar e estabelecer esses laços de amizade, apesar desse cenário de restrições, de guerra, de violência, que, mesmo percebido por ela, não a infecta ao ponto de excluí-la de seu mundo infantil, que muito pelo contrário, é absorvido por ela e transformado em mais uma referência de aventura, de tema para trabalhos escolares ou em conversas cotidianas com os amigos; dessa criança que, se apropriando e vivenciando tudo isso, não se destrói, mas transforma essas experiências na sua memória de infância.

“ AS ESTRELAS BRILHAM COM SUAVIDADE PORQUE SÃO FEITAS DE CINZA MORNA”: ACERCA DA REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA EM O FILHO DO VENTO

Viviane VASCONCELOS
vvasconcelos@gmail.com

Algumas das reflexões sobre a infância, como as realizadas pelo filósofo Walter Benjamin, compreendem a criança como alguém que está e participa da história. Logo, o seu desenvolvimento não está isento de significação e acompanha, inevitavelmente, o processo histórico e cultural na qual está inserida. A criança não é apenas o presente nem o passado, mas se caracteriza por ser e por dizer a influência de seus antecedentes e precursores, construindo a identidade cultural do seu tempo. O presente trabalho irá se concentrar na obra *O filho do vento* (2006), do escritor angolano, José Eduardo Agualusa, e na forma como a narrativa pode sugerir um diálogo com algumas das considerações benjaminianas acerca da representação da infância, a exemplo da transformação da imagem da criança que o teórico observa no desenvolvimento pós-

industrial. Mais do que um diálogo, é possível compreender que a narrativa de Agualusa problematiza a própria história ou mesmo o esquecimento, tema relevante e insistentemente retomado no pensamento de Benjamin. Acrescenta-se ainda à discussão sobre a infância, o fato de na obra de Agualusa, inspirada em um conto tradicional de um povo nômade do sul da África, os Koi-San, o protagonista, o filho do vento, se interessar e valorizar a brincadeira e os enigmas do mundo lúdico. Parece ser pertinente pensar ainda em Benjamin e nos seus textos sobre os brinquedos e sobre o ato de brincar. Este, segundo o filósofo, criador de subjetividades que foi perdendo espaço para os processos de produção dos brinquedos e para o crescente individualismo.

GRUPO TEMÁTICO 7: CARTOGRAFIAS DESCOLONIAIS E DISCURSOS CULTURAIS AFRO-LATINO-AMERICANOS

COORDENADORES: Prof^ª. Dra. Claudia de Lima Costa (UFSC)

Prof^ª. Dra. Simone Pereira Schmidt (UFSC) -simonepschmidt@gmail.com

Prof^ª. Dra. Susan A. de Oliveira (UFSC) - edeluk@gmail.com

Prof^ª Msc. Edelu Kawahala (UFSC/ Faculdades Estácio de Sá- SC)

Vivemos hoje um momento cultural e político que particularmente se dedica a olhar com mais atenção para uma longa história de experiências compartilhadas entre os países africanos e os latino-americanos. Dessa iniciativa resulta uma multiplicidade de leituras que vão pouco a pouco revelando aspectos até então quase desconhecidos em nossa formação. A partir da compreensão de que o colonialismo deixou vestígios que até hoje se fazem presentes nos países que, embora de modo diverso e em tempos distintos, o vivenciaram, podemos dizer que resulta dessa experiência compartilhada, ainda que se desdobrando em sentidos muito diferentes, específicas injunções de gênero, etnia e raça ligadas à memória de uma história colonial-patriarcal-escravocrata. Nesse sentido, consideramos a literatura, bem como outros discursos culturais, como *locus* privilegiado de representação e problematização da memória colonial. Em outras palavras, partimos da compreensão de que os discursos culturais atualmente produzidos nos países africanos e latino-americano integram um novo repertório que vem redimensionar nossa formação de leitores, muitas vezes lacunar e insuficiente no que tange à tradição de representação das diferenças étnicas, raciais e de gênero. Tomando como espaço de referência o chamado “Atlântico Negro” (Gilroy, 2001), cruzado em múltiplas direções em função das muitas viagens, concretas e simbólicas, promovidas pelo colonialismo e por seus desdobramentos no período pós-colonial, propomos a discussão de diferentes discursos culturais produzidos atualmente na África e/ou na América Latina, com o intuito de constituir um novo paradigma de leitura, embasado numa opção descolonial (Mignolo, 2007).

UM DEFEITO DE COR: ESCRITAS DA MEMÓRIA, MARCAS DA HISTÓRIA

Ana Maria Vieira SILVA (UFF)

anamari1020@yahoo.com.br

O colonialismo foi um sistema causador de tensões, polarizadas de um lado pelo elemento branco, europeu – o colonizador; e de outro, pelo africano, pelo asiático ou pelo americano – os colonizados. Essas tensões foram caracterizadas, na colonização dos países americanos, pela relação entre opressor/oprimido, agravadas pelas sucessivas

violências praticadas contra os africanos. Uma das vertentes da Literatura Comparada, voltada para os estudos pós-coloniais, tem se ocupado de investigar o que foi o colonialismo e quais as consequências desse sistema nas relações político-sociais e culturais dos povos a ele submetidos, a partir dos registros orais e escritos que denunciam a descrição equivocada que a modernidade ocidental fez de si mesma, ocultando, de acordo com Boaventura de Sousa Santos, “a descrição que dela fizeram os que sofreram a violência com que ela lhes foi imposta”. Para Santos, essa violência matricial foi o colonialismo, concebido pela modernidade ocidental como “missão civilizadora dentro do marco historicista ocidental nos termos do qual o desenvolvimento europeu apontava o caminho ao resto do mundo”. O Brasil viveu a experiência trágica do colonialismo, marcada pela diáspora dos povos africanos e pelos séculos de escravismo desses povos. No romance *Um defeito de cor*, a autora, Ana Maria Gonçalves, reconstitui com verossimilhança a realidade dos negros cativos africanos chegados ao Brasil no início do século XIX, especificamente dos que foram levados para a Bahia. A importância dos relatos de memória da personagem principal do romance é fundamental para a composição do cenário histórico África/Brasil e das relações interpessoais na sociedade brasileira escravista do início e meados do século XIX. É nesse sentido que este trabalho examinará, a partir do referido romance, alguns temas como literatura negra brasileira, pós-colonialismo, identidade cultural, arquivo e memória, importantes para se entender melhor o papel dessa narrativa para a Literatura Comparada.

CÉSAIRE DIRIGE O JOGO: AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA OBRA “UMA TEMPESTADE” DE AIMÉ CÉSAIRE

Franciele Rodrigues GUARIENTI (UFSC)
franguarienti@yahoo.com.br

Na peça *Uma Tempestade* Aimé Césaire faz uma adaptação para o teatro negro da obra de Shakespeare dando destaque as relações entre os personagens protagonistas Próspero, Caliban e Ariel. Num ato de resistência, Césaire transforma os cinco atos que compõem a peça teatral de Shakespeare em três, para mostrar sua oposição ao colonialismo e ao racismo europeus desmistificando o sobrenatural e o sentimento amoroso. Com isso, o autor constrói uma nova peça, em que Caliban se torna o portavoz do desejo de liberdade. A obra é permeada pelo discurso da Negritude que pode ser sintetizado pela expressão: “nenhuma raça possui o monopólio da beleza, da inteligência, da força” cunhada por Césaire no livro *Caderno de um regresso a terra natal*. O espaço dramático elaborado pelo autor é uma tempestade em um espaço onde se revelam tensões de uma sociedade em que o negro está lutando para recuperar a dignidade e a liberdade. Para isso, Césaire usa seu conhecimento da cultura do opressor para universalizar a condição do condenado deslocando o tempo e o espaço para mostrar sofrimento de todo e qualquer negro colonizado. Portanto, o trabalho terá como objetivo analisar as relações sociais representadas a partir dos personagens protagonistas sob a ótica das teorias pós-coloniais e dos fundamentos da negritude segundo Aimé Césaire.

MULHERES NEGRAS EM CUBA (1992-2012)

Giselle Cristina dos Anjos SANTOS (UFB)

A revolução cubana (1959) representa um grande marco na história recente da América Latina. Além de políticas prioritárias na esfera da saúde, emprego e educação, com o reconhecimento da existência de desigualdades históricas, o governo definiu a eliminação de todas as formas de discriminação e exploração por motivos de classe, raça e sexo como um dos objetivos fundamentais da revolução. Toda a população foi convocada para construir a nova sociedade socialista. Incluindo as mulheres negras, constituintes de um grupo social historicamente marginalizado, que vivenciava a experiência interseccional das desigualdades de gênero, classe e raça. No início da década de 1990, com o desaparecimento da União Soviética, seu principal aliado político e econômico, a sociedade cubana adentrou na pior crise econômica de sua história, implicando no surgimento de novas dinâmicas nas relações sociais e o reaparecimento de antigos problemas sociais. A presente comunicação visa discutir as representações de gênero e raça acerca das mulheres negras presentes no imaginário social cubano entre 1992 e 2012, através da análise da obra Trilogia Suja de Havana (1998) de Pedro Juan Gutiérrez, e fontes orais. A partir da metodologia da história oral, a categoria analítica de gênero e os conceitos de raça e interseccionalidade, buscamos contrapor a invisibilidade e os silêncios, sobre a experiência das mulheres negras em Cuba, refletindo sobre a vida cotidiana e as possibilidades de inserção social vivenciada por este grupo. Na perspectiva do governo socialista a defesa da unidade política passou a significar concordância com o projeto revolucionário, o que comprometeu a constituição de espaços promotores de referenciais positivos acerca da identidade de grupos historicamente marginalizados.

UMA MULHER DO SUL: ANTONIETA DE BARROS

Luciene FONTÃO (UFSC)
lufontao@gmail.com

Uma mulher do sul: Antonieta de Barros traz reflexões sobre a vida, obra e trajetória de Antonieta de Barros, a primeira deputada negra do sul do Brasil, na Ilha de Santa Catarina. As reflexões resultam de trechos retirados do texto da tese intitulada *Nos Passos de Antonieta: Escrever uma vida*, defendida em agosto de 2010, sob a orientação de Zahide L Muzart, no programa de pós-graduação em Literatura, com foco na teoria literária, sob a linha de pesquisa: literatura e mulher da Universidade Federal de Santa Catarina. A proposta recai sobre o resgate histórico-cultural da escrita de Antonieta de Barros em crônicas de jornal e no estudo das edições do único livro publicado: *Farrapos de Ideias*. Na pesquisa, verificou-se a atuação da professora-escritora em todas as instâncias da vida pública. A tese mostra a trajetória de sua vida e a análise do conjunto de sua obra; reflete e retrata, dentro do contexto 1901-1952, em Santa Catarina, a atuação da professora, da escritora, mulher e negra na política e na literatura, vislumbrando a importância de seus escritos: crônicas e discursos, além da influência de suas ideias no pensamento sócio-político-educacional na sociedade ilhéu do século XX. A escrita biográfica utilizou fotos, documentos institucionais, imagens encontradas em livros da historiografia política e literária de Santa Catarina, arquivos em meio eletrônico e menções em livros e jornais, buscando e compilando vestígios e rastros de sua passagem pela vida cultural da Ilha de Santa Catarina. Aqui se faz um recorte, buscando pincelar os pontos relevantes da crítica realizada por Antonieta de

Barros em relação à política educacional do governo catarinense à época, principalmente em fins de 1951 e início de 1952.

LITERATURA BRASILEIRA E ANGOLANA: CONTRIBUIÇÃO NA DESCONSTRUÇÃO DAS MARCAS COLONIAIS

Maria Aparecida Rita MOREIRA (UFSC)
cida25fevereiro@gmail.com

A literatura angolana se inicia como literatura de resistência tendo na Casa do Estudante do Império localizada em Portugal a sua base “Muitos dos que hoje são dos mais prestigiosos escritores e intelectuais africanos por ali passaram, ali aprenderam ou ensinaram, ali terminaram por dar o melhor do seu esforço na estruturação de uma consciência nacional e libertadora.” (FERREIRA, 2007, p. 106). Outro espaço angolano que teve início logo após a independência e permanece lançando escritores até os dias de hoje é a União dos Escritores Angolanos. No Brasil, espaço que se assemelha à União dos Escritores Angolanos, no lançamento de escritores e escritoras negros(as), é a Quilombhoje, responsável pela edição dos *Cadernos Negros* que se destaca por colocar no mercado editorial brasileiro textos literários escritos por afro-brasileiros. Até pouco tempo, para grande maioria dos brasileiros, o único elo que unia Brasil X Angola era a escravidão. A possibilidade de revermos a história, além da luta constante do movimento negro brasileiro e dos movimentos pela independência de Angola, ganha maior visibilidade a partir da Lei 10.639 e suas Diretrizes, que permitiram que as escolas brasileiras estudassem os prejuízos causados por anos de colonização portuguesa e as marcas de uma escravidão bárbara que repercutiu até os nossos dias nas atitudes racistas que, apesar de negadas, continuamos presenciando em nosso país. Portanto, este estudo propõe trazer uma proposição de educação literária que foi apresentada a um grupo de professores e professoras da rede pública estadual de SC, pelo viés da Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), para que sejam multiplicadores de uma proposta pedagógica, estética e política comprometida com a luta anti-racista no Brasil. Acredito que estudar a educação literária pelo viés das relações étnico-raciais é aceitar que o Brasil é um país que precisa combater o racismo e que a literatura pode contribuir, uma vez que tem “um papel central na expansão crítica de uma consciência sociopolítica nos futuros cidadãos de qualquer sociedade”(Lehay-Dios, 2004, p. XX). Para ilustrar a proposta serão apresentados dois contos, um brasileiro e um angolano, utilizado em uma formação continuada oferecido ao grupo, acima referido, de professores e professoras de língua portuguesa da rede pública do estado de Santa Catarina.

PESQUISA DE EXPRESSÕES POÉTICO-MUSICAIS DA CULTURA AFROPLATENSE E OUTRAS ARTES

Carla Cristiane MELO (UFSC)
carlinhamello84@gmail.com

A pesquisa objetivou entender a relação entre a diáspora africana na América do Sul e as reminiscências encontradas em gêneros narrativo-musicais como a milonga e o candombe permitindo-nos lançar novo olhar sobre as culturas populares do contexto

específico do Rio da Prata onde estes gêneros são bastante difundidos e influentes. Analisamos, para tanto, o material bibliográfico da pesquisa, especialmente os estudos clássicos de Vicente Rossi e Câmara Cascudo que nortearam nossa busca pela definição inicial dos gêneros citados. A partir da concepção de milonga, estudamos a seguir o livro de Jorge Luis Borges, "*Para las seis cuerdas*", que é composto por onze milongas de sua autoria e que gerou uma linhagem musical particular sobre a qual montamos um acervo de sons e imagens. O livro de Borges corresponde à aproximação desse escritor com a cultura popular, pois, dentre outras afirmações, o escritor nos revela que considera a milonga como a verdadeira tradição cultural popular argentina e platense. Segundo o escritor, suas milongas se baseiam em histórias reais vivenciadas por personagens marginais à sociedade argentina, entretanto, reiterando a importância desses arquétipos, a exemplo do *cuchillero*, do *gaucho* e do *compadrito*. As narrativas desses personagens na produção borgeana são permeadas por histórias de honra e embates por amor, por vingança, por ciúme e, geralmente, acabam em morte. O estudo sobre a milonga permitiu-nos compreender a importância dos entrelaçamentos existentes entre as culturas argentina, uruguaia e brasileira permeados pela diáspora africana em diversas formas de arte existentes nesses países. Os resultados de nossa pesquisa deram origem a dois artigos e a verbetes para o dicionário digital *online*, sendo que a construção do *site* – programação e conteúdos - foi e ainda tem sido feita em colaboração com bolsistas PIBIC e PROBOLSAS que se juntaram ao projeto. O material da pesquisa se encontra no seguinte endereço: www.nepom.ufsc.br.

GISÈLE PINEAU: A IDENTIDADE EM QUESTÃO EM L'ESPÉRANCE-MACADAM

Novalca SENIW (UFJF)
novalcaseniw@yahoo.com.br

Francesa de nascimento, mas de origem guadalupense, a escritora Gisèle Pineau, conscientemente, elege a ilha de Guadalupe – Departamento Ultramarino Fancês no Caribe – não só como o seu locus de enunciação, bem como o espaço em que suas narrativas se desenvolvem. A ruptura geográfica da autora apresenta imbricações outras que não se restringem apenas ao domínio afetivo, mas que se referem à questão identitária, à memória colonial e ao discurso hegemônico acerca da construção da história das Antilhas Francesas. Sendo assim, tem-se por objetivo analisar o romance *L'espérance-macadam* (1995), com o intuito de observar como Gisèle Pineau elabora reflexões sobre a identidade antilhana a partir das marcas deixadas pelo processo colonial, e suas injunções, na constituição dos sujeitos sociais. Considerando-se a literatura como um espaço em que é possível problematizar e questionar, assim se apresenta a literatura de Pineau, constituindo-se no locus no qual a memória colonial (e seus vestígios) é revista e a construção identitária antilhana é problematizada ao refletir sobre a internalização de valores de um discurso eurocêntrico dominante pertencente a um passado colonialista e escravocrata. A escritora, assim, propõe uma renovação no modo de pensar a própria identidade, a construção de si. Entre outros teóricos, a análise da obra e a elaboração das reflexões críticas se baseiam nas leituras de textos de Franz Fanon, Édouard Glissant e Patrick Chamoiseau.

CRITI(CIDADE) DE UM ITABIRANO: A TRADUÇÃO CULTURAL NA LITERATURA MEMORIALISTA

Eloisa da Rosa OLIVEIRA (UFSC)
eloisa_oliveira88@hotmail.com

A literatura é inegavelmente instrumento do pensamento social e histórico. O trabalho do pesquisador da área é sempre buscar elementos que ratifiquem essa ideia sobre a grande contribuição que a literatura pode dar para a melhor compreensão de nossa realidade, seja ela referente ao tempo passado ou presente. Neste trabalho, busquei compreender de que modo Carlos Drummond de Andrade traduziu sua cidade natal, Itabira, Minas Gerais, Brasil. A trilogia *Boitempo* foi o objeto escolhido para tal análise. Em versos memorialistas repletos de criticidade e ludicidade, o poeta transforma Itabira em fotografia na parede, como diz no poema “Confissões de um Itabirano”. O menino antigo faz uma leitura crítica da sociedade mineira e traz em seus versos vestígios do colonialismo instalado no Brasil. Dessa leitura, surgiu a curiosidade que impulsionou a escrita deste texto: Como se deu essa tradução cultural de Itabira? Em que medida a memória dele também registra uma memória coletiva? Como aparato teórico, utilizei, entre outros, o texto de Walter Benjamin, *Sobre o conceito de história*, para pensar a literatura memorialista como ferramenta da história. E, no tocante ao tema tradução cultural, apoiei-me nos estudos de Boaventura de Souza Santos, principalmente na obra *Gramática do Tempo*. Por fim, foi possível perceber a carga de historicidade presente nos poemas, que traduzem, a seu modo, uma realidade social brasileira do início do século XX.

ATUALIZANDO “A TEMPESTADE”: O PÓS-COLONIAL E OS GÊNEROS NO FILME DE JULIE TAYMOR

Tatiana Brandão de ARAUJO (UFSC)
tati.vs.86@gmail.com

No presente trabalho, propôs-se a análise do filme “A Tempestade” de 2010 dirigido por Julie Taymor. O filme se apresenta como uma adaptação fiel à obra de William Shakespeare, porém tem-se que levar em conta que qualquer adaptação, além de ser a visão daquele ou daquela que produz a obra, é uma atualização do discurso da mesma. Nesse sentido, foram abordadas duas questões referentes ao filme: primeiro, como a relação entre Próspero e Caliban foi retratada na narrativa deste longa-metragem, e de que forma isto é relevante para as discussões atuais no contexto pós-colonial. Outro ponto foi referente ao fato de que nesta adaptação cinematográfica a personagem de Próspero é uma mulher. Sendo assim, analisei de que forma isto muda as representações de relações de poder, e como essa mudança não é apenas um “elemento diferente” presente na história. A sociedade da época de Shakespeare dificilmente pensaria uma mulher numa posição de poder como a de Próspero, mas a Próspera de Julie Taymor não pode ser pensada apenas como um reflexo das relações cotidianas atuais em que mulheres assumem mais posições dentro da sociedade. Afinal, esse poder de Próspero na peça de Shakespeare é entendido de que forma por Taymor? O discurso dela é de legitimar ou subverter o poder colonial? Desta forma, a análise desse filme também se preocupa com a construção imagética dessa adaptação, não focando apenas no texto, e

pensando em como “A Tempestade” transpôs em imagens para o século XXI um texto do início do século XVII.

CALIBAN E PRÓSPERO: MANIQUEÍSMO SUPERADO?

Evillyn KJELLIN (UFSC)
evelinkjellin@yahoo.com.br

Esta proposta de comunicação tem por objetivo questionar o dualismo colonizador–colonizado sob a perspectiva dos personagens de Shakespeare Caliban (colonizado) e Próspero (colonizador).

Para tanto, é imprescindível que se faça uma analogia entre as colônias de exploração e seus respectivos impérios, já que ainda nos dias de hoje, ao ouvirmos falar dessas colônias, comumente vem à cabeça uma série de imagens e noções preconcebidas. De certa forma, isso é o resultado imediato de uma construção social estereotipada realizada de maneira profunda em nossa formação histórica. Esse processo foi marcado intensamente por visões “racializadas” oriundas de um passado colonial escravista, que procurava enxergar num modelo eurocêntrico o direcionamento possível para o desenvolvimento de um ideal de nação construído por elites escravocratas. No entanto, essas construções histórico-sociais não devem ser tratadas superficialmente, pois elas envolvem questões que vão além da diversidade da cultura e do espaço geográfico dos países colonizados.

O fato de o Brasil, ou a África por exemplo, ter tido sua identidade solapada pelo império português nos coloca do outro lado do protagonismo, em que precisamos “assumir nossa condição de Caliban”, como assevera Roberto Retamar? Nesse sentido, nos parece mais contundente afirmar que é essencial que se supere o maniqueísmo de oposições binárias como colonizador–colonizado, ocidente–oriente, pois entendemos que a identidade se constrói também por contraste e, portanto, não pode ser afastada da marca da diferença. Isso significa que não podemos entender os dualismos como entidades fixas, encerradas ou mesmo fechadas.

AS MARGENS DA EXPERIÊNCIA: OS MIÚDOS E OS MAIS-VELHOS NA NARRATIVA DE ONDJAKI

Jane Vieira da ROCHA (UFSC)
janerocha78@gmail.com

A proposta de comunicação faz parte da pesquisa de mestrado que desenvolvo junto ao Programa de Pós-graduação em Literatura, na Universidade Federal de Santa Catarina. A pesquisa situa-se na esfera dos estudos de Literaturas Africanas de expressão portuguesa apresentando um olhar para os romances *Bom dia Camaradas* e *AvóDezanove e o segredo do soviético* do escritor Ondjaki. Temos como proposta investigar a representação de personagens crianças e de mais-velhos na narrativa do escritor angolano Ondjaki, bem como a sua relação com a história recente de Angola. Apresentamos essa reflexão sobre os romances do escritor Ondjaki, apoiada nas teorias pós-coloniais e dialogando com a tese de Walter Benjamin apresentada no ensaio *O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. Conjuntamente a essas formulações, apresentamos alguns elementos da historiografia angolana, que

contribuem para se pensar as relações entre as narrativas de Ondjaki e a história angolana no contexto de pós-independência

A pesquisa objetiva identificar a relação existente entre os personagens crianças e mais-velhos na obra do escritor Ondjaki e a história recente de Angola. Através da análise da narrativa de Ondjaki buscamos reconhecer os elementos literários que o autor utiliza e de que maneira ocorre o diálogo com a história recente angolana. O diálogo com a crítica literária angolana na contemporaneidade será realizado como maneira de construir um caminho para a análise das narrativas do escritor Ondjaki, visto o hiato que ocorreu no Brasil com relação aos estudos das literaturas africanas. A partir das reivindicações dos movimentos civis com o início do processo de redemocratização brasileiro, as lutas de gênero, raça, etnias foram se afirmando no território brasileiro.

CARTOGRAFIAS DO OLHAR: METÁFORAS IDENTITÁRIA NA LITERATURA AFRO

Gean Paulo Gonçalves SANTANA (PUCRS)
fratergean@yahoo.com.br

Este texto intenciona evocar na cartografia textual da poética afro, interativa e interrogativa, marcas identitárias silenciadas, a partir da notabilizada parceria dos estudos literários com os culturais e, assim, discutir a ação pluridimensional na composição da poética afro: reflexiva, crítica e autocrítica. Para tanto, serão utilizados suportes epistemológicos de campos diversos, a exemplo, a teoria literária e estética do século XX, concebida aqui, também entre outros, por Inocência Mata (2010), que reserva grandes reflexões, no âmbito dos estudos culturais pós-coloniais, Francisco Soares (2006), bem como as perspectivas de Homi K. Bhabha (1998) em seu discurso sobre o local da cultura: teoria crítica, e as de Walter Benjamin (2011).

ARQUIVOS NEGROS: VOZES DIASPÓRICAS PELO DIREITO À MEMÓRIA

Gracinda Vieira BARROS (UFJF)
gracindavbarros@gmail.com

É através do arquivo que se pode estabelecer uma “ponte” entre as múltiplas facetas do tempo presente e o passado. No caso dos arquivos sobre a diáspora africana, é sintomático a necessidade de espaço para rever a memória tanto das culturas africanas e suas histórias, quanto a sua re-significação no Novo Mundo, seus efeitos sobre as sociedades transculturadas e sobre os próprios indivíduos diaspóricos.

Andreas Hyussen ressalta que as novas discussões sobre memória, o questionamento da história oficial e a emergência de discursos contra-hegemônicos tem suas raízes na década de 60 do século XX, após a descolonização da África e Ásia e a necessidade de um revisionismo, onde os discursos marginalizados pudessem emergir em meio aos discursos dominantes.

É nesse contexto que o interesse pelas narrativas diaspóricas se torna institucional principalmente nas nações que tiveram a diáspora africana como um dos pilares para seu desenvolvimento, como no caso do Brasil, que dependeu fundamentalmente da mão-de-obra escrava até o final do século XIX.

Nos últimos anos, esse interesse ultrapassou a fronteira acadêmica gerando uma série de debates, tanto no plano governamental, quanto no plano social de lutas emancipatórias. Dessa forma, não apenas multiplicaram-se as discussões acerca do tema, como foram criadas várias instituições arquivísticas¹ dedicadas à memória da diáspora negra e a produção afrodiáspórica, como bibliotecas, videotecas e museus e principalmente espaços (físicos e virtuais) para o fomento e a disseminação da literatura afrodiáspórica. Através deste resgate à memória, os afrodescendentes podem re-significar suas relações com a cultura materna oral e sua síntese em terras americanas. Além disso, a compreensão do arquivo como um lugar onde os tempos fluem e perpassam as várias camadas de significação de seus objetos, faz com que a própria constituição de uma identidade coletiva seja dialética e repleta de opções do que guardar, o que esquecer e a partir disso, o que se tornar.

A partir da discussão sobre memória e esquecimento, este trabalho propõem analisar a emergência de arquivos dedicados a diáspora africana nas Américas, como uma reconstrução da identidade coletiva dos afro-descendentes baseada na recuperação e preservação da memória e das culturas africanas e nas ressignificações que surgem nesse resgate através do diálogo entre diferentes memórias e manifestações culturais.

GRUPO TEMÁTICO 9: MITOS NÔMADES: O DIÁLOGO ENTRE AS MITOLOGIAS AFRICANAS, GREGAS E JUDAICAS

COORDENADORAS: Enivalda Nunes Freitas e Souza -eni@ufu.br

Kenia Maria de Almeida Pereira - kenia@triang.com.br

O mito é uma manifestação plural que se singulariza em cada cultura, por meio dos dinamismos simbólicos. Não há mito inicial nem mito puro, e sua permanência é garantida por suas variações. Por outro lado, as diásporas também possibilitam assimilações e re-leituras do elemento mítico. Nesse sentido, essa proposta se abre à investigação de mitos paralelos nas literaturas afro-latinas, com enfoque nas mitologias africanas, gregas e judaicas. O aporte teórico é buscado em Reginaldo Prandi, Jung, Bachelard e Durand.

MITOS PRIMORDIAIS DO AMOR EM “EVANIRA!”, DE GUIMARÃES ROSA

Alessandra Maria Mamere Caixeta MARTINS (UFU)

ale_mamere@hotmail.com

Sabemos que o mito tem fundamental importância na literatura. Ele arrebatava para um mundo em que o tempo desconhece suas dimensões cronológicas, o tempo do inconsciente humano, lá onde estão armazenados os desejos, os temores e, sobretudo, a ignorância que impulsiona a uma desenfreada vontade de saber, de conhecer. Credo no mito, o homem tem a possibilidade de transcender o tempo, de se inserir numa outra dimensão, porque o mito trata das imagens primordiais, do homem de hoje e do homem remoto. “Evanira!”, conto de Guimarães Rosa coligido em *Ave, Palavra*, aborda o tema do amor como forma de se discutir a saudade, de alcançar o conhecimento, a transcendência e a tão desejada completude. Para o autor, o mito é a morada do ilógico e

do irracional, elementos altamente valorizados pelo escritor mineiro. Sua escrita, portanto, vai além de uma fabulação registrada oral ou literariamente por sua cultura ou por outras. Neste trabalho vou mostrar a ligação de Rosa com os mitos primordiais do amor. Em “Evanira!”, a mulher é construída de segredos e artimanhas. Sua imagem é urdida na figura mítica de Beatriz, comportando ainda a primordialidade de Eva e a intensidade de Eurídice e Psiquê. Essas são referências que se vislumbram nas entrelinhas do conto, leitura sem a qual o conto rosiano não se revelaria em toda a sua complexidade.

O POETA CARLOS DRUMMOND E O MÉDICO NOEL NUTELS: ENTRE A POESIA E O HUMANISMO

Amanda Aparecida De Almeida BORGES (UFU)
amandabrgs@live.com

Dentre os vários poemas de Carlos Drummond de Andrade publicados no livro *As impurezas do Branco* (1973), interessa-nos a ode intitulada “Entre Noel e os índios”. Nesta interessante poesia, Drummond elabora uma homenagem ao médico judeu e sanitarista Noel Nutels, que, juntamente com os irmãos Villas-Boas, foi um dos idealizadores da construção do Parque Nacional do Xingu. Drummond enfoca ainda a dedicação de Noel aos índios doentes e perseguidos. Foi pesquisada a arte poética de Carlos Drummond de Andrade a fim de entendermos o verdadeiro sentido do poema *Entre Noel e os Índios*. Através de biografias descobrimos sobre a intensa vida de Noel Nutels e o porquê de sua solidariedade aos índios do Brasil. Após as análises dessas biografias, procuramos saber a história dos judeus. Para melhor entendermos a milenar trajetória desse povo, que assim como os índios das Américas sofreram perseguições e humilhações, lemos livros como *A condição judaica* de Moacyr Scliar. Também buscamos conhecimento sobre como foi a relação dos índios com os “civilizados” desde a época do descobrimento do Brasil, a partir de estudos de grandes autores como Darcy Ribeiro e Antônio Risério, que de maneira didática abordam temas como as relações entre índios e descobridores, e em outras épocas da história brasileira.

A PRESENÇA DOS CULTOS AFRICANOS NO PROJETO ESTÉTICO-IDEOLÓGICO DE JORGE AMADO

Márcio Henrique MURACA (USP)
henrymuraca@yahoo.com.br

Jorge Amado (1912-2001) é reconhecido como o autor brasileiro que mais profundamente se deixou marcar pelo diálogo com a tradição popular. Desde *Jubiabá* (1935), três eixos caracterizam a obra do baiano, os quais articulados engendram seu projeto estético-ideológico fundamental: valorização do negro e do desvalido, cultura baiana e sincretismo religioso. A presença dos cultos africanos perpassou, desde então, não somente a produção romanesca de Amado, como também textos diversos, a exemplo das crônicas em torno da Segunda Guerra Mundial, publicadas entre 1942 e 1945, no jornal *O Imparcial*, de Salvador, nas quais o escritor assinala sua visão sobre o tema. Nesse sentido, vale mencionar que a *lei de liberdade de culto*, que até os dias de hoje prevalece no país, foi projeto do escritor baiano em 1946, enquanto deputado

federal pelo Partido Comunista. Mais do que a representação do negro e sua religiosidade, Jorge Amado foi um dos artistas-intelectuais que se fizeram notar pela conscientização da matriz africana na formação de um país híbrido, de passado escravocrata, calcado na desigualdade social. Destacam-se aqui três importantes obras críticas que tratam da obra de Jorge Amado no que diz respeito à presença da cultura negra, aos “terreiros” e “pais de santo”, à perseguição aos cultos africanos, em articulação ao seu projeto maior de retrato da sociedade brasileira via a desigualdade: *Jorge Amado: Romance em Tempo de Utopia* (1996), de Eduardo de Assis Duarte, *O Brasil Best Seller de Jorge Amado* (2000), da antropóloga Ilana Seltzer Goldstein, e *Ficção e Convicção – Jorge Amado e o Neorrealismo Literário Português* (2008), de Edvaldo Bergamo. Tais estudos orientam a discussão que tem como por objetivo a verificação da cultura e religiosidade africana nas obras do autor baiano, sobretudo nos romances de formação.

ENTRE MITOS E TRADIÇÕES: OS FASCÍNIOS DO POETA-VIAJANTE WALY SALOMÃO

Miriane Pereira Dayrell SOUTO (UFU)
mirianedayrell@hotmail.com

Chamado por muitos de poeta das algaravias, Waly Salomão é considerado um dos mais importantes representantes da poesia contemporânea brasileira. Com irreverência e peculiaridade, Waly traz para a sua poesia elementos da tradição, mesclando-os à contemporaneidade, tornando suas criações poéticas muito significativas e impactantes. Este trabalho tem como principal objetivo a análise dos poemas “Anti-viagem” e “Mãe dos filhos dos peixes”, ambos publicados no livro *Algaravias: câmara de ecos*. No primeiro poema, o poeta retoma a imagem dos viajantes, referindo-se também a vários deuses e figuras pertencentes à mitologia grega. Já no segundo poema, há traços da tradição africana, que podem ser associados principalmente a Yemanjá, que é citada e exaltada em seus versos. Por meio de símbolos e imagens, Waly Salomão traz para sua poesia aspectos míticos, que estudados à luz da teoria do imaginário proposta por Durand, proporcionam reflexões primordiais para compreender o mito na poesia waliana. Além da teoria mitocrítica de Gilbert Durand, também são estudadas neste trabalho as noções de mito propostas por outros estudiosos do imaginário simbólico e mítico, destacando-se as pesquisas antropológicas de Mircea Eliade. Este trabalho é extremamente importante e pertinente, principalmente pelo seu ineditismo, pois as críticas e estudos acerca das obras de Waly Salomão têm sido focados na metalinguagem e na polifonia de sua poesia. Portanto, trata-se de uma análise inovadora, que atenta-se para características que ainda não foram devidamente estudadas. Associando mito e poesia, o poeta baiano Waly Salomão constrói uma poesia que ultrapassa as barreiras do tempo, imprime inovação ao seu fazer poético, unindo os estilhaços da tradição e diluindo-os em seus versos. Mito e poesia parecem se completar, resgatando o imaginário e concretizando a poesia de Salomão como singular.

A RECONSTRUÇÃO MÍTICA EM “MARGARIDA” DE WALDO MOTTA

Ricardo Alves dos SANTOS (UFU)
ricardo.ia.alves@gmail.com

Este trabalho pretende fazer uma leitura do poema “Margarida” do poeta capixaba Waldo Motta, artista contemporâneo, que, desde a publicação de *Bundo e outros poemas* (1996), vem trabalhando em seu projeto literário intitulado “erotismo sagrado”. Desta obra, destacamos o poema “Margarida” para avaliarmos a reconstrução do mito do andrógino que, dialeticamente, é edificado pela *persona* híbrida de Margarida: “Se escrevo Margarida/ assim com M maiúsculo/ é um nome de mulher,/ inda que o neguem os músculos/ do rapaz chamado Sérgio,/ contido em Margarida” (MOTTA, 1996, p. 94). Segundo Eliade (1999), a “androgenia é um momento de um grandioso processo de totalização cósmica” e, hipoteticamente, o sujeito lírico waldiano, no poema referido, abre outro horizonte para rever o social marginalizado, já que Margarida é um transexual. Apoiando-se no mito, “Margarida”, de maneira simbólica, sinaliza a ideia de totalidade que, cosmogonicamente, sintetizaria a fusão do ser, a origem, o princípio. Na cultura africana, o mito do andrógino pode se aproximar do arquétipo de Logun Edé descrito por Prandi (2001), que, segundo o autor, é “metade Oxum” e “metade Erinlé”, ou melhor, é a fusão de um orixá feminino com outro masculino, caracterizando, assim, a ideia de um ser supremo e total. Esta leitura do poema, justifica-se pelo emprego de palavras de origem africana “mona”, “equê” e “amapô” que reconduziriam nossa análise para um diálogo com mitos da cultura africana presente também em outros poemas de Waldo Motta. O tratamento mitológico e sagrado, dado por Waldo Motta em “Margarida”, garantem, assim, maior expressividade e poeticidade ao revelar uma das várias condições excluídas socialmente (negros, homossexuais).

FIGURAÇÕES ACERCA DO ARQUÉTIPO DE DEUS EM SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Kamilla Kristina Sousa França COELHO (UFG)
kamilla_lili@yahoo.com.br

Sophia de Mello Breyner Andresen, autora portuguesa nascida no Porto em 1919 e falecida em Lisboa no ano de 2004, escreveu contos, contos infantis, poemas, crônicas e peças teatrais. Dentro desses tecidos literários, Andresen revela um desejo de reconstrução de um mundo verdadeiro e puro; ela anseia um retorno à essência das coisas; ambiciona a reconstrução da aliança entre o homem e a natureza e entre o homem e Deus. Assim, ao pensar sobre o transcendente, resiste às maneiras habituais de nomear e de conviver com a deidade. O desejo de libertar-se desse mundo, de retornar ao Paraíso Perdido ou de povoar espaços celestes seriam somente os primeiros caminhos reveladores de Deus: “Não darei o Teu Nome à minha sede/ De possuir céus azuis sem fim” ou ainda “Não darei o Teu nome à limpidez/ De certas horas puras que perdi.”. Partindo desta constatação, buscaremos, por meio da análise de poemas, investigar a busca que Sophia de Mello traça para configurar sua visão acerca do transcendente. Embasaremos nossos estudos nas teorias de Mircea Eliade sobre o sagrado, na Teoria do Imaginário de Gilbert Durand e nos conceitos de arquétipo e inconsciente coletivo de Carl Gustav Jung. Veremos que, a criação literária andreseniana revela-se, então, como um espaço de resistência, revolução e construção de um ambiente mais próximo e verdadeiro (ainda que profundamente questionador) para a convivência com a natureza, com a essência das coisas e, principalmente, com o *nume*, o *tremendum* e o arrepiante – aqui lembrando conceitos de Rudolph Otto.

O SÁBIO EXU: O UM MULTIPLICADO AO INFINITO

Alexandre de Oliveira FERNANDES (UFRJ)
alexandre.pro@gmail.com

Exu é o orixá do saber rizomático, do pensamento complexo, do devir. É “um” que se transforma em muitos, é um multiplicado ao infinito. É o movimento em espiral, sem, contudo, que se saiba onde o início e o fim. Exu é Hermes, Mercúrio, Vadinho de Jorge Amado, está no candomblé e na umbanda, passeia pela Santeria cubana, está nas Antilhas, em textos negro-diaspóricos de Maryse Condé e João Ubaldo Ribeiro, se esgueira por filmes e documentários. Exu é. Exu está. É performático e pós-moderno. Ambíguo: está e não está. Acolhedor, Exu não segrega. É aquele que agrega: “aceita” ser o diabo de Edir Macedo tanto quanto receber oferendas nos terreiros de axé, nas feiras e encruzilhadas. Exu é a sabedoria negra, como proposta por Umberto Eco: os negros escravizados e seus descendentes seriam mais sábios que os etnólogos da Sorbone exatamente porque não separam nada, sabem reunir filosofias, saberes distintos, religiões, mitos. Retomar Exu é se apropriar de “meu país e minha raça”, como diz Amparo de “O pêndulo de Foucault” e nos leva a acompanhar Jorge Amado: “meu materialismo não me exclui”. O trabalho que apresento, portanto, revisita Exu e busca na agonia de seu “espalhamento” acolhê-lo e acolhendo-o provocar rasuras no pensamento ocidental que, historicamente, tem separado teogonias, religiões, falas e saberes.

UMA MITOLOGÍA DAS ÁRVORES: DA FLORESTA DO ITATIAIA AO BAOBÁ

Enivalda Nunes Freitas e SOUZA (UFU)
eni@ufu.br

Na floresta de todos os povos que ainda experimentam o sentido do sagrado, os galhos das árvores são braços, as folhas são cabelos, reencenando a tradição mítica de deuses e homens que se metamorfosearem em árvores, como Dafne em loureiro, Osíris em cedro, Eurídice em raízes, Atena em oliveira, Sakpata e òrisà nagô Omolu em baobá. Os judeus encontraram na árvore sefirótica a representação ideal da espiritualidade humana, tal é o caráter sagrado deste símbolo máximo da verticalidade e da vida que se regenera. Por séculos, os homens reverenciaram a floresta como um ser vivo. Em cada árvore morava uma hamadriade – o espírito feminino grego da árvore – sua protetora, que se alegrava com a chuva, agitando seus galhos, ou se encolhia, conforme era ferida. Segundo o pesquisador Jacques Brosse, em *Mythologie des arbres*, a árvore é anterior ao homem e atravessa os três mundos; em busca de sua sobrevivência, vai às profundezas da terra, e sobe ao elevado Empíreo. A árvore é, mesmo, o eixo do mundo. Para Eliade, “a árvore conseguiu exprimir tudo o que o homem religioso considera *real e sagrado por excelência*”. Tomando poemas de Dora Ferreira da Silva do “Ciclo da Montanha”, farei correspondência entre as mitologias grega, africana e judaica para alcançar a simbólica universal da árvore como símbolo sagrado.

A POÉTICA DE VINÍCIUS DE MORAES: ENTRE A TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ E A SIMBOLOGIA DOS ORIXÁS

Kenia Maria de Almeida PEREIRA (UFU)

kenia@trinag.com.br

Vinícius de Moraes deixou um legado poético complexo e diversificado. Poeta plural, Vinícius transitou pela poética intimista, erótica e social. Tanto cantou a sensualidade da mulher amada, como também versou sobre os horrores dos Campos de Concentração Nazista. Em 1933, impregnado pela vertente metafísico-simbólica, herdada de Frederico Schmidt, Vinícius publicou seu primeiro livro de poesias, intitulado “O caminho para a distância”. Nesta obra, o autor irá elaborar um intrigante poema de temática judaico-cristã de nome “O Judeu Errante”. Nesta poesia, Vinícius irá reler de forma arquetípica e simbólica o mito judaico de Ahasverus. Mais tarde, em 1966, já afastado da tradição hebraico-cristã, Vinícius em parceria com Baden Powell, organiza o disco “Afro-Sambas de Baden e Vinícius”, cujas músicas, agora, fazem homenagens aos Orixás do Candomblé, ao sincretismo religioso, bem como a outras manifestações da cultura afro-brasileira. Dentre as músicas presentes nesta coletânea, interessa-nos analisar, em especial, “Lamento de Exu”. Este orixá, tal qual o Judeu Errante, está relacionado ao movimento, à desterritorialização, à errância e ao hibridismo cultural. Assim, um dos objetivos desta comunicação será a análise da figura emblemática de Exu na poesia de Vinícius, tentando aproximá-lo arquetipicamente do mito do Judeu Errante. Nossas reflexões estarão ancoradas nos estudos de Jung, Durand, Eliade, Reginaldo Prandi, Pierre Verger, dentre outros.

GRUPO TEMÁTICO 10: NARRATIVAS DO FANTÁSTICO NA LITERATURA AFRICANA: ESPAÇOS, LINGUAGENS E MEMÓRIAS INSÓLITAS
COORDENADORA: Profa. Dra. Marisa Martins GAMA-KHALIL (UFU-CNPq)
 mmgama@gmail.com

Este Grupo Temático pretende reunir propostas de comunicações que elejam como *corpus* as narrativas do fantástico na literatura africana. Não se tem como alvo principal a abordagem puramente teórica de determinada modalidade do fantástico, procurando enfiá-la em algum gênero ou subgênero; o objetivo fundamental é desencadear reflexões que tenham como base questões como: a relação da construção do fantástico com os lugares e entre-lugares do espaço natural e cultural africano; o insólito e a narração de movimentos que refletem a diáspora ou o desejo de unidade; a assunção de uma linguagem mágica, que tece a memória histórica e imaginada de um povo pelas vias da escritura e da oralidade. A ideia de privilegiar neste Grupo Temático a narrativa fantástica deve-se ao fato de percebermos um forte trabalho com o elemento insólito no rico acervo das narrativas africanas, seja, por exemplo, através de enredamentos que têm o mito como sua base, seja no entrecruzar do insólito com uma instigante e densa crítica social. A seleção de três focos de trabalho – espaço, linguagem e memória – para realizar o enlace da proposta do Grupo Temático tem como fundamento o fato de crermos que esses focos/elementos muito propiciam a construção do fantástico na literatura africana. Em primeiro lugar, a ambientação fantástica advém em muitos casos de um trabalho com um espaço ricamente elaborado, um espaço que foge ao lugar

comum de uma representação diretamente realista, porque nele irrompe algum evento que desloca a ordem dos fatos sólidos e cotidianos; e vale lembrar, por exemplo, que o conceito de realismo animista, defendido por Pepetela, ilustra uma situação insólita em que a natureza encontra-se “animada”. Em segundo lugar, sobre a escolha da linguagem como foco, podemos afirmar que, no caso das narrativas africanas, o resgate da oralidade em conjunção com a metaforização da palavra é um recurso potente para a incursão do fantástico. O terceiro foco, a memória, vem aliado ao segundo, a linguagem, e sua importância na literatura africana é admirável, uma vez que é pela memória que os narradores recompõem, muitas vezes de forma mágica, uma História opressora que ao pé da letra foi totalmente desprovida de magia.

A ORALIDADE, A INVENÇÃO DA MEMÓRIA E O FANTÁSTICO EM A CHUVA PASMADA, DE MIA COUTO

Alexandra Britto da Silva VELÁSQUEZ
alexabritto@gmail.com

Este trabalho pretende investigar, a partir da obra *A Chuva Pasmada* (2004), de Mia Couto, a oralidade, a invenção da memória e o fantástico na narrativa moçambicana. Para isso, observamos o fantástico no discurso e no texto, e a linha entre a ficção e a realidade. O romance infanto-juvenil trata de uma chuva que permanece suspensa no ar, sem cair, o texto apresenta elementos do fantástico e do maravilhoso, e faz emergir questões que dizem respeito à condição humana. Entre o insólito e o sólito, o leitor percorre a narrativa e observa na família que protagoniza o romance, as crenças, o modo de viver e de se relacionar com a terra, com a água e com a morte. O fantástico é tratado pela família de forma natural e cotidiana. Destaca-se nesta obra a relação do menino com o avô, o contador de histórias, o detentor da memória, e o modo como cada membro da família vê e explica o motivo pelo qual a chuva se encontra suspensa. Contudo, para tratarmos do fantástico, da oralidade e da memória na obra de Mia Couto, tomamos como base os próprios apontamentos do autor em *Pensatempos*, e completamos o estudo do fantástico a partir de teóricos como: Tzevan Todorov, Irene Bressiére e Irlemar Chiampi. Dessa forma, direcionamos nosso olhar para a leitura de uma narrativa africana produzida na contemporaneidade, que evoca: uma espécie de memória ficcionalizada, a tradição oral e o fantástico no espaço cotidiano.

UM MENINO SEM NOME: O FANTÁSTICO MANIFESTO NA PERSONAGEM PRINCIPAL EM “O MENINO NO SAPATINHO”, DE MIA COUTO

Amanda Neves Marques CORRÊA (UERJ)
amandanevesmc@gmail.com

Grande parte das narrativas do escritor moçambicano Mia Couto está inserida no fantástico enquanto modo, e segundo Flávio Garcia, “entre suas narrativas curtas, muitas são aquelas cujo fenômeno insólito ficcional se manifesta a partir da construção da categoria personagem, e, em grande parte delas, a personagem que semiotiza o insólito aparece referida, direta ou indiretamente, no próprio título, amplificando sua

força significativa.” Partindo dessa premissa, este trabalho tem o objetivo de investigar a forma como o fantástico modal se manifesta em uma das categorias essenciais da narrativa — a personagem — em sua construção na narrativa curta de Mia Couto, “O menino no sapatinho”, encontrada no livro “Na Berma de nenhuma Estrada”. Serão analisados os recursos de linguagem utilizados para a composição e estruturação da personagem — como por exemplo, a utilização de adjetivos que a caracterizam no lugar do nome próprio e expressões metafóricas que ajudam a ornam o quanto o protagonista era pequeno — assim como sua relação com os demais signos narrativos na construção da semiose literária. Serão utilizados, ainda, embasamentos teóricos de Carlos Reis e Ana Cristina Lopes acerca dos atributos das personagens e suas imbricações no espaço e no plano da ação, ao ser desenvolvido um enredo que, neste caso em especial, culminará numa narrativa fantástica.

“AS LÁGRIMAS DE DIAMANTINHA”, UMA HISTÓRIA DE AMOR INSÓLITA.

Ana Paula Rocha da CUNHA (UERJ)
paula.cunha06@gmail.com

Este trabalho tem como objetivo analisar, nessa narrativa de Mia Couto, a irrupção do insólito a partir das personagens Diamantina e Florival. Diamantina, um tipo de carpipeira às avessas, em vez de prantear os mortos, chora pelos vivos. À sombra do grande djambalau, aldeões de perto e de longe se sentavam, um a um, à espera das lágrimas sagradas da “choradeira”, pois elas tinham o poder de diminuir a dor, o peso de existir. A personagem cumpria sua missão até a chegada de Florival, um homem de corpo magnífico, cuja aparência bruta, lhe rendera a fama de estranho e mau. Mas, ao contrário disso, Florival era incapaz de maldades e tinha o estranho hábito de, uma vez por semana, se vestir de mulher, apesar de ser alvo da zombaria de todos. Numa dessas tarde, “convertido” de mulher, vai ao djambalau e confessa seu amor a Diamantina. O final do conto surpreende o leitor: “Dizem os caminhonistas que, já noite, viram derivar pela estrada um casal de avessas aparências: ele vestido de mulher, e ela em roupas de macho” (Couto, 2001, p. 36-37). Para fundamentar essa análise, tomamos como base teórica os estudos de Filipe Furtado sobre a Literatura Fantástica.

UM SALTO NO ESCURO: O MEDO DA ESCURIDÃO EM *O GATO E O ESCURO*, DE MIA COUTO

Alexander Meireles da Silva (UFG)
prof.alexms@gmail.com

Bruno Silva de Oliveira
bs0_15@hotmail.com

Alguns elementos narratológicos pode se mesclar e se transformar. Este é o caso do uso do espaço como personagem de uma obra, um caso recorrente na Literatura. É isso que ocorre com o escuro na obra fantástica *O gato e o escuro*, do autor moçambicano Mia Couto. A escuridão é um espaço marginalizado e estigmatizado, ficando além da fronteira feita pelo pôr-do-sol, no qual um indivíduo pode se perder. Pintalgato

desobedece à mãe, cruza o pôr-do-sol e entra em contato com o escuro, enquanto espaço e personagem. O gato não tem medo do escuro, pelo contrário, ele tem curiosidade acerca desse; ele tem medo é que sua mãe descubra que este teve contato com as trevas, e não volte ao normal, pois ao adentrar o reino da escuridão, ele perde a sua pelagem amarela e passa a ser escura. Assim, este trabalho se propõe a discutir a alteridade no livro de Mia Couto, objetivando por analisar o medo do escuro nessa obra sob dois aspectos: o relativo ao espaço e ao indivíduo negro, visando apontar que ao mesmo tempo em que o escuro propicia medo, ele também gera um fascínio sobre o outro. Como suporte para esta proposta, este trabalho fará uso das pesquisas de críticos como Jean Delumeau, Herder Lexikon, Jeffrey Jerome Cohen, Célia Maria Magalhães, entre outros que auxiliaram na compreensão acerca da noite como um momento que não há luz, no qual monstros e bandidos se escondem, possivelmente, para atentar contra a vida de terceiros. Espera-se com isso mostrar que o negro possui, no imaginário, uma imagem estigmatizada e preconceituosa, mas que exerce fascínio e desejo por ser transgressor.

O FUTURO DO CONTINENTE NEGRO: A FICÇÃO CIENTÍFICA DE NNEDI OKORAFOR

Alexander Meireles da SILVA (UFG)
prof.alexms@gmail.com

Intimamente relacionada em suas origens ao racionalismo oitocentista da França de Júlio Verne e da Inglaterra de H. G. Wells, a vertente romanesca da Ficção Científica se estabeleceu, desde essa época e até meados do século passado, como um veículo do Imperialismo. Expressando a visão eurocêntrica de culturas periféricas e marginalizadas na forma de seres de traços físicos ou costumes que remetiam a cultura negra ou asiática, as narrativas da Ficção Científica, principalmente as praticadas nos Estados Unidos do século vinte, promoveram um olhar superior sobre o outro marcado pelo preconceito. Neste sentido chama atenção como o principal grupo racial na América - o Negro – foi alienado do discurso desta literatura capitaneado pela ideologia branca. Neste sentido, porém, percebe-se que a partir das últimas décadas do século vinte diferentes escritores vem abordando a realidade negra visando alterar esta situação. Dentre eles, a escritora afro-americana Nnedi Okorafor se destaca pelo uso constante de sua herança familiar marcada pela memória da Nigéria e suas contradições intrinsecamente africanas enquanto país de enormes riquezas naturais e profundas desigualdades sociais. Como este trabalho pretende demonstrar, este tema é particularmente relevante no conto “*The Popular Mechanic*” (2007), no qual Okorafor toca em um sério problema da Nigéria de hoje: o fato de o quinto maior produtor de Petróleo do mundo ser incapaz de eliminar zonas de pobreza extrema localizadas justamente nas áreas de reservas mais abundantes. Neste processo, alinhando-se com os estudos desenvolvidos no projeto de pesquisa “Fronteiras do Fantástico: leituras da Fantasia, do Gótico, da Ficção Científica e do Realismo Mágico”, ao tecer sua crítica social a Nigéria de seus pais e irmãos, Nnedi Okorafor também permite que se observe como a Literatura Africana lida com as convenções e estratégias narrativas desta expressão artística.

O SINCRETISMO RELIGIOSO NO BRASIL MARAVILHOSO DE GUIMARÃES ROSA

Tatiane Galdino da SILVA (UFU)
tatia.ne@hotmail.com

“São Marcos” compõe a obra *Sagarana* de João Guimarães Rosa escrita em 1937. É um conto que possibilita, entre outras abordagens, um olhar apurado sobre as manifestações culturais e, sobretudo, religiosas dos habitantes de uma região sertaneja denominada Calango Frito. Nessa narrativa temos um narrador-personagem caracterizado como um homem erudito, portador de uma cultura universal e adepto à ciência. Um personagem que, apesar de se inserir e explorar essa região, rejeita-a, uma vez que desrespeita suas diversificadas manifestações étnico-culturais como a feitiçaria, o cristianismo, a numerologia, as mitologias africanas, indígenas, entre outras. Racista, crítico, zombeteiro e desafiador, ele “benze pólvora com tição de fogo”. A narrativa é permeada por confrontos cujo momento de maior tensão é desencadeado por uma irrupção insólita em que esse narrador fica cego e sua cura depende da conciliação entre suas tendências científicas e a feitiçaria do negro João Mangolô. “São Marcos” encerra rigor e minúcias na rica descrição de elementos naturais, culturais e religiosos de um povo. É devido a essa constatação que este estudo elege para sua análise, principalmente, os elementos relacionados à religiosidade, pelo fato de esta ser um aspecto fundador e decisivo para a composição do imaginário de um povo. Ademais, são nessas manifestações que o maravilhoso encontrará os aspectos indispensáveis para sua irrupção. Este estudo objetiva refletir acerca do sincretismo religioso no Brasil, e, sobretudo, do conflito resultante do choque entre culturas expressado por uma cegueira mágica, alegoricamente de ordem física, uma vez que essa ocorrência está relacionada ao frequente esforço de uma cultura tentar anular e se impor sobre a outra. De um lado, a ciência e o método; de outro, o sobrenatural. A fundamentação teórica desta análise está alicerçada em Alejo Carpentier, José Murilo Carvalho, e outras leituras que possam contribuir para sua concretização.

ENTRE O REAL E O ONÍRICO: O FANTÁSTICO DE MIA COUTO EM “O HOMEM CADENTE”

Rosana Gondim Rezende OLIVEIRA (UFU)
rosa.gondim@gmail.com

O homem tem se alimentado, através dos séculos, de seus próprios sonhos, sejam eles de caráter emocional ou material. Conscientes de que estes são o motor da existência humana, escritores de sensibilidade admirável vão além dos sonhos comuns e nos apresentam com narrativas, cujo enredo se equilibra entre o onírico e o real, oferecendo-nos não somente um campo vasto e rico para estudos linguísticos e literários, como um veículo de catarse e compreensão da vida. Nossa proposta é analisar o conto “O homem cadente”, de Mia Couto, em cuja trama se observa uma fronteira que, em vez de demarcar, mescla sonho e realidade, trazendo o fantástico à tona. À medida que a atmosfera onírica delinea o fantástico, o narrador-personagem, ao observar o homem que cai, “pairando como águia real”, faz da realidade, sonho; e do sonho, realidade, conduzindo o leitor à hesitação, considerada nos estudos de Todorov. Habitando os dois mundos, a moça — uma das personagens — é o elo entre o fantástico

e o real e, talvez, mais do que isso, entre a vida e a morte. Pretendemos, também, focalizar a capacidade inventiva do escritor na recriação linguística, fazendo metáfora do cotidiano, suscitando uma prosa poética em que se conjugam simplicidade e lirismo, tornando essa recriação de expressões populares da língua portuguesa uma recriação da própria realidade. Queremos, ainda, focalizar as indefinições de tempo e de espaço do enredo, que acentuam o caráter fantástico e suscitam o questionamento acerca das atopias e seus efeitos. Para tanto, a investigação das espacialidades e de sua relação com o fantástico será fundamentada pelos estudos de Michel Foucault. Recorreremos, também, a Tzvetan Todorov e a Louis Vax na consideração das questões relacionadas ao fantástico. E a Paul Valéry, em seus estudos sobre o sonho.

A DEFORMIDADE COMO ELEMENTO INSÓLITO EM *A DIABA E SUA FILHA*

Fernanda Pina dos Reis FACCIN (UFU)
fetjus@hotmail.com/fernanda.pinadosreisfaccin28@gmail.com

O livro *A diaba e sua filha* da autora franco-senegalesa Marie Ndiaye traz como personagem principal uma Diaba que sai todas as noites a procura de sua filha que desapareceu misteriosamente. Na narrativa a atmosfera noturna envolvendo os personagens gira em torno não só do desaparecimento da filha, mas também da deformidade que a Diaba apresenta conforme sai da floresta em busca de sua filha; seus delicados pés se transformam em cascos de cabra gerando repulsa nas pessoas da cidade. Segundo Chevalier (2008, p.328 *apud* HAMK, p.32) “Toda deformidade é sinal de mistério, seja maléfico, seja benéfico. Como qualquer anomalia, ela comporta uma primeira reação de repulsa, mas é o lugar ou o signo de predileção para esconder coisas muito preciosas que exigem um esforço para serem conquistadas”. Dessa forma, tem-se por objetivo trabalhar aqui com a ambiguidade que suscita a figura da Diaba como representante do mal e ao mesmo tempo como mãe afetuosa bem como noite sendo o simbolismo da fecundidade. Também será levado em conta a relação com o mito de Deméter e Perséfone que estabelece um forte diálogo com a narrativa em questão, pois *A diaba e sua filha* é uma narrativa que apresenta elementos que configuram o insólito, além da estreita relação estabelecida com o mito.

A CONFISSÃO DA LEOA: UMA REFLEXÃO SOBRE O INSÓLITO

Alexsandra Machado da Silva dos SANTOS (PUC – RJ / UNISUAM)
alexiam@ibest.com.br

A Confissão da Leoa, uma história instigante, é uma narrativa que passeia pelo insólito; Mia Couto se apropria de um acontecimento real, ou seja, sucessivas mortes de pessoas provocadas por ataques de leões em uma remota região do Norte de Moçambique, com a finalidade de construir uma história que passeia pelos mitos, ritos, costumes tradicionais mesclados com o mistério que envolve todo o romance. Dessa forma, A narrativa se inicia com um provérbio africano: “até que os leões inventem as suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis das narrativas de caça”; a partir

dessas reflexões há o entrelaçamento do real e do irreal, é justamente com esta intenção que analisaremos este livro de Mia Couto.

**POR ENTRE ESPERANÇAS E INCUMPRIDOS SONHOS: UM ESTUDO DE
TERRA SONÂMBULA, DE MIA COUTO, E DAS PERSPECTIVAS DA
UTOPIA NA LITERATURA.**

Andrea Trench de CASTRO(USP)
andrea_trench@hotmail.com

A presente comunicação tem como objetivo a análise do romance *Terra Sonâmbula* (1992), do escritor moçambicano Mia Couto, inserindo-o na perspectiva dos estudos da memória, que visa relacionar, entre outros objetivos, os conceitos de escrita, oralidade e identidade. Assim mesmo, buscaremos desenvolver uma análise que ressalte a perspectiva utópica fundada no romance, por meio da qual se promove uma abertura a um futuro de novas expectativas e horizontes no contexto pós-colonial e uma tentativa de recuperação da identidade e memória moçambicanas, por meio da reunião de diversas narrativas, estórias e relatos transmitidos e intercambiados entre as personagens, que muitas vezes entrelaçam o mágico, ofantástico e o mítico, e que revelam suas experiências vividas e sua sapiência, mesmo estando em um mundo onde se presencia a predominância do indivíduo isolado e privado e o depauperamento da arte de contar e intercambiar conhecimentos, segundo o clássico ensaio “O Narrador”, de Walter Benjamin (1994). Assim mesmo, pretendemos demonstrar que a resistência e vontade de lutar por alternativas, bem como o desejo de realizar uma transformação na direção social, elementos fundamentais para a renovação do conceito de utopia segundo Boaventura de Sousa Santos (2010), também são acompanhados de um intenso e detido trabalho com a linguagem e com a composição do texto literário: trata-se, segundo a teoria de Ángel Rama (2001), de um consistente processo transculturador, que opera no nível linguístico, no nível da estruturação da narrativa e no nível da cosmovisão da obra, ou de seus significados, por meio do qual o romance promove uma recuperação das estruturas da narração oral e popular e faz com que as culturas regionais em si ilustradas voltem a estabelecer contato com as fontes sempre vivas da criação mítica, que se encontra em incessante emergência, determinando, por sua vez, toda a profundidade da cosmovisão da narrativa e da cultura africanas.

**DEAMBULANDO POR ESPAÇOS DE *MIRABILIA*: A CONSTRUÇÃO DO
ESPAÇO INSÓLITO EM *TERRA SONÂMBULA*, DE MIA COUTO**

João Olinto Trindade JUNIOR(UERJ)
joaotrindade@gmail.com

As narrativas contemporâneas constroem espaços onde o homem comum é constantemente confrontado com as contradições e transformações da realidade em prol da busca por um espaço verdadeiramente seu, onde imagens iminentes podem possibilitar ao homem comum perder seus referenciais e, ao mesmo tempo, perceber essas marcas de um passado sobre o qual almeja refletir, as relações entre o lugar onde se encontra e quem ele realmente é. Nesses, a narrativa africana contemporânea apresenta-se como um misto de tradição e modernidade ou, nas palavras do escritor Moçambicano Mia Couto, de uma modernidade mista de várias tradições, na qual ele

segue construindo um espaço de lógica diferente do padrão racional-ocidental, lógica essa que é mestiça e transborda da narrativa, oscilando entre o estranho e o maravilhoso, em uma realidade híbrida com regras e normas que fogem do padrão, instaurando o insólito. Como já ressalta Maria Fernanda Afonso, é o lugar onde se dá, no plano da diegese, o “encontro de diferentes estratégias relativas à representação de polos distintos da condição: o sonho e a realidade” (2004, p.348), de forma que tais narrativas incorporam as nuances da realidade responsável por transmitir ao leitor-comum a percepção da transformação do meio ao seu redor e sua relação direta entre o homem e o espaço no qual ele interfere, espaços esses de lógica animista que mesclam elementos do antes e do depois. Dessa forma, o presente trabalho propõe uma reflexão sobre a obra **Terra Sonâmbula**, de maneira que o texto aborda como o autor reconstrói ficcionalmente essa concepção de realidade através de uma linguagem que representa seu posicionamento frente ao projeto de demonstrar uma terra que não apenas se compromete a fugir do modelo hegemônico, mas reivindica esse modelo para si em seu processo de criação/desenvolvimento para demonstrar uma realidade que foge do padrão ocidental de racionalidade e segue se reconstruindo na medida em que realiza o choque entre uma tradição que se nega como pura e uma modernidade aos moldes africanos.

IMAGENS DA FELICIDADE E MEMÓRIA EM *MAR ME QUER*, DE MIA COUTO

Nancido Carmo ALVES (UERJ)
naancirj@hotmail.com

O presente trabalho busca, por meio da leitura de *Mar me quer*, do escritor moçambicano Mia Couto, refletir sobre os mistérios, os elementos insólitos, encontrados na obra, que tem tendência a promover investigações, tomando como tema a construção da língua no espaço do colonial e do pós-colonial. A preservação das crenças, da cultura e o respeito aos seus antepassados trazem leveza ao texto, carregando-o de uma magia emanada da terra. A narrativa apresenta uma história leve, com aquela espécie de leveza da qual Ítalo Calvino trata em *Seis propostas para o próximo Milênio* (1990). Suavemente, os mistérios que envolvem as personagens são revelados, os universos apresentam uma leveza no que tange ao constructo ficcional. São, assim, narradas às histórias de Luarmina e Zeca Perpétuo, um pescador, que é o narrador-personagem da obra. Ele relata sua vida e a de seu pai, além de trazer à cena sua amada, a mulata. Trata-se de um enredo que mergulha na vida de pescadores: Zeca; seu pai Agualberto Salvo-Erro, que rejeita a religião dos brancos no final de sua vida; o avô Celestiano que, muitas vezes, briga com o filho por este “meter-se no mundo dos brancos” (COUTO, 2000, p. 14). Pretendemos discutir os fluxos da memória desenvolvidos na narrativa em análise, vamos, também, procurar os sentidos da felicidade e/ou a ausência dela, existentes na ficção de Mia Couto. Observamos, ainda, a possibilidade de caminhar por reflexões sobre morte, lendas, religiosidade, costumes, notando a forma como colonizador e colonizado se relacionam nesse contexto de submissão e magia.

O UNIVERSO FANTÁSTICO DA LENDA AFRICANA *KIRIKÚ E A FEITICEIRA*

Maria Cristina MARTINS (UFU)
mariacristinamart@gmail.com.br

A lenda *Kiriku e a feiticeira* faz parte do folclore africano e é construída dentro da lógica das narrativas fantásticas. Kiriku é um menino de uma pequena aldeia perdida no imenso continente africano, que não só já nasce sabendo falar e andar, mas que determina seu próprio nome e é bastante curioso e questionador. A temática da liberdade é central nessa história que transforma o minúsculo Kiriku em herói de sua terra, ao vencer a poderosa feiticeira Karaba, libertando-a de seu sofrimento, e resgatar a vida dos homens que tinham sido devorados pela feiticeira. Além desses feitos heroicos, Kiriku também consegue trazer as fontes de água de volta para o vilarejo, essenciais para a sobrevivência de seu povo. Neste trabalho serão discutidas a adaptação literária da lenda, produzida por Janete Lins Rodrigues, Josilane Maria Aires e Maria Carmelia Lacerda (2011) e a versão fílmica de Michel Ocelot (1998), buscando explorar como se dá a construção do fantástico nessas adaptações da lenda africana, na qual o espaço e a oralidade ganham projeção especial. A irrupção do insólito nessa história abre espaço para considerações de diferentes naturezas, transformando-se em um eficiente meio de tratar de questões bastante relevantes no que diz respeito ao povo africano e alguns de seus valores.

O ESPAÇO E A MEMÓRIA E O ESPAÇO DA MEMÓRIA NO MUNDO FANTÁSTICO DO CONTO “O DIA EM QUE EXPLODIU MABATA-BATA”, DE MIA COUTO

Marisa Martins GAMA-KHALIL (UFU)
mmgama@gmail.com

O conto que destacamos para a análise, do moçambicano Mia Couto, traz em seu enredamento a história de um menino e de um boi, dois seres que têm suas vidas entrelaçadas por intermédio da morte, que é representada pelo narrador como acontecimento a um só tempo trágico e poético, um acontecimento atrelado à história da violência vivida exaustivamente pelos sujeitos nos países africanos. Nossos objetivos, na análise do referido conto, inscrevem-se na mesma direção daquela proposta pelo Grupo Temático no qual se insere esta comunicação, a saber: a relação da construção do fantástico com os lugares e entre-lugares do espaço natural e cultural africano; o insólito e a narração de movimentos que refletem a diáspora ou o desejo de unidade; a assunção de uma linguagem mágica, que tece a memória histórica e imaginada de um povo pelas vias da escritura e da oralidade. A interpretação dos espaços será norteadada pelas noções de Foucault acerca da heterotopia, utopia e atopia, bem como as concepções de espaço liso e estriado de Deleuze e Guattari. Para pensarmos o espaço da memória na trama do conto, faremos uso especialmente das reflexões de Beatriz Sarlo, que coaduna muito bem a relação entre memória, linguagem, saberes e poderes. E, para iluminar as reflexões sobre como os recursos da literatura fantástica contribuem para a poeticidade do registro de um mundo trágico, faremos uso especialmente das teorias de Cortázar, Calvino, Ceserani e David Roas.

MEMÓRIAS INSÓLITAS D'OÚLTIMO VOO DO FLAMINGO

Kenedi Santos AZEVEDO (UERJ)
kenedi.santosazevedo@gmail.com

No presente trabalho, tenciona-se demonstrar que o romance do moçambicano Mia Couto intitulado *O último voo do flamingo*, de 2005, apresenta-se como um mosaico de recordações que enredam em uma tessitura textual, cuja miscelânea de vozes misteriosas dos autênticos personagens africanos se torna uníssona, ajudando na instituição da memória fragmentada do tradutor de Tzangara. Todos esses fatos irrompem lembranças em que se entrecruzam o sólito e o insólito levando, deste modo, ao surgimento de múltiplas indagações acerca de episódios incomuns na narrativa. Assim, de acordo com Rita Paiva (2005), “As lembranças constituir-se-ão, em suma, como a memória de muitos momentos separados, que se unem com o esforço imaginante, resultando numa construção, numa artificiosa compreensão sequencial e contínua do tempo” (p. 123), no romance, isso se configura com as lembranças do pós-guerra, as lembranças da família, e as lembranças das lembranças do povo da terra. Destarte, a história do país, ora aparece como pano de fundo, ora se mistura com a ficção, por isso, toma-se emprestado as palavras de Otávio Paz (2009) quando diz que “É uma história mítica, um mito que escolheu as formas da história para encarnar-se [...]” (p. 71) e emprega-se ao romance miacoutiano, impregnado de magia e superstições, quando há contraposição de forças, como a tradição e a modernidade, a ciência e a feitiçaria, a dúvida e a crença. Dando no término do relato uma sensação de “finalismo”, porque “quando a ideologia acaba, a história também” (SIM, 2008) e a história acaba ali, quando o tradutor assevera, “Ainda assim, me deixei quieto, sentado. Na espera de um outro tempo. Até que escutei a canção de minha mãe, essa que ela entoava para que os flamingos empurrassem o sol do outro lado do mundo (COUTO, 2005), aguardando uma outra história. Deve-se acrescentar, afinal, a presença de personagens fantásticos, em meio às investigações de Massimo Rissi como, por exemplo, a enigmática Temporina, mulher de corpo escultural, mas com rosto idoso; o misterioso Suplicio, pai do narrador e seu desossamento. Entendendo, portanto, fantástico como “a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2010, p. 31), ou “a vacilação do leitor” (CHIAMP, 1980, p. 55) diante de uma explicação natural e sobrenatural dos fatos narrados, sem deixar de falar na ambiguidade nessas narrativas, por quanto “Só o fantástico confere sempre uma extrema duplicidade à ocorrência meta-empírica” (FURTADO, 1980, p. 35).

NAS MALHAS DA MEMÓRIA

Luciana Morais da SILVA (UERJ / UFRJ)
luciana.silva.235@gmail.com

O presente trabalho tem por objeto a narrativa *A varanda do frangipani* (2007), de Mia Couto. Nele almeja-se, confrontando os diversos traços que compõem a narrativa, discorrer a respeito da constituição da memória, traço que percorre todo o texto. Mergulhando nas origens das personagens ao travar contato com seus relatos, o narrador-personagem permite-se entretecer diálogos entre o ontem e o hoje através da capacidade de ouvir, sendo testemunha das testemunhas de um tempo. Assim, ao tomarem-se as reflexões sobre a memória como paradigma, é possível pensar em uma

literatura carregada de mistério e vestígios a serem desvendados ou revelados, como ocorre com a investigação na narrativa mencionada. As obras ficcionais, de Mia Couto, como bem ressaltam Fonseca e Cury (2008), apresentam cenários maculados pela guerra, que se constituem tanto por resquícios de conflitos quanto por um turbilhão de lembranças oriundas dos mesmos. A mistura de elementos, que compõe as narrativas, acabam propondo novos olhares sobre o mundo do entorno, transformando o sólito em insólito, ao formarem-se como obras embebidas em um animismo telúrico, próprio a crença, em um plano auxiliar paralelo, descrito pelos asilados. O movimento de idas e vindas, concretizado no interior da narrativa, dificulta a pacífica investigação empreendida pela personagem Izidine Naíta, que não consegue desvendar pacificamente os insólitos mistérios da varanda, por acabar neles imerso. Em uma narrativa marcada por uma constante imersão em fluxos de consciência tem-se a convivência harmônica entre os *realia* e os *mirabilia*.

O FIO E AS MISSANGAS: UM ESPAÇO INSÓLITO EM MIA COUTO

Lilian Lima MACIEL (UFU)
lilianlet@let.ufu.br

O autor Mia Couto é considerado um dos grandes nomes da literatura africana e o destaque nesse cenário está relacionado à maneira como poeticamente representa Moçambique e seu povo. O conto escolhido, O fio e as missangas, compõe o livro de contos O fio das missangas, lançado no Brasil em 2009, e é avaliado pela crítica como mais uma grandiosa obra do autor. Nesse conto, assim como em vários outros do livro, notamos como pano de fundo, um espaço ficcional moçambicano, o que não retira, de maneira alguma, o caráter universal das histórias dos personagens, ao contrário percebemos as particularidades do lugar social em que estão inseridas. Os espaços, aos quais nos referimos aqui, não são somente os físicos, mas também os espaços subjetivos, como por exemplo, o lugar social dos personagens. Nota-se uma relação de sintonia entre o espaço e os personagens, seja pela aprovação ou rejeição do mesmo. Neste trabalho propomo-nos a investigar como esse espaço constitui-se insólito colaborando na narrativa para a caracterização dos personagens e para o desenvolvimento da narrativa. Para fundamentar essa análise consideramos importantes os estudos de Todorov, Remo Ceserani e Filipe Furtado sobre o fantástico e o insólito nas narrativas. E para o estudo do espaço utilizaremos bases teóricas de Gilles Deleuze sobre o espaço liso e estriado e, em especial, Michel Foucault, com as noções de heterotopia e utopia espacial.

GRUPO TEMÁTICO 11: INTERCULTURALIDADES NO CINEMA E NA LITERATURA: VIOLÊNCIA, ALTERIDADE E QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS
COORDENADORES: Ewerton de Freitas Ignácio - ewertondefreitas@uol.com.br
 Emile Cardoso - emilecardoso@yahoo.com.br

Desde que os estudos pós-coloniais se estabeleceram nos círculos de reflexão acadêmica, as questões referentes à vivência da angústia e do sofrimento, nas mais diversas perspectivas de exploração do sujeito contemporâneo, têm sido tematizadas em/por múltiplas formas artísticas. A literatura e o cinema produzidos hoje confirmam essa proposição na medida em que compreendem os produtos culturais como fenômenos múltiplos que estabelecem relações singulares entre os sujeitos atuantes nos espaços

geográficos e simbólicos do mundo globalizado. Nesse aspecto, os estudos envolvendo relações de identidade e alteridade (HALL, 2001; FEATHERSTONE, 1992; GIDDENS, 2002) que se processam em cenários expandidos, cujas fronteiras são diluídas e imprecisas (GARCÍA CANCLINI, 2003; FRANÇA, 2003.), apontam para o fato de que os conflitos étnico-raciais permanecem como fonte de constantes problematizações, sem que isso necessariamente esgote as abordagens acerca de tais relações. Isso se verifica, por exemplo, na extensa produção literária de África que se volta para a traumática experiência da guerra. Autores como Mia Couto (1995), Pepetela (2009), Ondjaki (2006) e Gonçalo M. Tavares (2003) traduzem em suas obras a tragédia da guerra civil africana e transportam seus leitores para universos singulares dessa vivência. Complementarmente, embora por outros meios, conflitos semelhantes desenham-se nas películas de cineastas como Wim Wenders (2007), Gavin Hood (2005), Terry George (2004) e Kevin MacDonald (2006), revelando que o tema perpassa diversas mídias em inúmeras possibilidades estéticas e analíticas. A proposta deste grupo temático, portanto, é propiciar o surgimento de um espaço de discussão das problemáticas concernentes ao conjunto de experiências que plasmam o mundo do sujeito considerado outsider (ELIAS, 2000) ou, como postula Giorgio Agamben (2002), homo sacer. Seguindo essa perspectiva, serão caros à nossa discussão trabalhos que investiguem os desafios que a configuração desse universo intercultural impõe incisivamente aos indivíduos que, aprisionados em seus muros invisíveis, sofrem abusos de quaisquer ordens dentro das relações de poder, seja num âmbito simbólico (BOURDIEU, 1998), micro (FOUCAULT, 1979) ou em contextos diversos (ARENDRT, 2007).

QUANDO A LITERATURA REFLETE A VIDA: RETRATOS DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA LITERATURA CABO-VERDIANA

Mailza Rodrigues Toledo e SOUZA (USP)
izarodrigues_46@hotmail.com

Na visão tradicionalista, a mulher foi projetada para o âmbito privado (Lar), ao contrário dos homens que tinham seus lugares na esfera pública (trabalho). Mas na prática e na teoria essas associações patriarcais vêm sendo desconstruídas a partir do momento em que as mulheres resolveram sair dessa “zona de conforto”, pois concluíram que o lar não lhes proporciona a proteção que as tradições patriarcais as convenceram de que existia, só então começaram a lutar por suas “cartas de alforria”. Essa luta, no entanto, é árdua e, muitas vezes, dolorosa, pois ainda há muitos obstáculos impeditivos da emancipação feminina. Em Cabo Verde enfatiza-se a restrição da mulher ao espaço privado e as diversas formas de violência de gênero, dentre elas: a prostituição, o turismo sexual e o tráfico de mulheres e a violência familiar, pois, muitas vezes a coação sexual é praticada em casa, elevando os índices de homicídios e ofensas corporais graves à mulher ou aos seus companheiros, praticados por mulheres constantemente espancadas. Para esta comunicação, selecionamos alguns textos de autoras e autores cabo-verdianos que representam essa trágica realidade literariamente. Com o suporte teórico das teorias críticas feministas, pretendemos demonstrar, a partir da apresentação de recortes de textos literários que refletem imateticamente retratos da violência de gênero cometidos contra a mulher crioula, as diversas subjetividades femininas das quais emergem a ação e reação das mulheres diante dessa realidade.

A REALIDADE DA FICÇÃO E A SOFISTICAÇÃO DO *LUGAR-COMUM*: CONFLITOS CIVIS, MISÉRIA E VIOLÊNCIA EM *LUGAR NENHUM* NA ÁFRICA

Michelle dos SANTOS (UnU Formosa)
michelle.santos0803@gmail.com

Nesta comunicação tento discutir a relação entre a verdade factual e a verdade das histórias (narrativas), a herança do colonialismo e as relações do europeu com o Terceiro Mundo. Para tanto partirei dos filmes *Minha Terra, África* (*White Material*, França, 2009), de Claire Denis e *Johnny Mad Dog* (*idem*, França/Bélgica/Libéria, 2008), de Jean-Stéphane Sauvaire, inspirado no livro homônimo do congolês Emmanuel Dongala, articulando-os a historiografia contemporânea sobre a descolonização, à teoria do cinema e da comunicação. Qual o valor epistemológico dessas narrativas sobre a África cristalizadas em filmes de ficção sem data nem local definidos? Será que elas têm alguma realidade? Será que representam algo de real? Segundo o renomado historiador Marc Ferro, o filme, seja ele documentário ou ficção, quando compreendido em associação com o mundo que o produziu, pode prestar testemunhos da realidade representada. O filme de Sauvaire é sobre crianças soldados: Jonny é uma delas. Ele não se lembra de seus pais nem de seu nome real. Tema que também aparece em *White Material*, onde Maria Vial (Isabelle Huppert) e sua família de brancos habita um mundo árido, marcado por rebeliões, violência e tensão – que aparece sobremaneira na relação brancos/negros. Pedro Henrique Ferreira chamou Claire Denis de “a diretora da grande culpa europeia”. Embora os temas elencados no título: conflitos civis, miséria e violência sejam recorrentes nas imagens que construímos e divulgamos sobre o continente africano, é importante ressaltar que eles aparecem nessas películas de modo mais complexo, sem recair em sentimentalismos piegas, redensões reconfortantes e catárticas. Os diretores franceses parecem inquietos diante dos choques entre um passado de exploração e um presente de “acerto de contas” (de não esquecimento). O interesse e o enfoque dessa comunicação alinham-se as proposições e trabalhos acadêmicos do GPTEC - Grupo de pesquisa em imagens técnicas.

A FESTA DA MENINA MORTA: DIÁLOGOS INTERCULTURAIS, SINCRETISMO E RELIGIOSIDADE POPULAR

Maurício Ferreira Borges JÚNIOR (Unu-Formosa)
mauricioujsdf@hotmail.com

“Tia, tu me acha diferente? Me acha especial?”, pergunta Santinho a velha tia cabocla, ela o responde entre gemidos de sofrimento e ignorante admiração: “Especial? Claro, tu é santo, tu vê as coisas, tu cura. Tu é diferente, é branco. Alvo que nem tua mãe, parece feito de nuvem, alvo que nem farinha. O povo daqui não, é tudo índio.” O diálogo exposto acima traduz bem o imaginário social das comunidades de orientação cristã católica que se espalham pelo interior do país. No referido imaginário as representações

e imagens mentais construídas acerca das figuras que personificam o sagrado, santos e o próprio Cristo, são avassaladoramente brancas.

Em regiões onde a maior parte da população é negra, indígena ou mestiça os conflitos etno-raciais não poderiam deixar de ser expostos. Os privilégios, choques e relações de poder são retratados com bastante precisão no filme *A Festa da Menina Morta* (2008), primeiro longa metragem dirigido pelo ator Matheus Nachtergaele. As representações que de maneira sincrética procuram retratar o sagrado seguem essa orientação, o sagrado só é possível de ser representado se for branco, afinal são poucas ou quase que inexistentes as imagens e personagens canônicos negros, mulatos, caboclos e mestiços.

Apesar da festa religiosa que o filme retrata comungar de uma estrutura litúrgica sincrética, e nos lembremos, o sincretismo é uma característica que sempre se encontra associada as práticas de origem negra, as representações do sagrado continuam a obedecer no imaginário social dos populares a lógica eurocêntrica que liga aquilo que é considerado sagrado ao indivíduo branco. Santinho, personagem branco, interpretado por Daniel Oliveira, encontra-se em uma comunidade cabocla, ribeirinha do interior do Amazonas, por ser um dos únicos brancos e por protagonizar a epifania da menina morta é empurrado para o sacerdócio. É ele a voz autorizada da menina morta, que em momento de transe fala pela boca de Santinho. O transe é mais uma característica da religiosidade negra que inconscientemente se processa no protagonista dessa história, Santinho internaliza sua condição “especial” e exerce as relações de poder que sempre caracterizaram a tensão e conflito entre brancos e outras etnias.

Sabendo-se disso, essa comunicação pretende discutir as relações entre mestiços, negros, indígenas e brancos, que perpassam o campo simbólico da religiosidade e refletem-se nas relações cotidianas, espaço em que um branco exerce um sacerdócio característico de negros, caboclos e mestiços, confirmando as relações de poder que se dão desde a colônia.

O ENTRE-LUGAR DOS SUJEITOS CONTEMPORÂNEOS: UMA LEITURA DE CIDADE DE DEUS E INFÂNCIA ROUBADA

Raphael Martins RIBEIRO (Unu-Formosa)

raphaelmartinsribeiro@gmail.com

O ser humano é um ser sociável. Sendo assim, as relações que estabelece com seus semelhantes e suas respectivas consequências são de muita valia aos estudos das ciências humanas. Na Idade Moderna e pós moderna, as possibilidades de relacionamento intercultural tornaram-se muito maiores e mais diversas, levando-se em conta fatores importantes como industrialização e globalização. Dessa maneira, as artes também se adaptaram a esse contexto de pluralismo cultural e social, passando a se interessar pelas diversas perspectivas de exploração do sujeito contemporâneo. Para tal interesse, obras cinematográficas como o filme *Cidade de Deus*, do brasileiro Fernando Meirelles e *Infância roubada*, do sul-africano Gavin Hood, são de grande valia, pois conseguem dialogar com a realidade social das favelas e de seus habitantes, além disso, levantam uma discussão muito importante sobre mais uma característica das sociedades pós-modernas: a animalização sofrida pelos que ocupam posições desprivilegiadas. Com a história do personagem Tsotsi, do filme *Infância Roubada*, o autor consegue questionar profundamente as causas dessa animalização e chegar a questões como, por exemplo, o deslocamento do sujeito herói, ponto que também é levantado no filme *Cidade de Deus*, com os personagens Dadinho e Buscapé. Dessa

maneira, ambos os filmes comungam da perspectiva pós colonial de permitir que os sujeitos protagonistas falem por si, mostrando o outro lado do modelo de favelado que é difundido e defendido por muitas pessoas. O objetivo desse trabalho é utilizar o cinema e a influência que ele pode exercer dentro do contexto dos estudos pós coloniais, com foco nos dois filmes já citados – *Cidade de Deus* e *Infância Roubada* - e em bibliografias afins, para buscar reflexões sobre a complexa configuração e organização das relações culturais e sociais na pós modernidade, tanto como questões relacionadas à identidade individual e social dos indivíduos, com foco nas características do cinema de transportar o telespectador para universos singulares, utilizando-se de seu poder para desconstruir modelos mal vistos pelo senso comum.

O JARDINEIRO FIEL-SAÚDE, ATIVISMO E CORRUPÇÃO

Leide Rozane Alves da SILVA (Unu-Formosa)
leiderozane@gmail.com/leiderozane@hotmail.com

Dentro de um contexto atual, *O jardineiro fiel* (2005) retrata a pobreza, abandono e exploração que acontecem na África. Existem vários problemas econômicos e sociais conhecidos por outras nações como a ausência de saneamento básico, saúde, educação e também doenças, a mais comentada e proliferada é a AIDS. O foco da obra é a exploração que as Indústrias farmacêuticas promovem ao extrair matéria prima indiscriminadamente, poluir o meio ambiente, a corrupção que existe entre governos e Multinacionais e o uso da população pobre como cobaia em testes de medicamentos. Atualmente há uma invasão de multinacionais internacionais que se aproveitam dos baixos custos de impostos, de fracas legislações e de mão de obra barata para se instalarem e executarem o tipo de trabalho que bem entendem e da forma mais lucrativa possível. Há também alianças feitas entre governos e empresas que facilitam a permanência das mesmas nos países africanos. A presença desse favorecimento a empresários e políticos acaba por financiar o tráfico de drogas, armas e solidifica as guerras civis dentro do continente africano. É nesse cenário de fragilidade e corrupção em que se mantêm antigas formas de poder em que países desenvolvidos dominam países subdesenvolvidos para atenderem novas necessidades, como curas de doenças. Outro ponto relevante é que nesse contexto de ausência de governo, países africanos recebem ajuda internacional das Nações Unidas e da comunidade global em forma de ONG's que saem de várias partes do mundo com a intenção de ajudar a melhorar a condição de vida dessas populações. Também pode se analisar essa atitude como uma forma mais sutil de ganhar espaço e confiança para dominar a população desses países africanos com a intenção de prosseguir com as explorações já existentes.

VIVER E MORRER NA TELA: O CINEMA COMO EXPERIÊNCIA SUBJETIVA

Émile Cardoso ANDRADE (UEG)
emilecardoso@yahoo.com.br

Este trabalho interessa-se em discutir as relações que o cinema consegue estabelecer entre as realidades apresentadas na tela e a interação subjetiva do espectador. Observamos que, para além do múltiplo universo de experiências particulares do sujeito

que assiste ao filme, outras questões de maior amplitude acabam por permear sua vivência com/no cinema. Para tanto, analisaremos o curta-metragem de Wim Wenders *Guerra em tempos de paz* (2006) que de forma metalinguística nos oferece cenas de um vilarejo no Congo em que ocorre uma sessão de cinema. No curta do diretor alemão as imagens mostram um grupo de pessoas de uma comunidade pobre assistindo a um filme num espaço improvisado. A câmera de Wim Wenders detém-se nos espectadores e encontra suas expressões diante da guerra representada na tela. Nossas reflexões caminham no sentido de duas formulações principais: 1) a ideia de que não existe uma forma definida de avaliar a intensidade com que as imagens do cinema se revelam para seus espectadores, e 2) a noção de que o cinema é uma experiência tão ou mais real do que a própria realidade já vivida. Neste sentido, a guerra, tema principal do filme metalinguístico se presentifica novamente ao sujeito no cinema, que tendo sofrido de fato os traumas dessa violência num passado – mesmo que não muito distante – experimenta a angústia da ficção como verdade, sem considerar que sua realidade tenha um estatuto maior na ordem de importância das sensações e das subjetividades. Assim, o cinema consolida-se como realidade possível, uma verdade que se descortina através da fascinação diante da imagem em movimento.

GRUPO TEMÁTICO 12: EXPERIÊNCIAS E PROPOSTAS PEDAGÓGICAS COM A LITERATURA AFROLATINA: SUBSÍDIO PARA O COMBATE A TODA FORMA DE DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO

COORDENADORAS:

Prof^a. Dra. Maria Cecília de Lima (UFU) - mariaceciliadelima@gmail.com

Prof^a. Ms. Janaína Jácome dos Santos (UFU) - janainajacomedosantos@gmail.com

Neste GT; cuja temática é a relação entre literatura afrolatina, na qual a brasileira se encontra, e o trabalho de conscientização contra todas as formas de discriminação; temos como objetivo a socialização de experiências pedagógicas (projetos, aulas) com o emprego da literatura em sala de aula de ensino formal para o combate a discriminações de todo o tipo, por exemplo: a racial, a linguística, a de classe, a de gênero; a ligada à orientação sexual, à deficiência, dentre tantas outras. O arcabouço teórico básico que subsidiará, inicialmente, as discussões deste GT são as discussões levantadas por Amâncio (2008); Abramowicz (2006). A metodologia de trabalho será a de relato de experiências de propostas pedagógicas e discussão sobre elas. Em função de nossa experiência anterior com esse tipo de trabalho, temos a considerar que há muitas experiências e propostas que relacionam o emprego da literatura em sala de aula e o trabalho de combate a várias formas de discriminação e preconceito para serem socializadas. E essa socialização de experiências tem a contribuir para o trabalho de pessoas que, já conscientes de que precisam reagir e lutar contra todo tipo de discriminação, ainda não sabem como fazê-lo ou querem repensar suas ações. Para além disso, esse tipo de discussão em grupo de trabalho contribui para o aperfeiçoamento de práticas de quem já fazem algum trabalho e que entende que a reflexão sobre a prática docente tem de ser constante.

PRIVILÉGIO: A OUTRA FACE DO PRECONCEITO

Carla Regina Rachid Otavio MURAD (UFU)
carlamurad@gmail.com

Juliana Vilela ALVES

Levar em conta a heterogeneidade dos estudantes no preparo de aulas é um dever ético previsto em leis e documentos oficiais que nem sempre são conhecidos ou considerados pelos professores em sua prática social e pedagógica ou pelas instituições em suas práticas de planejamento curricular. Ao se juntarem à defesa dos negros, os brancos geralmente usam os mesmos termos empregados por eles, ou seja, “discriminação”, “preconceito”, “racismo” e “opressão”. Com base em Wildman e Davis (2000) que defendem a tese de que falta autenticidade ao discurso anti-discriminatório dos brancos, este trabalho pretende dar uma pequena contribuição à questão do preconceito vista por um prisma diferente: o privilégio. Para tanto, traremos reflexões sobre o que é o privilégio, a dificuldade de identificar o persistente e cíclico processo por meio do qual ele está instaurado em nossa sociedade e os sistemas de naturalização, com atenção especial ao modo como a linguagem vela estes sistemas, e a urgente necessidade de tratar os conceitos e as definições que nem sempre são compreendidas no contexto ou âmbito escolar. Ao final, pensando em um trabalho com futuros professores de línguas, propomos uma atividade de (re)construção de definições e conceitos de privilégio, preconceito, racismo e discriminação com o intuito de compreender a dimensão e o efeito de cada um deles na prática relacional que mantemos diariamente entre nós e nossos alunos.

PROJETO DE LEITURA LITERÁRIA: FORMAÇÃO DO PROFESSOR-LEITOR E SUBSÍDIO PARA O COMBATE A DIVERSAS FORMAS DE PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO

Dalva Ramos de Resende MATOS (UFU/ UFMT)
dalvaresende@yahoo.com.br

Sabe-se que a escola – principalmente na Educação Básica – reserva à literatura um papel errôneo ao fazer desta, predominantemente, um instrumento de aperfeiçoamento linguístico, perdendo-se a oportunidade de se valer da leitura literária como importante recurso na formação de leitores e um valioso subsídio de luta contra diversos preconceitos e discriminações. Ademais, estudos em Ensino de Literatura apontam que tudo isso, geralmente, acontece porque, muitas vezes, os professores não têm a formação competente, não leem os textos, não compram livros, não têm acesso a bens culturais como cinema e teatro. A essarealidade, somam-se bibliotecas mal equipadas e estratégias de leitura completamente equivocadas. Diante dessa problemática, esta comunicação pretende compartilhar uma experiência pedagógica por meio da apresentação e discussão de um projeto de leitura literária, com sugestões de obras afrobrasileiras, voltado para a formação do professor-leitor de literatura. Uma vez que cabe, principalmente, a esse docente o papel de proporcionar aos alunos um convívio estimulante com o ato de ler, para que este cumpra seu papel primordial de

ampliar, pela leitura da palavra, a leitura do mundo. Dessa forma, espera-se contribuir para a formação de alunos-leitores competentes e cidadãos conscientes, que sejam capazes de perceber no texto literário bem mais que entretenimento e deleite, mas também uma possibilidade de aprender, refletir, criticar, transformar-se e combater diversas formas de preconceito e discriminação.

LITERATURA INFANTIL NO CONTEXTO ESCOLAR – NOVOS OLHARES SOBRE A CULTURA E HISTÓRIA AFRICANA

Eliane Ribeiro Dias BATISTA (UFU)
nannaudi@hotmail.com

A Literatura foi a disciplina escolhida para nortear o trabalho com a educação das relações étnico-raciais, baseada nos preceitos da Lei 10.639/03, visando a construção identitária dos alunos. A este respeito, Carneiro argumenta que: “A identidade é antes de tudo, resultado de um processo histórico-cultural. Nascemos com uma definição biológica, ou seja, homens ou mulheres. Ou nascemos com uma definição racial: brancos ou negros. E sobre essas definições sexuais e raciais se construirá uma identidade social para esses indivíduos, homens e mulheres, negros e brancos” (Carneiro, 1993, p.3). Esta perspectiva possibilita ao aluno identificar-se enquanto indivíduo possuidor de história e tal feito contribui para elevação a sua auto-estima. Desta forma, por meio da literatura pode-se promover discussões que contribuam para questionar uma história tida como padrão, contada por uma só cor – a branca, e fundada em preceitos de hierarquização e inferiorização negra. A prática política do professor mediador e instigador que possibilitará estes novos olhares. Acreditando que um dos melhores caminhos para aproximação desta postura seja o universo literário infantil-juvenil, é que desenvolvemos o projeto na E. Municipal Iracy Junqueira. Atualmente dispomos de um referencial bibliográfico vasto que tem a proposta conjunta entre a ludicidade do contar histórias e o resgate da cultura afro-brasileira. A prática pedagógica nesta premissa baseia-se em elementos com a circularidade, a musicalidade, memória, religiosidade e ancestralidade. São estes elementos que fundamentam a prática de uso da literatura como instrumento para trabalho com a educação das relações étnico-raciais.

OFICINA DE LITERATURA E EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO- RACIAIS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO INTERDISCIPLINAR

Luciane Ribeiro Dias GONÇALVES (UNICAMP)
luribeiro_mg@yahoo.com.br

O presente trabalho relata a experiência desenvolvida durante uma oficina da disciplina Construção do Conhecimento Interdisciplinar, do curso de Pedagogia, da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – FACIP/UFU. Percebo que a interdisciplinaridade traz em seus preceitos a possibilidade de dialogar com o conhecimento sem hierarquizá-lo. Para Fazenda (2001) a interdisciplinaridade “permite a escuta silenciosa e nela a compreensão da cultura em toda diversidade e complexidade”. Assim sendo, torna-se

um elemento importante para as discussões sobre educação das relações étnico-raciais. Com a aprovação da Lei 10.639 em 2003 e a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das relações étnico-raciais, houve um impulso para o desenvolvimento de materiais e metodologias adequados para questionar a branquitude e o eurocentrismo de forma a tornar a educação um instrumento de transformação da sociedade, no que diz respeito às relações raciais. A literatura torna-se então, um instrumento importante para estas discussões. Na oficina realizada foi apresentado o livro *Entremeio sem babado* onde foram explorados, de forma interdisciplinar, aspectos ligados à identidade, pertença étnico-racial, africanidades, socialização, tradições afro-brasileiras e aspectos familiares. Compreendo que a referida oficina contribuiu de forma expressiva para a formação inicial dos discentes da pedagogia, pois exemplificou o uso da literatura, com seus procedimentos metodológicos, para o trabalho interdisciplinar na perspectiva da educação das relações étnico-raciais.

ENTRE LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA: DESVELANDO REPRESENTAÇÕES, MEMÓRIAS, CONCEITOS E PRECONCEITOS

Luiz Carlos Souza BEZERRA (PUCSP)
bezerralcs@gmail.com

Este trabalho abordar práticas de ensino de lingüística e literatura no curso de graduação em Letras. Especificamente, aborda à relação entre língua, literatura e cultura. Esta temática justifica-se por dois motivos: primeiro, pela escassez de discussões sobre este tema e, segundo, pela necessidade de discutir estas práticas com o intuito de definir e redefinir o ensino dessas temáticas na formação inicial de professores. Postas estas questões, pretendemos, neste trabalho, apresentar a comunidade acadêmica uma experiência desenvolvida na Disciplina - Oficina de Língua Portuguesa, no Curso de Letras, de uma universidade pública do Estado do Ceará. A metodologia empregada na disciplina consistia em aulas expositivo-discursivas, leitura e análise de textos de literatura marginal e popular e, por último, elaboração de propostas de ensino para a educação básica. O material de análise constitui-se de relatos de experiência e observações dos encontros. Esta proposta fundamenta-se na abordagem teórica desenvolvida por Bakhtin (1992) e trabalhos desenvolvidos por Brait (2010, 2011). Os resultados sugerem que há uma fragmentação no ensino de língua, literatura e cultura. Esta fragmentação ocasiona dificuldades de compreensão das disciplinas e de suas inter-relações. Inicialmente, os estudantes apresentavam resistência em aceitar os textos das literaturas citadas nem concordavam com a possibilidade de inserção no ensino fundamental e médio. Nesse caso, o espaço de leitura e discussão foi importante para tocar em conceitos, preconceitos e representações que os estudantes tinham constituído. Assim, as discussões prevaleceram para abordar os estereótipos. O estudo aponta, ainda, que a cisão referente ao ensino de línguas, literaturas e culturas não têm respaldo teórico, nem justificativa condizente e, por conseguinte, impõe impasses no ensino das respectivas disciplinas, bem como reforça conceitos e preconceitos cristalizados na sociedade. Portanto, urge rever os objetos e metodologias de ensino para que, a partir das questões apresentadas, possamos redimensionar as práticas de ensino na licenciatura em Letras.

MANUAIS ESCOLARES - UM TESTEMUNHO DE DIFERENÇAS SOCIOCULTURAIS?

Madalena TEIXEIRA (Instituto Politécnico de Santarém – ESE
Universidade de Lisboa – CEAUL/CAPLE)
madalena.dt@gmail.com

Ao longo dos tempos, os manuais escolares têm desempenhado um papel de relevo na história da aprendizagem *das línguas, espelhando até hoje não só os conteúdos a serem ensinados/aprendidos*, mas também metodologias, princípios ideológicos e consequente orientação política de educação de um determinado período histórico, embora haja hoje algumas orientações precisas para a construção de um manual, designadamente de língua portuguesa. (Grosso & Teixeira, no prelo). Assim sendo, esta apresentação procura mostrar como os textos literários que constituem os manuais, devem/têm de refletir a sustentabilidade de outros textos que regulam a prática pedagógica – os Programas Curriculares -, e simultaneamente contribuir para a desconstrução de estereótipos e de formas de discriminação. Este estudo ainda está em curso, todavia os resultados apontam para o sucesso de propostas pedagógicas que têm base na explicitação concetual e histórica, resultando em propostas de reformulações, por parte dos alunos, que pretendem ser adequadas ao mundo global e plural que se vive à entrada do século XXI.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: A ESCRAVIDÃO EM DISCUSSÃO

Mariana Batista do Nascimento SILVA (UFU)
mariletras@yahoo.com.br

Este trabalho visa problematizar os sentidos da palavra escravidão, de maneira a discutir questões como sociedade, trabalho, pluralidade, cultural e etnia tendo em vista diferentes momentos da história brasileira. Exporemos e discutiremos uma sequência didática, direcionada ao ensino fundamental I, que tem como foco a escravidão e que contempla temas relacionados a esta problemática; no conjunto de atividades propostas são utilizados gêneros variados como obras de artes, propagandas, textos informativos e literários, sendo uma adaptação em cordel do livro “Escrava Isaura” de Bernardo Guimarães e a obra “Samba batuque e canção” de Cecília Meireles dois livros importantes e norteadores para as atividades; toma-se neste trabalho o texto literário como representação de acordo com os conceitos de Chartier (1991), também como lugar de memória. Por meio desta sequência didática visou-se colaborar para a efetiva formação cidadã do educando de maneira a valorizar e compreender as raízes brasileiras e a organização social e econômica do nosso país em diversos momentos discutindo a desigualdade e segregação que ocorre em nosso país. A busca da constituição de uma

identidade brasileira será discutida a fim de compreender quem são os “brasileiros”, quais as imagens que socialmente criamos do nosso país e o que foi a escravidão no passado e como ela se configura na história presente e construção do futuro. Como embasamento teórico, consideraremos BAUMAN (2005), HALL (2001), GINZBURG (1990), BAKHTIN (1998).

“A NEGRINHA” DE MONTEIRO LOBATO E A QUESTÃO DA OPRESSÃO ÉTNICO-RACIAL NO BRASIL

Suely CORVACHO (IFSP)
sucorvacho@uol.com.br

O trabalho com textos literários permite a reflexão em diversas áreas do saber, entre as quais se destacam: Estética, enquanto gênero e parâmetros de beleza; Língua, enquanto construção; História, enquanto contexto; Sociologia, enquanto ideologia; Psicanálise, enquanto sentimentos envolvidos. Por essa riqueza, a Literatura é essencial no Ensino Médio, ocasião em que o jovem está colocando em xeque a visão de mundo adotada até então e escolhendo os valores que o orientarão vida afora. Nesta perspectiva, a comunicação apresenta a leitura estética, linguística, histórica e ideológica do conto escrito por Monteiro Lobato, “A negrinha”, que narra a história de uma criança vítima de extrema violência. Ambientado após a abolição da escravatura no Brasil, o narrador permite perceber a naturalização da violência entre os antigos senhores de escravos, o papel da Igreja Católica, o comportamento dos ex-escravos com seus iguais. A análise do conto propiciará também a percepção da importância da Língua para construção da ironia, da imagem de uma personagem frágil – a protagonista -, de uma personagem autoritária – a antagonista -, da construção da empatia entre leitor e personagem. Contudo, o ponto forte do conto está na possibilidade de refletir sobre a opressão do negro no início do século XX e atualmente.

INVERNADA DOS NEGROS: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA EM SANTA CATARINA

Suzy de Castro ALVES (Secretaria de Estado da Educação)
suzycastroalves@gmail.com

O Programa Saberes da Terra do Ministério da Educação por intermédio da Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade - Convênio nº 069/2005/MEC/SECAD), objetiva desenvolver uma política de Educação do Campo que possibilite aos jovens e adultos da agricultura familiar, excluídos do sistema formal de ensino, a oportunidade de escolarização na modalidade EJA, integrando ensino fundamental com a qualificação social e profissional. Em Santa Catarina, ficou a cargo da Secretaria de Estado da Educação o incremento do referido programa no que se

refere à contratação dos professores, à formação continuada, ao acompanhamento pedagógico, bem como, as condições materiais para o funcionamento das turmas. Esse estudo analisa os resultados das práticas pedagógicas vivenciadas por jovens e adultos que participaram do Programa Saberes da Terra da Comunidade Invernada dos Negros localizada em Campos Novos, no estado de Santa Catarina. Para a organização deste trabalho caracterizou-se a população do campo, os sujeitos da comunidade quilombola, o programa saberes da terra, as políticas públicas voltadas aos sujeitos do campo e a implementação das diretrizes curriculares nacionais da educação das relações étnico-raciais a luz da Lei 10.639/2003. Importante destacar que a organização curricular estruturou-se a partir do eixo articulador: Agricultura Familiar e Sustentabilidade. As primeiras intervenções abordaram a temática agricultura familiar: etnia, cultura e identidade, permitindo a discussão e a reflexão sobre as histórias dos sujeitos da comunidade quilombola, seu reconhecimento e valorização. A metodologia utilizada foi qualitativa, com utilização de questionários e entrevistas, bem como análise dos relatórios realizados durante a formação continuada e visitas pedagógicas.

TEXTO EM OBRA DIDÁTICA, NO COTIDIANO DE SALA DE AULA E NA VIDA

Terezinha Fatima Martins Franco BRITO (UNIGRANRIO/FAETEC /UFU)
tfmarfranbr@yahoo.com.br

Desenvolve-se neste trabalho um estudo sobre textos extraídos de obra didática de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental II. Exemplificam-se, nesse recorte, alguns textos de gêneros variados como: crônica, poema, propaganda, tirinha, charge/cartum e suas atividades interpretativas analisando-os como contribuição às discussões sobre desigualdades sociais quanto a questões étnicas, classe social, religião, faixa etária, orientação sexual, padrões estéticos, linguísticos e outros, considerando-se que tais situações precisam ser revisitadas a fim de que a escola não perpetue preconceitos e estereótipos, mas que amplie capacidades de leitura de gêneros em circulação social em luta contra discriminações. Objetiva-se verificar se a obra didática analisada pode contribuir para a formação de cidadãos com desenvolvido pensamento crítico e conscientes da multidiversidade do mundo em que vivemos. Analisam-se, portanto, esses textos e atividades à luz da Análise de Discurso Crítica (ADC), Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e o possível diálogo com propostas que promovam, ou não, interação entre os interlocutores (leitores projetados) nas atividades interpretativas. Verifica-se que, no que concerne ao uso de textos, esses podem ser mais explorados, uma vez que ainda são identificados alguns estereótipos em obra didática, além da predominância de alguns gêneros textuais sobre outros, também importantes socialmente. O estudo da obra também demonstra que a multiplicidade de vozes (polifonia) explorada nos textos e atividades selecionadas, pode possibilitar a percepção das situações heterogêneas e problematizadoras componentes do meio social em que vivemos. Evidencia-se a questão da representação do texto para seu sujeito, sejam eles, além de leitores, os críticos e produtores de novos textos. Nessa breve apreciação apresenta-se relato de experiência com turmas de sexto ao nono ano do Ensino Fundamental com abordagens relacionadas a depoimentos sobre a discussão: “*qual o pior preconceito?*”, que podem ser identificados em http://www.educacaopublica.rj.gov.br/discutindo/discutindo.php?cod_per=7, acessados no período de 2008 a 2010.

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO NEGRO: UMA LUTA PELA INCLUSÃO

Janaína Jácome dos SANTOS (UFU)
janainajacomedosantos@gmail.com

Para a discussão de um modelo de educação inclusiva, e atendendo à lei 10.639/03, que especifica a inclusão obrigatória, no ensino fundamental, médio e superior, do ensino sobre história e cultura afro-brasileira, propomos essa comunicação. Nosso objetivo é, por meio do conhecimento sobre o processo de escolarização da população negra, valorizar as diferentes formas de escolarização e de ensino-aprendizagem e, juntamente com a discussão da lei 10.639/03, contribuir para a diminuição da discriminação e do preconceito no Brasil, no que se refere à essa população. Como arcabouço teórico trazemos as discussões levantadas por Cruz (2005), Pereira (2005) e Barros (2005). Autores que partem do princípio de que a lei 10.639/03 é uma grande conquista de toda a população negra, entretanto, o espaço acadêmico ainda continua enfrentando uma série de problemas para a sua implementação, que vão desde o (des)conhecer do processo de escolarização até a aplicação da lei. Para chegarmos a uma educação que busca romper com o racismo e com o preconceito racial, precisamos (re)conhecer os processos educacionais nos quais o negro foi inserido ou excluído. Ao tomarmos conhecimento dessas trajetórias, percebemos que o ensino foi instrumento, em diversos momentos históricos, de dominação e de controle. Conhecer os processos de escolarização da população negra contribuirá para a valorização das diferenças raciais, proporcionando a igualdade entre os homens.

PROPOSTA PEDAGÓGICA: SUBSÍDIOS DA ADC PARA A LEITURA DE GÊNEROS LITERÁRIOS

Maria Cecília de LIMA (UFU)
mariaceciliadelima@gmail.com

Nesta comunicação, cuja temática é a relação entre literatura brasileira, leitura e o combate ao preconceito racial, temos como objetivo socializar e discutir proposta de leitura do gênero conto, empregando como arcabouço teórico a Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001) e a teoria de gêneros e registros (CHRISTIE e MARTIN, 1997).

O arcabouço teórico básico que subsidia nossa proposta é a da análise de Discurso Crítica, para a qual a linguagem é definida como prática social. Com o arcabouço proposto pela ADC (CHRISTIE e MARTIN, 1997; CHOULIARAKI E FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001), considera que por meio da linguagem.

A metodologia de trabalho deste GT será a de relato de experiências e de propostas pedagógicas e discussão sobre elas. Em função de nossa experiência anterior com esse tipo de trabalho, temos a considerar que há muitas experiências e propostas para serem socializadas que relacionam o emprego da literatura em sala de aula e o trabalho de combate a várias formas de discriminação e, como consequência, também o preconceito. Essa socialização de experiências contribui com aquelas pessoas que, já conscientes de que precisamos reagir e lutar contra todo tipo de discriminação, ainda não sabem como fazê-lo. Para além disso, contribui para o repensar e para o aperfeiçoamento daqueles que já fazem algum trabalho, mas que entendem que a reflexão sobre a prática docente tem de ser constante.

GRUPO TEMÁTICO 15: REPRESENTAÇÕES AFRICANAS E AFROBRASILEIRAS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL E NO LIVRO DIDÁTICO DE LITERATURA

COORDENADORES: Prof^ª. Ms. Daniela Galdino (UNEB) -
operariodasruinas@hotmail.com

Prof. Dr. Oton Magno Santana Santos (UNEB)

MITOS YORUBÁS E A LITERATURA PARA CRIANÇAS E JOVENS

Jorge Luiz Gomes JUNIOR (Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da
Fonseca)
j.junior.rj@hotmail.com

A reflexão em questão almeja a análise da presença dos orixás na literatura infanto-juvenil brasileira, através da transcrição da mitologia que os cerca, como meio de interação no processo de reconstrução do imaginário popular acerca da cultura africana e afro-brasileira. Para a sociedade do candomblé, os mitos são constituintes de uma memória coletiva, que embasa os rituais e a vivência cotidiana dos adeptos dessa religiosidade, uma vez que transmitem valores, conhecimentos e justificativas para todos os aspectos da vida dos descendentes da ancestralidade africana que crêem em seus relatos.

A fim de buscar o entendimento dos vários aspectos da cultura africana e afro-brasileira, a proposta é que se utilize como gancho os mitos yorubás, que exercem importantíssima função na cultura africana que chega até nós, como consequência do processo de escravização do negro e se trabalhe essa literatura de várias maneiras, considerando a relevância da oralidade, em seus múltiplos aspectos, como literatura verbal, rica em significados, tradições e essencialmente como memória viva de uma ancestralidade, além de compreender uma possível função social da Literatura, objetivando utilizá-la como atalho para o processo de reconstrução de valores.

A percepção da cultura africana e afro-brasileira pelo viés literário, diante de um trabalho pertinente, focado nas questões sócio-culturais que a cercam, pode ser um sólido caminho de desconstrução de visões pejorativas acerca das sociedades africanas e das comunidades afro-descendentes da diáspora, assim como pode interceder no cumprimento da lei 10.639 que determina os estudos da história e cultura africana e

afro-brasileira, nos ensinamentos regular e médio, das instituições educacionais do Brasil. A lei atrelada à Literatura, se torna um grande agente para a ressignificação da cultura afro-brasileira, além da construção do respeito às diferenças culturais que são também partes da formação cultural do país.

Através da linguagem literária da oralidade, na figura dos mitos, gradativamente são apresentados os pressupostos culturais das referidas tradições e de alguma maneira, pode-se dar início ao processo de desconstrução de estereótipos e paradigmas solidificados no imaginário popular que desmerecem e menosprezam o sujeito negro, a cultura religiosa afro-brasileira e os aspectos das sociedades afro-descendentes.

Para que se desenvolva esse percurso, utilizaremos como referências teóricas Maria Nazareth Fonseca e Eduardo de Assis, a respeito de Literatura e Afrobrasilidade; Laura Padilha, sobre a palavra africana e Reginaldo Prandi, Mãe Stella e José Flavio Pessoa de Barros, para tratar dos mitos yorubás.

A LITERATURA AFRO- BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM FLORIANÓPOLIS (2012)

Cristiane Mare da SILVA (Prefeitura Municipal de Florianópolis – EJA)
crisserenisima@gmail.com

No momento desta escrita eram muitas as vozes e diálogos que se perpetuavam. Ora a literatura como fonte inesgotável de representatividade, capaz de nos enriquecer com novas interpretações sobre a cultura multifacetada dos afro-brasileiros. Ora o diálogo dos últimos 40 anos do Movimento Negro ressonado pelo ministro Ricardo Lewandowski no Supremo Tribunal Federal, a aprovação do Estatuto de Igualdade Racial no Congresso nacional. A palavra diálogo perpetuava-se, foi o verso, tomada da posse dela por enunciadores diversos que configuraram a luta do Movimento Negro, disseminando informações, estatísticas, pesquisas das condições dos afros no país, produzidas por intelectuais e parceiros. Aliada ao samba, a força ininterrupta do rap, a literatura em seus diversos gêneros, é parte do esforço produziu a vitória ocorrida no dia 26 de abril de 2012 no Supremo Tribunal Federal. Por outro lado, na ponta da vida cotidiana, a Educação de Jovens e Adultos em Florianópolis, formada por 60% de estudantes de origem africana, procurando a duras penas manter-se em processo de escolarização, apresenta-se como uma ótima oportunidade para implementar uma educação com foco na diversidade cultural. Nesta comunicação pretendemos apresentar nossa experiência de promoção de diálogo entre esses dois mundos. Pensar a literatura como fonte inspiradora para discutir e refletir sobre o processo educativo do qual passa nosso país, como parte de uma ação afirmativa que foge aos limites das escolas regulares, a leitura como uma visão ampla da educação e letramento em busca de uma pessoa nova. Queremos, baseada em nossa experiência em sala de aula, refletir como posicionamento político pode se dar em diferentes espaços como construção desse momento histórico do qual somos todos protagonistas. Utilizando-se de teóricos que dialogam das mesmas inquietações como Eduardo Assis, Iris Amâncio, Zilá Bernd,

Maria Aparecida da Silva Bento, Paulo Freire e a Resolução CNE 01/2004, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Etnicorracias e Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Os resultados destes esforços emergem nas oficinas, nos temas de pesquisa e na atividade em sala de aula do Núcleo de Eja da Escola Básica Almirante Carvalhal, no Bairro de Coqueiros, em Florianópolis.

LITERATURAS AFRO-BRASILEIRA E AFRICANAS NO CONTEXTO DO LETRAMENTO LITERÁRIO: O DESAFIO NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA A 3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Nelzir Martins COSTA (UFT)
rizlencosta@yahoo.com.br

Este trabalho apresenta uma análise de livros didáticos de Língua Portuguesa (doravante LDP), utilizados na 3ª série do Ensino Médio dos Centros de Ensino Médio do município de Porto Nacional – Tocantins. A análise centra-se na observação da apresentação das Literaturas Afro-brasileiras e Africanas como conteúdo escolar, no contexto do letramento literário esperado da escola na formação dos jovens em leitores proficientes e na sua função social que prioriza a formação de cidadãos críticos e plenos no exercício da cidadania. Para isto, parte do pressuposto de que, embora a Lei 10.639/2003 esteja prestes a completar 10 (dez) anos de existência, os autores de LDP, assim como os professores, ainda encontram dificuldades em inserir estas literaturas nos conteúdos didáticos a serem ministrados. Os LDP analisados são “Linguagem em Movimento”, de Carlos Cortez Minchillo e Izeti Fragata Torralvo, Editora FTD e “Português Linguagens”, de Thereza Cochar Magalhães e William Roberto Cereja, Editora Saraiva. A teoria de letramento utilizada é de SOARES (2012), GOULART (2003;2007), endossada pela concepção de letramento literário defendida por COSSON (2011), COLOMER (2007) e por estudiosos das literaturas afro-brasileira e africanas como DUARTE (2010), ROSA; BACKES (2011). Também foram consideradas as orientações dadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, Parâmetros Curriculares + e Guia PNLD/2012. Os resultados deste trabalho indicam que, apesar dos anos da vigência da Lei 10.639/2003, os LDP ainda não trazem, da forma esperada pelas teorias de letramento literário, essas literaturas. Revelam que alguns autores, nem mesmo conseguiram inseri-las como parte do conteúdo.

INVERNADA DOS NEGROS: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA EM SANTA CATARINA

Suzy de Castro ALVES (Secretaria de Estado da Educação)
suzycastroalves@gmail.com

Ely das Graças SOUZA (Graduanda em Licenciatura em Educação do Campo -
Universidade Federal de Santa Catarina)

O Programa Saberes da Terra do Ministério da Educação por intermédio da Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade - Convênio nº 069/2005/MEC/SECAD), objetiva desenvolver uma política de Educação do Campo que possibilite aos jovens e adultos da agricultura familiar, excluídos do sistema formal de ensino, a oportunidade de escolarização na modalidade EJA, integrando ensino fundamental com a qualificação social e profissional. Em Santa Catarina, ficou a cargo da Secretaria de Estado da Educação o incremento do referido programa no que se refere à contratação dos professores, à formação continuada, ao acompanhamento pedagógico, bem como, as condições materiais para o funcionamento das turmas. Esse estudo analisa os resultados das práticas pedagógicas vivenciadas por jovens e adultos que participaram do Programa Saberes da Terra da Comunidade Invernada dos Negros localizada em Campos Novos, no estado de Santa Catarina. Para a organização deste trabalho caracterizou-se a população do campo, os sujeitos da comunidade quilombola, o programa saberes da terra, as políticas públicas voltadas aos sujeitos do campo e a implementação das diretrizes curriculares nacionais da educação das relações étnico-raciais a luz da Lei 10.639/2003. Importante destacar que a organização curricular estruturou-se a partir do eixo articulador: Agricultura Familiar e Sustentabilidade. As primeiras intervenções abordaram a temática agricultura familiar: etnia, cultura e identidade, permitindo a discussão e a reflexão sobre as histórias dos sujeitos da comunidade quilombola, seu reconhecimento e valorização. A metodologia utilizada foi qualitativa, com utilização de questionários e entrevistas, bem como análise dos relatórios realizados durante a formação continuada e visitas pedagógicas.

GRUPO TEMÁTICO 16: LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: O RAP EM QUESTÃO

COORDENADORA: Prof. Dr^a. Cintia Camargo Vianna
(UFU)cintiavianna@ileel.ufu.br

PRA CÁ DA PONTE: QUEBRADAS, GUETOS E FAVELAS NO RAP DOS RACIONAIS MC'S

Jorge NASCIMENTO (UFES)
jorgelizn@gmail.com

Segundo Teresa Pires Caldeira (*Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*): “A segregação – tanto social quanto espacial – é uma característica importante das cidades. As regras que organizam o espaço urbano são basicamente padrões de diferenciação social e de separação”. Já Loïc Wacquant, em *As duas faces do gueto*, referindo-se a Chicago, afirma: “O *hipergueto* das décadas de 1980 e 1990 expressa uma *exacerbação da histórica exclusão racial vista por um prisma de classe* e exhibe uma nova configuração espacial e organizacional”. Bauman, comentando Wacquant, conclui: “Os guetos reais são lugares dos quais não se pode sair (como diz Wacquant, os habitantes dos guetos negros norte-americanos “não podem casualmente atravessar para o bairro branco adjacente, sob a pena de serem seguidos e detidos, quando não hostilizados pela polícia”) (*Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*”. A partir de uma abordagem transdisciplinar - Mike Davis (*Planeta Favela*), Alba Zaluar (*Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*), Milton Santos (*O espaço do cidadão*), dentre outros - pretende-se analisar, utilizando como *corpus* os conteúdos poéticos-discursivos que emanam de alguns RAPs dos Racionais Mc's, questões

relativas aos “territórios urbanos”. Serão ventilados *Periferia é periferia, Fim de semana no parque, Racistas otários, Negro drama, Otus 500, Da ponte pra cá* etc. Dessa forma, serão abordados temas como a violência, a criminalização (e a criminalidade), o confinamento e, fundamentalmente, o conflito, percebido pelo olhar “de dentro”, entre pobres favelizados e/ou guetoizados e os aparatos de vigilância, estigmatização e punição cada vez mais presentes no cotidiano das cidades brasileiras.

HIP-HOP: RAP, BREAK E GRAFITE: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR PARA SÉRIES DO ENSINO FUNDAMENTAL

Tatiane Alves Maciel BARBOSA (UFU)
ricardoetatiane@yahoo.com.br

O contato com a função social de alguns estilos musicais e suas letras é importante porque permite ao estudante dialogar, por meio da letra, do som, da dança e do grafite, com a realidade na qual está inserido. No caso específico do hip-hop, o estudante precisa deprender das explicações e coletânea de textos fornecidas a cultura desse estilo bem como a denúncia que se propõe fazer das fraturas sociais brasileiras. Nossa sugestão, neste trabalho, é a de que estudantes do ensino fundamental construam um projeto com hip-hop, criando letra e som, montando coreografia com o *street dance* e alguns grafites que ilustrem a letra, com auxílio dos professores de Literatura, Educação Física e Artes. Dessa forma, em sequências didáticas, segundo DOLZ e SCHNEUWLY (2004), os alunos vão assimilando os conteúdos estudados ao colocá-los em sua prática escolar. Também pode-se fazer uma comparação e reflexão do hip-hop e o samba feito nas escolas de samba, pois os estudantes serão levados a compreender a brasilidade e autenticidade do samba carnavalesco que, em sua origem, tem o objetivo de construir uma identidade legitimada em seus temas e letras. Sendo assim, esta proposta artística de hip-hop que englobará a música (rap), a dança (break) e o desenho e pintura (grafite) proporcionará aos alunos do ensino fundamental o contato com a cultura afro-brasileira. Assim, a escola cumprirá, portanto, seu papel fundamental na formação da identidade das crianças e jovens que terão clareza da necessidade de reconhecer e respeitar a diversidade da qual é constituída a sociedade e que valorizem a inclusão social para que a escola possa se tornar, de fato, um espaço intercultural, conforme ABRAMOWICZ & OLIVEIRA (2006).

FRENTE IMIGRANTE: DO EMUDECIMENTO GUETIZADO AO GRITO PELA CANÇÃO

Andressa Zoi NATHANAILIDIS (UFES)
a.z.n@uol.com.br

A presente comunicação tem como finalidade apresentar um debate acerca dos aspectos dialógicos existentes entre a canção rap latina, o discurso migrante e a globalização. Nesta comunicação, em decorrência da amplitude do corpus de estudo, serão feitas considerações em torno das canções *Ajayu inmigrante e Realidad Cruda, cuyas performances- atribuídas ao grupo boliviano radicado na Argentina Frente Imigrante- aparecem disponibilizadas na internet, por meio de canais específicos, como o Youtube. Poesia diaspórica, imersa em ideologias políticas e posturas reivindicatórias, a canção produzida por Frente Imigrante parece atuar enquanto espelho de uma realidade*

ignorada, mecanismo chave para a compreensão da paradoxal relação existente entre o cenário globalizado e aqueles que migram almejando melhores condições de sobrevivência. Neste trabalho, serão elencadas questões específicas, relacionadas tanto à globalização, enquanto fator motivacional imprescindível para a ocorrência da migração, quanto à posterior guetização e sucessivo “ganho de voz”, possível em função do aparato tecnológico oriundo também dessa conjuntura. A fim de viabilizar a presente proposta será necessário trabalhar com conceitos específicos como os de “performance” e “literatura menor”. Também será preciso fazer uso de apoio teórico específico, relacionado ao campo dos estudos culturais e da filosofia pragmatista. Dentre as obras utilizadas estão produções bibliográficas de Richard Schusterman, Richard Rorty, Stuart Hall, Paul Gilroy, Mikhail Bakhtin, dentre outros.

POESIA ORAL E PERFORMANCES NA RODA DE CAPOEIRA ANGOLA

Salvio Fernandes de MELO (IFF)
salviofm@gmail.com

Esta pesquisa analisa e descreve os processos de produção, transmissão e recepção da poesia oral na capoeira angola, seguindo a teoria Zunthoriana. Desta forma, a transmissão de todo poema oral exige uma *performance* por parte do seu intérprete. Portanto, analisa-se as performances (poéticas) de mestres e capoeiristas na roda de capoeira angola, no intuito de compreender os tipos de performances existentes, as técnicas e particularidades de cada *performer*; sua relação com texto (cantigas) e com o espectador. Compreendendo a capoeira como uma manifestação híbrida que reúne a luta, o jogo, o rito, a dança, música, teatro, som e imagem, é possível perceber as várias *performances* que acontecem simultaneamente na roda de capoeira de capoeira angola: performance física (esportiva), a performance musical, performance do intérprete, performance do coro de vozes e a performance do espectador. Todas estas performances contribuem para o surgimento de uma poética visual, sonora, verbal e corpórea, gerando assim o dinamismo, a pluralidade e a complexidade do jogo da capoeira angola. Visa-se, neste caso, a leitura e análise da performance do intérprete (capoeirista) no ato de interpretação do canto, assim como sua direção e produção da roda. Para tanto, acompanhou-se a performance de mestre Patinho, capoeirista maranhense, através da observação participante e de filmagens, durante algumas rodas coordenadas e dirigidas por ele em São Luís do Maranhão. As performances de mestre Patinho estão completamente ligadas à regência e direção da roda, exercendo assim os papéis de poeta, mestre, maestro e diretor e produtor da sua roda de capoeira angola. Portanto, constata-se que a poesia oral de uma manifestação afrobrasileira, como a capoeira, exige a presença do corpo do intérprete, num jogo poético composto por gesto, expressões faciais, risos, gritos, ambientado por ritos, música, teatralidade, picardia, luta, jogo e religiosidade.

LEITURAS E REPRESENTAÇÕES CULTURAIS E FICCIONAIS EM RONDA: ORATÓRIO MALUNGO, DE ORDEP SERRA

Maria David SANTOS (PPGLDC/UEFS)
mariadavidsantos@yahoo.com.br

O trabalho aqui proposto tem por objeto de análise o romance *Ronda: oratório malungo* (2011), de Ordep Serra, escritor baiano e antropólogo pesquisador em cultura. O romancetransita pela cultura do Recôncavo baiano – Cachoeira, São Félix, Muritiba e Maragogipe, logo *locus* do sincretismo cultural africano-brasileiro – com sua linguagem coloquial singularmente temperada pelo ritmo dos atabaques e do imaginário da religião africana em terras brasileiras. Em nosso estudo destacaremos a representação sócio-política e cultural dos quilombos e terreiros de candomblé, em tempos de perseguição, retratados como prática criminosa pelas autoridades. A partir da violência material e humana sofrida pelos personagens principais da narrativa ao longo da narrativa e sua íntima relação com quilombos e terreiros, busca-se nas encruzilhadas culturais os choques entre as mesmas para percebê-las em suas singularidades, com voz e significação. As breves credenciais de Ordep Serra, 68 anos, apontam para um escritor já premiado em três concursos nacionais de literatura, em 2008, com o livro de contos *Sete Portas* e em 2010, com o romance *Ronda: oratório malungo* do Prêmio Nacional de Literatura da Academia de Letras da Bahia (Braskem/ALB). *Ronda: oratório malungo: ficções de Olufihan* é o título da obra de Ordep Serra recém lançada e considerada desde então, a melhor ficção afro-brasileira inscrita no concurso de 2010, do qual indiscutivelmente saiu vencedor. Portanto, esta narrativa já chega ao leitor com alto reconhecimento crítico e recomendações várias. Para o autor, nascido em Cachoeira, na Bahia, *Ronda* é uma ficção mais afro-baiana do que afro-brasileira. Não nos deixa mentir o fraseado maneiro, correto e de gosto popular, linguagem límpida como água nascente, ritmo e cadência que vêm dos atabaques em noite de revelações, tal qual nos terreiros de candomblé.

GRUPO TEMÁTICO 18: FLUXOS E NEGOCIAÇÕES NAS LITERATURAS AFRODIASPÓRICAS

COORDENADORES: Alvany Rodrigues Noronha Guanaes (Uni-Anhanguera) - alvanyg@terra.com.br
 Divanize Carbonieri (UFMT) - divacarbo@hotmail.com

Aproximadamente a partir do final da década de 1990, os estudos pós-coloniais passaram a questionar a eficácia de uma estratégia investigativa que insistisse exclusivamente nas relações conflituosas entre metrópoles e colônias e seus resultados ou consequências. Nesse momento, era proposta uma mudança de paradigma crítico, com o escoamento da cristalização em torno do contexto do estado-nação surgido no processo entre colonização e descolonização e com a instauração, em seu lugar, de uma configuração mais ampla, mais fluida, mais transitiva e, por conseguinte, mais complexa. As cartografias diaspóricas começavam a se delinear como uma abordagem significativa das questões pós-coloniais, privilegiando não as teorias e representações de raízes fixas ou essenciais, mas os inúmeros deslocamentos, forçados ou não, realizados por grupos oprimidos na travessia e intercruzamento de distintas partes do mundo. Dessa forma, a base nacional que havia dado suporte à crítica pós-colonial até então dissolvia-se diante de uma carga de questionamentos sucessivos e cada vez mais intensos, sendo substituída por um substrato transnacional a interligar territórios, povos, culturas e línguas diferentes. Os conceitos e metáforas ligados à experiência das diásporas começaram a ser utilizados para traduzir os processos e desenvolvimentos

compartilhados por minorias étnicas, sociais e políticas em diversos contextos, o que conferiu um novo fôlego aos estudos pós-coloniais, tornando-os capazes de produzir análises efetivas, mesmo tendo transcorrido tanto tempo desde o período histórico das descolonizações. Partindo da conceituação sugerida por Avtar Brah (1996) de um espaço diaspórico como uma categoria habitada tanto por aqueles que se deslocaram e deram origem a sua descendência em outras terras como por aqueles que permaneceram e são normalmente representados como nativos, este simpósio pretende abranger discussões a respeito das literaturas produzidas por autores africanos ou afrodescendentes em variados contextos, territórios e línguas, enfocando principalmente as inúmeras experiências de fluxos e negociações envolvidas nesse posicionamento afrodiaspórico. O que se pretende é a investigação de alguns eixos temáticos principais, como as questões de pertencimentos e não-pertencimentos, movimentações, trânsitos e mesmo imobilismos de diversas naturezas, identificações e diluição das identidades, resistências, transformações e abandonos da agência transformadora. Serão aceitos trabalhos que busquem desvendar os modos, configurações, perspectivas, estratégias e soluções narrativas e/ou poéticas dessas produções literárias, com o exame concomitante dos elementos contextuais que surgem das relações entre literatura, história, política, cultura e sociedade e que dão forma a essas manifestações.

ESTRATÉGIAS EMPREENDEDORAS DOS RETORNADOS AFRO-BRASILEIROS EM A CASA DA ÁGUA, DE ANTONIO OLINTO: UMA PROPOSTA DE LEITURA A PARTIR DA TRAJETÓRIA DA PERSONAGEM MARIANA

Luiz Henrique Silva de OLIVEIRA (UFMG)
henriqueletras@yahoo.com.br

O objetivo deste trabalho é discutir as ações empreendedoras desempenhadas por retornados afro-brasileiros no âmbito do romance *A casa da água* (1969), de Antonio Olinto. O texto em questão focaliza a volta de brasileiros à África muito antes de os estudos históricos sobre o assunto ganharem corpo no Brasil. De modo a suplementar a historiografia, sobretudo a oficial, Olinto ressignifica a atuação dos negros retornados, tratando-os como agentes de modernização na Costa do Ouro, a partir do século XIX. Para isso, o autor mistura procedimentos próprios do romance histórico tradicional (Lukács) e, em alguns momentos, da metaficção historiográfica (Linda Hutcheon), talvez para sugerir que seu romance figure apenas como uma versão dentre as muitas possíveis. Neste cenário, o livro focaliza principalmente Mariana, a protagonista, a qual, em sua trajetória ascendente, torna-se comerciante de grande prestígio e referência política em diversas regiões do oeste africano. A trajetória da personagem será tratada enquanto metonímia propositiva para um determinado coletivo, a partir do conceito de “empreendedorismo”, tal como entendido por J. Shumpeter. Este trabalho, por fim, é parte integrante de minhas reflexões sobre o “negrismo” enquanto procedimento literário em romances brasileiros do século XX, as quais desenvolvo no doutoramento em Literatura Comparada na UFMG.

**REFLETINDO SOBRE A ARTE E CULTURA NEGRA NO CONTO
“EVERYDAY USE”**

Michela Rosa Di CANDIA (UFRJ)

midicandia@gmail.com

Alice Walker, escritora negra norte-americana, em seus textos literários, reforça a importância da tradição oral e do resgate das histórias do passado contadas pelas mães e avós. O poder que é silenciado às mulheres negras na sociedade branca excludente é recuperado por intermédio das histórias narradas. A criatividade feminina, a realização de trabalhos manuais tornam-se veículos eficazes para sobrevivência e resistência diante da realidade excruciante. No conto, “Everyday Use”, por meio das personagens Dee, Maggie e a senhora Johnson, a autora busca polemizar o significado dos elementos definidores da cultura negra, como o *quilt*. Aos 16 anos, Dee deixa sua comunidade de origem e assimila novos valores culturais, criticando assim suas raízes. Seu olhar é completamente modificado pelo contato com o diferente no novo local escolhido como lar. Por isso, neste trabalho, pretendo analisar as formas de apropriação ou rompimento com as noções reificadoras acerca do valor da arte e da cultura negra norte-americana. Dar-se á ênfase aos diversos significados atribuídos aos *quilts* pelas personagens em questão. O trabalho tem como suporte teórico os estudos propostos por Hampaté Bâ, Raymond Williams, Paul Gilroy e Stuart Hall.

UMA JORNADA EM TRÊS PASSOS: MARLENE NOURBESE PHILIP E A DIÁSPORA AFRO-CARIBENHA

Cláudia Maria Fernandes CORRÊA (USP)
claucorre@terra.com.br

Nesta comunicação será analisada a obra *She Tries Her Tongue, Her Silence Softly Breaks* (1989) da escritora afro-caribenho-canadense Marlene NourbeSe Philip e o tratamento dado pela autora à diáspora para o Caribe em três momentos: o significado da diáspora, as perdas inerentes ao processo de desterritorialização, particularmente aos significados da perda da língua materna e sua substituição pela língua do dominador, e as estratégias para rearticulação identitária que implicam reapropriação lingüística. Ao invocar em seu texto discursos sobre sexualidade, língua e opressão, a autora transforma a forma narrativa em um veículo de (de)formação e exposição das práticas de coerção as quais diversas comunidades ditas “subalternas” ou “inferiores” são submetidas. Instaura-se um desafio ao leitor proposto pela autora: confrontar as ligações históricas e culturais entre o corpo e a Palavra (da Lei Patriarcal), visto que o discurso, a voz, a língua e a palavra são maneiras de manifestar o estar no mundo e, para representar as experiências doas africanos no Novo Mundo, faz-se necessário forjar uma nova relação entre a língua, diferente daquela sob a qual a subjetividade e identidade dos africanos havia sido construída. Portanto, a imagem do silêncio vocalizado que a poética de Marlene NourbeSe Philip evoca captura a natureza das contradições que operam dentro dos discursos de identidade que aprisionam os sujeitos negros fora dos processos de construção de subjetivação em sua própria língua pelo silêncio imposto.

O RENASCIMENTO DO HARLEM – PANAFRICANISMO E A LUTA CONTRA A INFERIORIDADE RACIAL (1920-1930)

Gustavo de Andrade DURÃO (UFRJ / PPGHC)
gad20055@gmail.com

O Pan-africanismo não foi um movimento datado e não possui um documento explicitamente consolidado sobre suas diretrizes, entretanto, apresentou metas importantes nos congressos que perpassaram praticamente todo o século XX. Os documentos entre os intelectuais renomados do Pan-Africanismo como Marcus Garvey e Wilmot Blyden representam importantes base de documentação para o estudo do pensamento racial e diaspórico.

A apresentação dos intelectuais do Renascimento do Harlem como W.E.B. DuBois, Alan Locke, Langston Hughes, Claude Mackay e Conteé Cullen é fundamental à medida que demonstra um debate intelectual dos pensadores precursores do questionamento em relação à inferioridade racial, segregação e toda forma de exclusão dos negros.

Através de uma análise interdisciplinar, principalmente, utilizando-se das suas poesias, ensaios e escritos através da metodologia de críticos literários, historiadores e cientistas sociais, pode-se retomar o movimento do Renascimento do Harlem como um primeiro grande impulso do pan-africanismo em caráter transnacional. Utilizar-se-à das perspectivas de autores como Mary Louise Pratt, Henry Louis Gates Jr., Lilyan Kesteloot e Janet Vaillant para demonstrar como através dos movimentos artístico-literários tem-se vestígios da movimentação intelectual de fundamental importância, não só a luta contra a segregação e discriminação racial, mas para os primeiros questionamentos em relação à colonização no continente africano. Na presente abordagem uma análise afro-diaspórica do movimento do Renascimento do Harlem é uma importante representação a ser discutida e também pode ser considerada uma extensão do pan-africanismo.

INTRANSITIVIDADE LUSOAFRO: NO CANTO DA SEREIA MOÇAMBICANA

Júlio Cesar Barreto ROCHA (UNIR)

Lucineide Rodrigues MONTEIRO (UNIR)
lucineidermonteiro@hotmail.com

Miguel NENEVÉ (UNIR)

O presente trabalho busca identificar pontos de convergências religiosas construídos no discurso literário de Mia Couto, na obra *O outro pé da sereia*. Buscamos analisar as vozes da narrativa no aspecto mítico religioso estruturado em torno da Deusa Sereia-Kiandra e a sua convergência a Nossa Senhora, num dialogismo entre o colonizador e colonizado. Pretendemos oferecer um diálogo sobre os motivos que circulam o tema. Levamos em consideração figuras de linguagem, cenário e as circunstâncias históricas e sociais. Temos por base os pressupostos teóricos do pós-colonialismo, com o referencial maior de observar a teoria de SAID, quando ele argumenta de como um modo de escrita dominada por preconceitos ideológicos apresenta ao colonizado uma vontade de verdade. Outro ponto desta análise se dá no intervalo da política cultural e da geopolítica que nos garante verificar como os aspectos da colonização ainda prevalecem em Moçambique, agora na forma administrativa e econômica. FANON nos possibilita a discussão em torno dos intelectuais colonizados que retornam à seiva da cultura local e da importância dessa prática, que ao descrever justificar e cantar estas ações da qual o povo se constituiu e se manteve colaboram para a preservação da memória coletiva.

Levamos em consideração alguns trabalhos produzidos por intelectuais de Moçambique sobre as atuais políticas em torno do ensino da linguagem. Acreditamos que os dados apresentados contribuam para a compreensão do trânsito identitário e da importância da resistência do colonizado em prol de seus valores e de sua linguagem. O autor Mia Couto oferece na obra *O outro pé da sereia*, um rio de discurso: “O rio tem ancas de mulher, a árvore tem dedos para acariciar o vento, o capim ondeia soprado por antigas vozes. Os escravos de ontem sangram no tempo de hoje, as naus negreiras ainda cruzam os oceanos. Uma mbira triste continua soando no porão da terra.” Enfim, teremos como principal objetivo tecer algumas considerações sobre os aspectos discursivos do metadiscorso “O canto da Sereia”, no “Outro pé da sereia”. A quem interessa essa linguagem e de como atingir o portal em busca de um novo olhar para a sociedade africana numa perspectiva de hibridismo cultural em negociação. Afinal, onde está o outro pé da sereia?

LITERATURA ORAL DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS: IDENTIDADE E MEMÓRIA NO CANTAR DO TICUMBI

Michele Freire SCHIFFLER (UFES)
miletras@yahoo.com.br

A presente pesquisa analisa a importância da literatura oral na construção da identidade de comunidades remanescentes de quilombos da região Norte do Estado do Espírito Santo, conhecidas como Sapê do Norte. Para efeito de análise são consideradas as representações culturais do *Ticumbi*.

Inicialmente a pesquisa toma por base os versos, os cantares, o enredo, a representação, a melodia, a performance corporal e a poesia gravada e transcrita do Baile de Congos de São Benedito, realizado entre os dias 30 de dezembro de 2011 e 1 de janeiro de 2012, no município de Conceição da Barra, Espírito Santo.

A cultura quilombola tem sido pesquisada por meio de diversas fontes, dentre as quais se destacam as visitas à região, o contato com estudiosos da representação cultural quilombola, bem como as visitas à biblioteca do Parque Estadual de Itaúnas, ao IPHAN, ao Museu da História de São Mateus, dentre outros.

A retomada da história das comunidades negras no Norte do Espírito Santo é feita em uma perspectiva de reunir os fragmentos de sujeitos nacionais marcados por histórias de deslocamento e silenciamento. O entendimento das identidades plurais e da importância da temporalidade na construção de culturas híbridas é amparada pelos estudos de Stuart Hall, Cancline e Hommi Bhabha.

O *corpus* evidencia tensões sociais que cercam a região das comunidades de Sapê do Norte, sendo possível perceber forte relação entre o patrimônio cultural, a ancestralidade e a questão territorial, assim como constantes processos de desterritorialização e hibridismo nos campos religioso, social e linguístico. Os versos e *causos* da região denotam narrativas de bravura e horror, trazendo à tona uma história que por anos foi silenciada, mas que deve, na perspectiva de Paul Gilroy, ser escrita com a cor local, tomando por sujeitos das narrativas históricas os seus reais protagonistas.

“ONTEM EU SONHEI QUE’RA TAMBÔ”: POÉTICA E PERFORMANCE NO COCO DANÇADO E CANDOMBE MINEIRO

Ridalvo Felix de ARAUJO (UFMG)
rivuscrato@yahoo.com.br

Sônia QUEIROZ(UFMG)

O seguinte ensaio apresenta duas culturas orais de cantos dançados encontradas no Nordeste e Sudeste do país: a primeira, o coco dançado, localizada no Cariri cearense; a segunda, o candombe mineiro da comunidade de Lapinha, Lagoa Santa (MG). Considerando que as duas tradições são oriundas dos constructos civilizacionais de matrizes africanas transplantados no Brasil, o nosso trabalho analisa alguns procedimentos poéticos e performáticos através de dois cantos. Além disso, expomos alguns depoimentos e narrativas de capitães, mestres e mestras sobre a origem dessas expressões e como elas são fundamentos para a elaboração de atos poéticos, tradicionalmente, praticados no cotidiano dessas comunidades.

DUAS CABEÇAS VALEM MAIS QUE UMA CABEÇA: VISÕES DE ÁFRICA NA LITERATURA GUINEENSE

Suely Santos SANTANA (UFBA)
susantana3@yahoo.com.br

Este trabalho faz parte da pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-graduação em Estudos Étnicos e Africanos na Universidade Federal da Bahia que tem como um de seus objetivos a ampliação dos estudos de literatura africana, por meio da narrativa literária de um país africano de língua portuguesa ainda muito pouco tematizado no Brasil, qual seja a literatura da Guiné-Bissau. Inicialmente, o texto proposto faz um quadro geral panorâmico dos pensamentos que nortearam as ideias criadas e divulgadas pelos colonizadores sobre o continente africano e os seus habitantes, apontando alguns dos estereótipos negativos mais comuns para, em seguida, fazer uma espécie de contraponto entre tais ideias e as concepções apresentadas pelo escritor e intelectual guineense, Abdulai Silá, especificamente no romance A última tragédia. Neste, através da construção das tramas, bem como dos personagens e seus discursos o narrador nos apresenta uma outra África ao posicionar-se contrário ao discurso hegemônico e imprimir um outro discurso, de modo a recuperar vozes silenciadas no próprio processo de descolonização. O suporte teórico vem de alguns estudiosos que se inserem no contexto dos estudos culturais e dos estudos pós-coloniais, visando uma revisão da narrativa do colonizador sobre povos e culturas do continente africano, tendo como foco a Guiné-Bissau

GUERRA DE BIAFRA: AS IMAGENS DE UMA TRAGÉDIA REFLETIDAS NO ESPELHO SOCIAL

João Felipe Assis de FREITAS (UFMT)
jfalfreitas@gmail.com

Assim como em um espelho onde podemos ver refletida a nossa própria imagem, a história pode também se ver na literatura e a literatura pode se ver na história consequentemente por meio do espelho social. Entender essa relação óptica demanda uma reflexão crítica do pesquisador no sentido de desvendar as imagens da complexa

vida em sociedade construída e mantida segundo ideais políticos e econômicos de determinada época. Entre os países do continente africano, a Nigéria é talvez o país que mais viveu experiências de conturbação após sua independência da Inglaterra em 1960. Destaca-se a Guerra de Biafra, a qual produziu e tem produzido uma significativa quantidade de obras históricas e literárias ao longo dos séculos XX e XXI. Em *The Biafra Story: The Making of an African Legend* (1969), de Frederick Forsyth e *Half of a Yellow Sun* (2006), de Chimamanda Ngozi Adichie, os autores apresentam sob matizes diferentes os contextos de ocorrência do referido conflito. A primeira obra é predominantemente histórica, pois o escritor, como correspondente de guerra, descreve, com auxílio de datas e documentos, os 30 meses de combate entre as nações biafrenses e nigerianas. Já a segunda obra é predominantemente literária, pois a escritora, que não viveu diretamente a guerra, mas que cresceu sob a sombra dos resultados dessa guerra, narra, com auxílio da estética literária, as vidas de cinco personagens durante toda a década de 60. Sendo assim, problematizamos nosso trabalho com duas perguntas: como as abordagens históricas e literárias dialogam harmonicamente em textos tão diversos escritos em gerações tão distintas e qual a importância em se conhecer e estudar tais abordagens no atual contexto dos estudos pós-coloniais. Enfim, buscamos a compreensão histórica e literária da representação da Guerra de Biafra nas duas obras mencionadas no corpo do presente texto.

DE OKONKWO A NIENYEDZI: A RESISTÊNCIA À DESCULTURALIZAÇÃO DE SUAS CRENÇAS E TRADIÇÕES

Sheila Dias da SILVA(UFMT)
ruiwashow2006@yahoo.com.br

Inúmeras foram as formas de resistência dos nativos africanos frente ao europeu colonizador, desde sua chegada ao continente misterioso. Nota-se que não houve passividade por parte dos nativos, mas sim movimentos que não aceitaram a dominação branca desde o seu início. Algumas dessas revoltas foram e ainda são armadas. Outras apenas ideológicas. A preservação das crenças e das tradições dos ancestrais foi uma dessas formas de resistência. No romance *Things fall apart* (1958) do nigeriano Chinua Achebe, encontramos a personagem principal Okonkwo, um grande guerreiro Igbo fiel às tradições de seus antepassados que luta contra a invasão branca que injeta na aldeia novas crenças, novas leis. Ele resiste bravamente até o fim, o seu fim. No entanto quando seu primogênito, Nwoye, se converte à religião do invasor, ele perde a esperança da eternidade, pois acreditava que seu espírito só sobreviveria à morte se seus descendentes fizessem no altar sacrifícios em sua memória. Depois de perceber e sofrer por essas mudanças em Umófia, sua aldeia, Okonkwo se suicida. Já em *Without a Name* (1994) da zimbabuense Yvonne Vera, o personagem Nyenyedzi, mesmo sendo secundário na trama, não passa despercebido porque resiste em deixar a terra e partir para a cidade grande. Ele comunga da esperança de ver a terra livre do homem branco. Se recusa a ir, pois, para ele, a pessoa que abandonasse a terra, esqueceria de seus antepassados, de sua cultura. Afastar-se da terra era admitir que ela havia sido tomada pelo estrangeiro. Permanecer na terra é sua forma de resistir, assim como o suicídio de Okwonko também o foi. Assim, o objetivo deste trabalho é traçar um paralelo entre os dois personagens e seus motivos de resistência, demonstrando a semelhança e o distanciamento entre eles.

CONTESTAÇÃO E SUPERAÇÃO: UMA LEITURA DE NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA, DE PAULINA CHIZIANE

Soraya do Lago ALBUQUERQUE(UFMT)
soraya.albuquerque@hotmail.com

Objetiva-se com esta comunicação destacar os elementos presentes na obra "Niketche Uma História de Poligamia" publicado em 2002, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, que caracterizam a sociedade desse país como representativos de uma sociedade fragmentada, resultante da imposição do colonizador e dos movimentos diaspóricos, bem como destacar, também, a violência com a mulher no contexto onde comparece uma enorme diversidade cultural. Esse romance apresenta uma instigante proposta de contestação e resistência por meio da personagem protagonista Rami, que durante o desenrolar da ação busca formas de superação e de não conformismo com a situação que está posta no universo feminino moçambicano. Adotaremos para traçar esse quadro os estudos de Stuart Hall(2001), em que são apresentados as representações discursivas que produzem uma nova identidade frente aos deslocamentos e a diversidade cultural e Homi Bhabha,(1998) que salienta que a cultura que passou pela subjugação ou dominação, pela diáspora/deslocamento, emerge como uma cultura que está para além dos cânones, através de circunstâncias que são denominadas por esse estudioso de interacionais e que, portanto, vão revelar uma cultura de produção irregular incompleta que nascem da necessidade da sobrevivência social. Assim nos instiga neste estudo indagarmos se: As circunstâncias interacionais apresentadas por Bhabha advindas dos processos de dominação e subjugação promovem a afirmação ou a negação de uma cultura híbrida? É possível um absolutismo cultural original? A partir dessas hipóteses discutiremos, por meio da leitura do romance citado, como se delineará a literatura contestativa, suas possibilidades e limitações.

O QUÃO NEGRA SOU EU? QUESTÕES DE SUBJETIVIDADE NOS DIÁRIOS DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Alvany Rodrigues Noronha GUANAES
alvanyg@terra.com.br

Carolina Maria de Jesus está entre as poucas escritoras negras do Brasil. Se investigarmos esse dado, chegaremos à informações que nos revelam muito sobre os empecilhos que impedem os afro-descendentes de ascender a pirâmide social e intelectual do país. Adiciona-se a essa declaração as passagens que permeiam os diários de Carolina de Jesus com fatos de sua vida penosa e pode-se ter uma imagem da realidade repugnante da estratificação social brasileira. No entanto, apesar das dificuldades, Carolina Maria de Jesus escolheu a escrita como uma forma de moldar a sua identidade nesse cenário desfavorável. Passando da miséria à riqueza, a autora narra sua saga frente à alteridade hostil constituída pelos moradores da favela onde ela viveu num primeiro momento e à barreira construída por pessoas da classe média e alta e pelos intelectuais nos espaços que conseguiu galgar posteriormente. Partindo desse panorama, o objetivo do presente trabalho é analisar os elementos literários por meio do qual a autora constrói sua identidade pessoal, cultural e social, expressando a utopia e a

distopia em seus diários *Quarto de Despejo* e *Casa de Alvenaria* reunidos na obra *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* editado pelo historiador norte-americano Robert M. Levine e historiador brasileiro José Carlos Sebe Bom Meihy.

O TRÂNSITO DA CRIANÇA-ESPÍRITO NO ESPAÇO AFRODIASPÓRICO

Divanize CARBONIERI (UFMT)
divacarbo@hotmail.com

Um motivo recorrente em inúmeras culturas africanas é o mito da criança-espírito, uma criatura especial que nasce e morre diversas vezes sem concluir o ciclo completo da vida do nascimento até a velhice e a morte. Esse mesmo fenômeno recebe nomes diferentes nos muitos grupos étnicos entre os quais se manifesta. Entre os igbos, uma criança dessas é conhecida como *ogbanje*; os iorubás a chamam de *abiku*; os hauçás dão a ela o nome de *damwabi*; para as culturas fanti e ishan, a sua designação é, respectivamente, *kossamah* e *erinmin*. Contudo, esse motivo ancestral não se restringiu ao contexto dessas sociedades tradicionalmente orais. Ele também se espalhou pelas literaturas contemporâneas escritas em línguas europeias no continente africano e em inúmeros outros contextos nacionais e culturais que compõem o espaço diaspórico dos povos negros, frequentemente alterando muito de sua forma e conteúdo. O objetivo deste trabalho é analisar alguns aspectos desse trânsito, discutindo a sua inserção em romances como *Things Fall Apart* (1958) de Chinua Achebe, *The Famished Road* (1991) de Ben Okri, ambos da Nigéria, *Without a Name* (1994) da zimbabuense Yvonne Vera, *Beloved* (1987) da escritora afro-americana Toni Morrison e *Um Defeito de Cor* (2006) da brasileira Ana Maria Gonçalves. Levando em consideração que a criança-espírito é o símbolo de um constante renascimento e a encarnação de um padrão de vida cíclico ou espiral, é a nossa hipótese que é possível entender a própria diáspora africana ou o espaço afrodiaspórico através dessa alegoria. Algumas noções como hibridismo, tradução cultural (Bhabha 1990) e transculturação (Ortíz 1940, Rama 1982) parecem auxiliar a revelar toda a complexidade envolvida nesse processo.

GRUPO TEMÁTICO 19: CARTOGRAFIAS CULTURAIS AFRO-IBERO-AMERICANAS: MAPEANDO ROTAS DA ÁFRICA

COORDENADOR: Prof. Dr. Amarino Oliveira de Queiroz (UFRN)
amarinoqueiroz@yahoo.com.br

Salvo poucas exceções, as diversas particularidades e implicações culturais que envolvem o idioma espanhol e sua apreciação como língua de literatura a partir de outros contextos que não o peninsular ibérico e o hispano-americano representam, como se sabe, uma grande área por explorar no que tange aos estudos hispanistas desenvolvidos em território brasileiro até o presente. Algumas dessas tantas possibilidades investigativas dariam conta, por exemplo, das relações do *guanche* autóctone com o castelhano nas Canárias; do judeu-espanhol (ladino) em Israel e do *jaquetía* em Marrocos; da resistente presença do idioma no Saara Ocidental e nos acampamentos para refugiados saarauis em Tinduf, Argélia; das relações fronteiriças língua/literatura envolvendo o portunhol e o spanglish; da chamada literatura *filhispana* e da importância do castelhano na formação do tagalo, do chabacano e de outros

idiomas nacionais das Filipinas, com suas respectivas literaturas; das interferências hispânicas sobre a cultura rapanui da ilha de Páscoa e do chamorro de Guam e das ilhas Marianas do Norte; da literatura da Guiné Equatorial e da crescente utilização da língua castelhana como recurso literário por parte de vários autores e autoras oficialmente francófonos nos Camarões e na Costa do Marfim. Cada um destes exemplos aponta, em maior ou menor grau, para a relevância e a emergência do tema proposto. Desta forma, pretendemos repensar aqui questões como hispanidade e hispanismo (FUENTES, 1997; CORDIVIOLA, 2005), dispostas em sua mobilidade contemporânea e sua relação com outras experiências culturais dentro dos chamados espaços hispanófonos no continente africano.

A MULTITERRITORIALIDADE EM UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA E LAS TINIEBLAS DE TU MEMORIA NEGRA

Cristina Vasconcelos MACHADO (UFJF)
cleucris@ig.com.br

O presente trabalho tem por objetivo mapear os processos de deslocamento empreendidos pelos personagens principais dos romances *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2003), do moçambicano Mia Couto e *Las tinieblas de tu memoria negra* (1987) do guine equatoriano Donato Ndongo-Bidyogo. Além disso, pretende-se compreender a noção de deslocamento e a concepção de espacialidade imbricada a esses processos de deslocamento. Os processos de deslocamento, engendrados por sujeitos fruto da experiência da colonização, foram concebidos como material conceptual a partir da emergência da Teoria Pós-Colonial. Nesse sentido, observar-se-á, a partir dessas teorizações, que a noção de deslocamento excede a perspectiva física e concreta, à qual esse conceito esteve atrelado durante muito tempo, adquirindo uma perspectiva simbólica, visto que se passa a considerar as diferentes práticas de mobilidade: física, espiritual, linguística. Para tanto, o conceito de espaço também terá sua outra face evidenciada, uma vez que, a concepção mais difundida desse conceito é de algo móvel, inflexível, delimitador. Nos processos de deslocamento elaborados nos romances referidos, a noção de espacialidade está vinculada a uma percepção do espaço como algo mutável, móvel e maleável, permitindo aos personagens constantes desterritorializações e reterritorializações. Para arquitetar este trabalho, partiremos das reflexões teóricas de Doreen Massey (2009), Elena Palmero González (2010) e Rogério Haesbart (2007).

O GUERRILHEIRO GUNGA E O CANGULEIRO JOÃOZINHO: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA JUVENTUDE EM DUAS NARRATIVAS AFRO-IBERO-AMERICANAS

Eidson Miguel da Silva MARCOS (UEPB)
eidson_miguel@hotmail.com

Amarino Oliveira de QUEIROZ (UFRN)
amarinoqueiroz@yahoo.com.br

Dentro do universo das literaturas afro-ibero-americanas perspectivado a partir do Brasil, a leitura, difusão e análise crítica dos textos produzidos na África oficialmente ibero-fona e, em particular, daqueles que se voltam para o público infanto-juvenil de língua portuguesa continuam padecendo, em sua maioria, de um processo de invisibilização que compromete não apenas a sua popularização junto ao público-alvo como também a própria apreciação crítica por parte da pesquisa especializada. Apoiando-nos em estudiosos como OLIVEIRA (2010) e levando em conta as possibilidades que o exercício comparativista pode desencadear, consideramos oportuno estabelecer uma aproximação entre a literatura infanto-juvenil angolana, recortada na novela *As Aventuras de Ngunga*, de Pepetela (cuja trama descreve parcialmente a trajetória de um jovem guerrilheiro em pleno processo de luta pela independência daquele país) com *Cabra das Rocas*, de Homero Homem, texto infanto-juvenil que representa outra não menos invisibilizada expressão criativa do universo literário brasileiro, nomeadamente a literatura potiguar. Publicada pela primeira vez em meados da década de 60 do século passado e ambientada na cidade de Natal, *Cabra das Rocas* é protagonizada pelo canguleiro Joãozinho, jovem personagem estigmatizado por esse designativo social que demarcava os moradores de baixa renda na zona ribeirinha da capital norte-rio-grandense. Tanto no *Ngunga* de Pepetela quanto no *Joãozinho* de Homero Homem é destacado o acesso à educação como arma fundamental para a tentativa de superação das diferenças. Desse modo, acreditamos que investigar representações sociais da juventude emergidas nesses textos e deflagradas pelos conflitos sociais poderá consistir num exercício comparativo promissor, haja vista o silenciamento ao qual, como dissemos, ainda está sujeita a matéria em nosso meio.

CONEXÕES BRASIL/CABO VERDE: LITERATURAS, CULTURAS E IDENTIDADES EM DIÁLOGO

Eidson Miguel da Silva MARCOS (UEPB)
eidson_miguel@hotmail.com

Rosilda Alves BEZERRA (UEPB)

Tendo em comum com o Brasil a experiência colonial portuguesa, o arquipélago africano de Cabo Verde apresenta um percurso histórico marcado pela busca de uma identidade nacional diferenciada da metropolitana, principalmente durante o século XX, período que corresponde ao seu processo independentista. Tal fato poderá ser apreciado inclusive em alguns momentos de sua trajetória literária, onde o Brasil desempenhou influente papel não apenas na conformação dessa manifestação estética como na constituição de um modelo de sociedade que parecia mais próximo ao da realidade ansiada pelos cabo-verdianos. Partindo de uma breve abordagem da trajetória literária de Cabo Verde em paralelo com recortes do percurso literário brasileiro, especificamente o chamado Regionalismo nordestino da década de 30 do século passado, mapearemos algumas aproximações que se dão entre as duas realidades nos âmbitos histórico, cultural, geográfico e humano, tendo como plataforma de discussão a prosa do cabo-verdiano Luiz Romano Madeira de Melo, recortada no romance *Famintos*, de 1962, no qual são descritos eventos que se desenvolvem no arquipélago de Cabo Verde e que têm por tema a miséria da vida, a falta de água e as desigualdades

sócio econômicas, sendo que o relacionamento mais íntimo que associa esses eventos é de ordem geográfica, segundo Chalendar (1983).

ENTRE DOIS NEGROS EM “FUGA” E DOIS AUTORES CUBANOS, O AFORREALISMO E A AFIRMAÇÃO DO ROMANCE AFRO-HISPANO-AMERICANO

Rogégio Mendes COELHO (UFRN/ UFPE)
rogeriomendz@yahoo.com.br

A partir das bases lançadas pelo “Aforrealismo”, conceito do escritor costa-riquenho Quince Duncan, interessado em evidenciar a contribuição estético-literária africana na Hispano-América por meio de sua tradição cultural, o desenvolvimento do presente trabalho consistirá no estudo de dois romances: “Memórias de um Cimarrón” (1966), de Miguel Barnet e “O Reino deste Mundo” (1949), de Alejo Carpentier. A idéia estará centrada em análise que os distancia, respectivamente, da importância de meros reconhecimentos estético-referenciais – emergência do gênero testemunho em tempos de *postboom* (Barnet) e o Realismo Maravilhoso (Carpentier) – e os aproxima de reivindicações e contribuições vinculadas a uma tradição cultural independente, a Africana, que perfazem, assim como as reivindicações e contribuições indígenas e européias, o mosaico híbrido e uno de uma realidade hispano-americana. O objetivo é tornar evidente contribuição de diversas culturas, dentre elas, a africana, e sua ausência na afirmação de um pretense cânone literário hispano-americano independente já que a tradição dos estudos literários, ao priorizar argumentos sobre a valoração estética e universalista do Ocidente, não costuma levar em conta, ou em menor proporção, a legitimidade de vozes dessemelhantes em relação a uma tradição dos grandes centros. Desse modo, o presente trabalho pretende discorrer sobre questões nem sempre devidamente consideradas a respeito das contribuições e afirmações acerca da presença dos negros na América Hispânica.

EL MULATISMO DE MANUEL ZAPATA OLIVELLA

Uruguay CORTAZZO (UFPEL)
urudur@hotmail.com

Esta ponencia se propone reflexionar sobre dos obras del escritor afro-colombiano Manuel Zapata Olivella: *Levántate Mulato* (1990) y *La rebelión de los genes* (1997). En ellas el autor se propone armonizar de algún modo dos grandes corrientes del pensamiento afro-latino: de un lado la tendencia aculturadora que ve la cultura negra como parte de la cultura hispánica a través del mestizaje y, por otro, el movimiento de la negritud que se insurge contra el asimilacionismo y se articula al panafricanismo diaspórico y al proyecto descolonizador. Para Zapata Olivella el mestizaje, concebido como destino de la humanidad, no implica la desaparición de la conciencia étnica, sino su intensificación y la creación de una cultura de la diversidad. De esta forma el autor evitaría articular el mestizaje a los paradigmas de síntesis como el de la “democracia racial”, la “raza cósmica” y la “transculturación”, creando así una tercera vía de pensamiento.

A CRIOLIDADE E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL NAS ANTILHAS

Margarete Nascimento dos SANTOS (UNEB)
margaretasantos@hotmail.com

Este trabalho nasce do desejo de refletir sobre as inquietações que conduziram os antilhanos a cunharem o termo criouldade para falar da sua formação identitária, bem como analisar o processo de afirmação da cultura crioula nas Antilhas na contemporaneidade. Os escritores martiniquenses Bernabé, Chamoiseau e Confiant (1993) afirmam no livro *Éloge de la Créolité* que “a nossa história é uma trança de histórias”. Resta visível a percepção de que estes autores antilhanos não buscam respostas às suas inquietações, contrário a isso eles afirmam terem consciência da complexidade da identidade e do discurso que os constroem. O que eles buscam, de fato, são alternativas, possibilidades de reflexão sobre esse ser crioulo num território pós-colonial, onde nenhuma contribuição do outro é negada, mas sim transformada num caldeirão cultural que se encontra em constante ebulição. Nesse sentido, o conceito de criouldade se aproxima das teorias propostas pelos estudos culturais que propõem uma análise crítica da sociedade partindo da ideia de cultura. Para os teóricos dos estudos culturais a resistência se caracteriza como ponto chave para o embate que se trava contra a cultura dominante. A resistência, segundo Mattelart e Neveu (2006, p. 74) “questiona a especificidade do poder cultural que as classes operárias podem exercer” e “sugere mais um espaço de debate que um conceito impenetrável”. O debate só se torna possível em decorrência da percepção do diferente. Quando as minorias se percebem diferentes, mas não menos importantes, elas partem para a luta de demarcação de território. É com base nessas reflexões que esta comunicação ora se apresenta, com o intuito de discutir questões tão pertinentes para compreensão do pensamento crioulo na América afro-caribenha.

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES INDIVIDUAIS

EIXO TEMÁTICO 2 – CINEMA CONTEMPORÂNEO: DA DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL, CULTURAL, POLÍTICA, RELIGIOSA E SEXUAL

A SÉTIMA ARTE CONTRIBUINDO PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI FEDERAL 10.639/2003

João Gabriel do NASCIMENTO (UFU)
jbielmg@yahoo.com.br

Este artigo tem como finalidade apresentar os resultados do projeto “A coisa tá Preta! I mostra de filmes africanos e de suas diásporas” que foi realizado em Uberlândia-MG no mês de novembro de 2011, no qual, no decorrer de uma semana exibimos filmes e documentários africanos, afro-americanos e afro-brasileiros. A exibição desses ocorreu

em um campus da Universidade Federal de Uberlândia, e contou com a participação não apenas da comunidade universitária, mas também da comunidade externa, principalmente de estudantes de escolas públicas das regiões periféricas da cidade de Uberlândia, uma vez que, um dos objetivos do projeto/evento era propiciar a interação desses com o “mundo” da Universidade. Para além desse objetivo, o projeto tinha como intuito a reflexão acerca da expressão “*A coisa tá Preta*”. Neste sentido, você já se perguntou o porquê algumas pessoas utilizam esse jargão apenas quando coisas ruins acontecem? Será que “*A coisa tá Preta*” somente em momentos ruins? Diante dessas perguntas, o projeto/evento “*A coisa tá Preta!*” exibiu filmes e documentários que abordam a questão do negro(a) e de suas culturas, visando à divulgação e valorização das diversas manifestações culturais de matriz africana, assim como, o incentivo à reflexão sobre a situação da população negra. O projeto intenciona ainda que, nesse espaço/tempo haja desconstruções, reconstruções e construções de ideias e certezas, acerca da temática afro racial.

TRÂNSITOS E REPRESENTAÇÕES ENTRE A LITERATURA E O CINEMA, A CULTURA E A POLÍTICA: UMA LEITURA DE MANHÃ CINZENTA, DE OLNEY ALBERTO SÃO PAULO

Claudio Cledson NOVAES

Maria David SANTOS (UEFS/BAHIA)
mariadavidsantos@yahoo.com.br

Nesse estudo analisamos os aspectos sociais, políticos, históricos e culturais que envolvem a narrativa literária e fílmica de *Manhã cinzenta*, do escritor e cineasta baiano Olney Alberto São Paulo. O conto, escrito em 1966, foi publicado inicialmente no livro *A antevéspera e o canto do sol – contos e novelas* (1969), sendo posteriormente levado para as telas no ano de 1969. Um filme de 1969 sobre os anos de 1968, que focaliza o ambiente de repressão, onde estudantes e trabalhadores são presos e processados, segundo a lógica de personagens repressores alegorizados dos sistemas repressivos como o nazismo, que servem de modelo ao narrador para contrapor civilização e barbárie no âmbito do projeto ocidental, o que de forma direta e indireta diz respeito à realidade social e política brasileira da época. O filme *Manhã cinzenta* não foi liberado pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas, atendendo à denúncia formalizada com base na ideia de que a película era altamente subversiva, pois trazia, segundo o entendimento deste órgão, uma mensagem que visava indispor o povo com as autoridades constituídas, especialmente contra os militares. Incurso no artigo 16, na Lei de Segurança Nacional, Olney São Paulo respondeu a vários processos, corporificado nos depoimentos que prestou aos Ministérios da Aeronáutica e da Justiça. O processo começou em inícios de novembro de 1969 até 13 de janeiro de 1972, quando o Superior Tribunal Militar o absolveu do crime de ter feito um filme que nunca foi exibido comercialmente. A verdade é que Olney São Paulo ao produzir o média-metragem *Manhã cinzenta* acabou por entrar na ordem arriscada do discurso, em se tratando da formação político-cultural pelo qual passava o Brasil dos anos de 1950/1960. Consciente ou não dos riscos que corria, o fato é que o discurso, longe de ser um invólucro transparente, calmo e profundo está na ordem das leis com seus poderes e perigos que mal se imaginam.

A VOZ DA NEGRITUDE NA POESIA DE FRANCISCO JOSÉ TENREIRO

Valter Gomes Dias JUNIOR (UFPB)
professorvaltergomes@gmail.com

Os traços culturais, sociais e políticos de uma nação são sempre observados e pontuados como marcas da identidade de um povo que representa esta nação. Porém, quando uma determinada comunidade, ou grupo étnico, tem sua identidade negada como registro de uma nacionalidade ou como afirmação de um sujeito, vivencia-se assim uma problemática que as ciências humanas, entre elas, os estudos literários visam a (des)construir. Diante desse contexto, surgiu o movimento da Negritude, em países africanos, que tinha como fundamentação retornar às origens africanas, redescobrimo o Eu Africano, num processo também conhecido como reafrikanização. Nesse contexto, despontam muitos literatos que lutaram pela identidade do negro africano e pela liberdade de sua nação. Dentre eles, deter-nos-emos à produção poética de Francisco José Tenreiro, poeta são-tomense, que compôs poemas que serviram de retrato da luta pela identidade do sujeito negro-africano submetido a um sistema que visou alienar sua existência, excluindo sua liberdade. Dentre a produção literária do mencionado poeta, serão utilizados como fonte de nosso estudo os poemas *Ilha de Nome Santo* (1942) e *Epopéia* (1942), os quais serão analisados como exemplos literários necessários ao aprofundamento do movimento da Negritude, em países africanos de Língua Portuguesa, e teremos, como categoria basilar para a compreensão deste movimento, o olhar para o negro-africano como sujeito, construtor de sua própria identidade dentro de uma nação livre.

A REPRESENTAÇÃO DA CULTURA POPULAR NEGRA EM *Ó PAÍ, Ó*

André Luís Oliveira de SANTANA (UNEB)
alosalah@gmail.com

Vinculada aos estudos das manifestações artísticas afro-brasileiras como fenômenos culturais contemporâneos, esta trabalho se propõe a investigar a trajetória do Bando de Teatro Olodum, companhia teatral criada em Salvador, em 1990, como representação do percurso traçado pela cultura popular negra da Bahia nas últimas duas décadas. A análise é feita a partir da peça *Ó paí, ó* (1992) e de suas adaptações, os produtos audiovisuais homônimos, a saber: o filme, que estreou em 2007, com direção de Monique Gardenberg, e a série de televisão, produzida e exibida pela Rede Globo, em 2008. Metonímia da companhia, *Ó paí, ó* tematiza o Centro Histórico de Salvador, com a criação de personagens arquetípicos, o uso do deboche como humor característico de sua narrativa, de linguagem popular e musicalidade negra baseada no ritmo percussivo dos tambores. Como principal referência teórica da pesquisa, tem-se os estudos de Stuart Hall sobre as estratégias de negociação da cultura popular e dos grupos e artistas comprometidos com as questões étnico-raciais. Com base em Hall (*Da Diáspora*, 2006), faz-se a leitura dos textos por meio de três categorias de análises – estilo, corpo e música -, tratados como repertórios performáticos da comunidade negra que facilitam sua inserção no complexo campo da cultura. Ao chamar atenção para as conquistas do Bando de Teatro Olodum, este trabalho pretende iluminar novas possibilidades de representação trazidas pela cultura popular negra, realçando a importância da

aproximação com grupos periféricos para ouvir suas próprias falas, respeitando suas táticas e necessidades.

EIXO TEMÁTICO 3 – DIÁSPORA, LITERATURAS: AFRO-BRASILEIRA E AFRO-AMERICANA

O CULTO AO ELITISMO NAS CONCEPÇÕES ARISTOCRÁTICAS DE JOSÉ ENRIQUE RODÓ, NA OBRA ARIEL

Clarice Fortunato ARAUJO (UFSC)
claricearaujo2011@gmail.com

Este estudo tem o intuito de refletir sobre o elitismo que atravessa as concepções antidemocráticas na obra “Ariel”, de José Enrique Rodó. Ariel é um ensaio que teve grande influência em toda a América Latina por seu caráter cultural, político e literário. Rodó usa os personagens de Próspero, Ariel e Caliban, da peça “A Tempestade” de Shakespeare, como metáfora para falar à juventude da América. O ensaio é estruturalmente baseado em oposições binárias, e as figuras de Ariel e Caliban são absolutamente opostos onde Ariel é uma figura que simboliza a beleza, o espírito, e o que é bom ou o europeu; Caliban é o oposto, é o utilitarista, o americano materialista. Deste modo, Rodó tece sua crítica à democracia, ao utilitarismo norte-americano, ao ascetismo cristão - que pregava a negação da estética, a forte influência da cultura do norte e a conseqüente "deslatinização" dos países do Sul. Em Ariel, fica claro que as ideias de Rodó são extremamente elitistas quando ele critica a democracia, a especialização das ciências, e a divisão do trabalho. Segundo o autor, a democracia é culpada pela mediocridade, já que as sociedades democráticas dão poder às massas, a quem ele considera incapaz de tomar boas decisões.

DOR E IDENTIDADE: COMO O TECIDO FICCIONAL DE SCLiar E PEPETELA REVELAM TRAÇOS DA HISTÓRIA E DA MEMÓRIANÃO IDENTIFICADOS PELO RÊGISTRO OFICIAL DE SUAS NAÇÕES.

Célia Maria Borges MACHADO (UFMG)
celia.m@uol.com.br

Malungos na escrita dada a fina ironia e a metaforização da dor e do sofrimento identitário, Moacyr Scliar, escritor gaúcho de origem judaica, e Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, - Pepetela, escritor angolano e um dos jovens idealizadores da independência de Angola na década de 70, deixam, em sua escrita ficcional, um rastro de memória e História. Por meio de um narrador de borda, isto é, alguém que se encontra na periferia da história, ou de diferentes vozes que enunciam um sujeito periférico, mas muito alinhado às questões de seu tempo e história, propõem aos seus leitores uma tomada de consciência acerca dos temas que trazem dor e sofrimento ao homem, denotando que o fazer simbólico da literatura nos coloca entre o local e o universal em um mesmo tom. Quer dizer, pela textualização ficcional espaço e tempo históricos transcendem o local e o temporal, marcando-se por beleza e revelação, dor e identidade. Nesse sentido, este trabalho objetiva apresentar uma singela comparação entre os dois autores, tendo como base de leitura as obras “A guerra no Bom Fim” de

Moacyr Scliar e “*A geração da utopia*” de Pepetela. Esses escritores, alinhados a temas histórico-ficcionais, produzem romances carregados de fatos oriundos da História, logo, fatos do passado, bem como personagens retiradas dos registros da História. Não podemos nos esquecer, porém, que a literatura não tem compromisso com a verdade. A grande diferença entre narrativa ficcional e narrativa histórica reside, sobretudo, no aspecto pragmático da ficcionalidade, com funções diferentes da historicidade, nas convenções estabelecidas, no contexto de produção e recepção da obra. Quer dizer, a ficcionalidade reside numa espécie de pacto entre escritor, texto e leitor. Iluminando as leituras sobre este tipo de escritura, Linda Hutcheon (1991) nominalizou-as como “metaficção historiográfica”. De acordo com a teórica, romances assim constituídos nos pedem que “lembramos que a própria história e a própria ficção são termos históricos e suas definições e suas inter-relações são determinadas historicamente e variam ao longo do tempo”. É por meio desse véis conceitual que se pretende desenvolver uma reflexão sobre a temática explorada nos romances em questão, e como dor e identidade estão relacionados na escrita de Moacyr Scliar e Pepetela, revelando traços da nação angolana e de seu povo, bem como dos brasileiros e do Brasil.

UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA *OMEROS*: A LITERATURA SERVINDO DE APORTE ÀS DIVERSIDADES CULTURAIS E IDENTITÁRIAS

Lílian Cavalcanti Fernandes VIEIRA (UFC)
lilianvieira@bol.com.br

Este trabalho tem como objetivo investigar e analisar a questão da identidade e cultura de matriz africana por meio da obra do autor afro-caribenho e Prêmio Nobel de Literatura em 1992, Derek Walcott, cuja obra ainda não encontra no Brasil um estudo e divulgação adequados. Com essa proposta, estamos cooperando com a lei no. 10.639/03 para a afirmação do processo de consciência negra por meio da busca de um processo identitário que permeia os escritos do autor, analisando o entre-lugar do discurso do poeta e suas possíveis influências na produção de identidade e cultura no Brasil. Parte-se do pressuposto da pertinência de se fazer uma reflexão sobre identidade e cultura como atos políticos, ao divulgar e expor a riqueza cultural afro ou afrodescendente sob uma nova ótica, recuperando o escravizado como sujeito de uma história social, mostrando a infâmia do escravismo e reforçando as ações afirmativas no contexto brasileiro. O conhecimento e o estudo dessa literatura identitária pode contribuir tanto para a formação de educadores como abrir caminhos para as áreas de filosofia da educação brasileira pelo aprofundamento na cultura de base africana na diáspora, servindo de aporte às diversidades culturais.

RESISTÊNCIA E RESSIGNIFICAÇÃO NO PALMILHAR DE PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Gildete Paulo ROCHA (UESC)
gildeteba73@oi.com.br

Marlucia Mendes da ROCHA

A presente comunicação – de caráter bibliográfico – tem como objeto de estudo a obra *Ponciá Vicêncio* (2003), da escritora Conceição Evaristo. Por considerarmos ser a

problematização instaurada em torno da construção da identidade da protagonista, por extensão, dos afro-brasileiros, isto é, dos descendentes de africanos escravizados no Brasil; no estudo da referida obra, é de igual relevância a constituição estética da narrativa e o fato de o texto retratar – através da busca identitária da protagonista – os movimentos de busca dos afro-descendentes no Brasil. Diante disso, objetivamos investigar, na obra *Ponciá Vicêncio*, como se instaura a discussão em torno da representação identitária do afro-brasileiro para além do binarismo branco/negro. Para tanto, partiremos da seguinte hipótese: ainda que no texto ecoe a voz autoral via marca da diferença, em termos étnico-culturais, fazendo remissão às raízes africanas, a constituição identitária do afro-brasileiro está calcada na interação dialógica, sendo, portanto, concebida enquanto processo. Na realização desta proposta de estudo tomaremos, basicamente, como aporte teórico: a noção de construção identitária em Stuart Hall (2003 e 2006) com a contribuição de Tomaz Tadeu Silva; passando pela noção de dialogismo e responsividade em Bakhtin aclarada pelos estudos de Beth Brait e Irene Machado.

GISÈLE PINEAU: A IDENTIDADE EM QUESTÃO EM *L'ESPÉRANCE-MACADAM*

Novalca Seniw RIBEIRO (UFJF)
novalcaseniw@yahoo.com.br

Francesa de nascimento, mas de origem guadalupense, a escritora Gisèle Pineau, conscientemente, elege a ilha de Guadalupe – Departamento Ultramarino Fancês no Caribe – não só como o seu locus de enunciação, bem como o espaço em que suas narrativas se desenvolvem. A ruptura geográfica da autora apresenta imbricações outras que não se restringem apenas ao domínio afetivo, mas que se referem à questão identitária, à memória colonial e ao discurso hegemônico acerca da construção da história das Antilhas Francesas. Sendo assim, tem-se por objetivo analisar o romance *L'espérance-macadam* (1995), com o intuito de observar como Gisèle Pineau elabora reflexões sobre a identidade antilhana a partir das marcas deixadas pelo processo colonial, e suas injunções, na constituição dos sujeitos sociais. Considerando-se a literatura como um espaço em que é possível problematizar e questionar, assim se apresenta a literatura de Pineau, constituindo-se no locus no qual a memória colonial (e seus vestígios) é revista e a construção identitária antilhana é problematizada ao refletir sobre a internalização de valores de um discurso eurocêntrico dominante pertencente a um passado colonialista e escravocrata. A escritora, assim, propõe uma renovação no modo de pensar a própria identidade, a construção de si. Entre outros teóricos, a análise da obra e a elaboração das reflexões críticas se baseiam nas leituras de textos de Franz Fanon, Édouard Glissant e Patrick Chamoiseau.

EIXO TEMÁTICO 4 – GEOGRAFIAS LITERÁRIAS: CARTOGRAFIAS CULTURAIS

ECOS AFRICANOS, SERENATA, IDENTIDADE E MEMÓRIA: A INVENÇÃO DAS TRADIÇÕES EM IPIABAS E CONSERVATÓRIA

Idemburgo Pereira Frazão FÉLIX (UNIGRANRIO)

idfrazao@uol.com.br

Intenta-se, no trabalho proposto, refletir acerca da problemática da convivência de elementos tradição cultural africana com as manifestações musicais nos distritos de Ipiabas (Barra do Piraí) e Conservatória (Valença), localizados no estado do Rio de Janeiro. Esse estudo faz parte de uma Pesquisa apoiada pela FAPERJ (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro), que tem como eixo o estudo da relação das representações sociais das manifestações musicais com o cotidiano de Ipiabas, Conservatória e Região. Mais especificamente, pretende-se tratar de aspectos relacionados à memória e às identidades, a partir da interpretação de textos da autoria de atores sociais das localidades citadas (em sua maioria, idosos), que incluem aspectos relativos aos estudos da “palavra cantada”. A “invenção das tradições locais” (lembrando aqui uma expressão do historiador Eric Hobsbawn), a constituição das memórias individual e coletiva, as identidades em suas diásporas marcantes nesses distritos e sua relação com o turismo e com a economia da região, são questões fundamentais que serão postas em discussão.

RELIGIOSIDADES DE MATRIZ AFRICANA NO TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO PARANAÍBA

Jaqueline Villas Boas TALGA (UFU)
jtalga@yahoo.com.br

Marili Peres JUNQUEIRA

Vanesca Tomé PAULINO

Compartilharemos nesse trabalho das impressões, sensações, falas dos sujeitos envolvidos e dos registros fotográficos realizados nos dezenove terreiros das religiosidades de matriz africana de cidades do triângulo mineiro e alto Paranaíba, entre eles os de Candomblé e Umbanda. Todos participaram do projeto de extensão “Por que tanto preconceito: o cotidiano das religiosidades de matriz africana”, que tem o intuito de contribuir para a valorização, divulgação e melhor compreensão dessas formas de adorar o sagrado. Nessas trajetórias de idas a campo percebemos uma considerável quantidade de terreira e rica diversidade entre eles, tanto na estrutura do espaço religioso, da organização do culto e das práticas religiosas.

O DISCURSO PARADOXAL DAS IDENTIDADES; AS MULHERES DO MEU PAI, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA E O LIVRO DOS NOMES, DE MARIA ESTHER MACIEL

Umbelina da Conceição MEDEIROS (UNIMONTES)
umbelinamedeiros@yahoo.com.br

O presente texto tem como objeto de estudo abordar o processo paradoxal e o sistema de ordenação das identidades presentes no romance; *As mulheres do meu pai*, de José Eduardo Agualusa e em *O livro dos nomes*, de Maria Esther Maciel, uma vez que, a ficção pós-moderna é marcada pelo desmascaramento da realidade, mas numa tentativa

de preservar o encantamento. Sabidamente os povos contemporâneos continuam colonizados, obviamente pela dificuldade de ordenação, harmonia e poderes dissimétricos que existem, ainda, no Brasil e principalmente nos países da África. Aqualusa e Maciel têm como pressupostos básicos o “encontro” e “desencontro” dos personagens, pontuando mecanismos de “desvio”, “ordem”, “desordem” e identificação do ser humano de acordo com as vivências, conhecimento de mundo e o arquivo da história de vida do sujeito. As ficções fragmentadas e sem desfecho atribuem aos simulacros e ao discurso paradoxal das identidades na pós-modernidade. Tomando como hipótese o pressuposto dos interstícios acima; o “sujeito” seria um ser contraditório, descentralizado pertencente a um universo ambíguo, ou se tivesse uma identidade fixa poderia determinar o futuro e ordenaria o mundo.

SERTÃO E IDENTIDADE, NA OBRA SERRANO DE PILÃO ARCADE, A SAGA DE ANTÔNIO DÓ

Judite Correa SANTOS (UNIMONTES)
judycorrea@ig.com.br

Maria Generosa Ferreira SOUTO

Este artigo tem como objetivo desenvolver uma reflexão em torno da relação “Sertão e Identidade”, no livro *Serrano de Pilão Arcado, a saga de Antônio Dó*, do escritor mineiro Petrônio Braz. A célebre máxima “*o senhor tolere, isto é o sertão*” criada pelo tambémmineiro João Guimarães Rosa, em *Grande sertão: veredas* e que serviu de epígrafe à obra em análise, aponta para uma temática expressiva e bastante explorada, especialmente em trabalhos acadêmicos: o sertão, em suas múltiplas possibilidades de interpretação. No caso específico da narrativa braseana, o sertão norte-mineiro revela, entre outros aspectos, o modo de ser do homem sertanejo, especialmente os costumes, a cultura e os traços linguísticos. O espaço seria assim uma parcela significativa na construção da identidade do sujeito. Assim como Guimarães Rosa, o escritor contemporâneo Petrônio Braz surge como arguto observador desse espaço, ainda desconhecido e misterioso, e promove o resgate de uma página da história de Minas Gerais, colocando em evidência os traços identitários do homem sertanejo. Nessa obra, o escritor norte-mineiro serviu-se fartamente dos traços culturais que moldam a identidade do sertanejo ribeirinho, como, por exemplo, a língua. Como é complexo o conceito de identidade nos estudos literários, irei ater-me ao conceito e às reflexões de Stuart Hall sobre o tema.

O SÉTIMO JURAMENTO, DE PAULINA CHIZIANE – UMA NARRATIVA TRANSCULTURAL

Rafaella Cristina Alves TEOTÔNIO (PPGLI–UEPB)
faelacristina@hotmail.com

Em *O Sétimo Juramento (2000)*, narrativa da escritora moçambicana Paulina Chiziane, o conjunto de crenças religiosas, magia e feitiçaria se comunica com o mundo político e social, construindo o universo cultural de Moçambique. Na obra, a autora situa o leitor na contemporaneidade do país africano, em que os vestígios das tradições ainda marcam os solos, produzindo dinâmicas em que o diálogo constante entre “tradição” e “modernidade”, ou “tradição” e “civilização” cria a diversidade de expressões e

identidades que elaboram os vários percursos do sagrado. A partir das vozes dos personagens, Chiziane problematiza a identidade africana, atualizando os valores das crenças moçambicanas que se configuram como híbridas devido ao processo de pós-colonização. Na narrativa, situada num espaço marcado pela transculturação, o Moçambique atual, David, rico diretor geral de uma fábrica, firma um pacto com *Makhulu Mamba*, entidade demoníaca que promete manter seu poder e livrá-lo das acusações de corrupção. Vera, esposa de David, se vê dividida entre o cristianismo e a feitiçaria para tentar entender a loucura de seu marido. Enquanto Clemente, filho do casal, atormentado por pesadelos e destinado a se tornar curandeiro, desvenda os mistérios de David que promete sacrificar a filha Suzy para conseguir o poder concebido por *Makhulu Mamba*. Este trabalho pretende analisar o jogo sincrético da narrativa, compreendendo a atualização dos valores das crenças, numa perspectiva sociocultural que examina a dialética criada por Paulina Chiziane em *O sétimo Juramento*.

MINHA PÁTRIA É MINHA LÍNGUA: A LITERATURA GALEGA POR UMA IDENTIDADE CULTURAL

Maria David SANTOS(UEFS/BAHIA)
mariadavidsantos@yahoo.com.br

Roberto Henrique SEIDEL

A discussão proposta tem-se por finalidade o estudo do romance *Periferias* (1999), do escritor galego Carlos Quiroga, a partir da postura consciente que a nova geração em que o autor se insere tem apresentado como proposta de escrita, no que diz respeito à questão da língua, que representa um “traumatismo” central da literatura galega e que agora se apresenta como um modo de se fazer escutados, para assim refletir sobre a relação povo/cultura dominante e dominada, na proposta de encaminhar não mais uma homogeneização, mas a diversidade identitária e cultural. O autor venceu por duas vezes o prêmio Carvalho Calero de narrativa, único que concede liberdade e respeito ortográfico às pessoas participantes na Galiza, que tem como idiomas oficiais o castelhano e o português. Quiroga é ainda considerado um dos maiores ativistas da luta pelo direito de falar e escrever em português, língua sufocada pelo castelhano dos colonizadores espanhóis. A sua narrativa sugere um espaço-tempo que nos possibilita ver o caos não apenas pelo olhar da desordem, mas também através de outras configurações de identidades individuais e sociais, que tem a língua como ponto de convergência e divergência, tanto objeto de discussão no espaço colonial como até mesmo após as independências. É, pois, dentro desse contexto que abordaremos questões que permeiam o passado de Galiza, berço histórico da língua e cultura galego-portuguesas, sufocadas pela Ditadura de Francisco Franco durante o século XX, e inexistindo na periferia da periferia, resistindo a ser apagada, questão agora reconstruída e repensada sob o olhar pós-colonial. Há uma apropriação da língua, às vezes do antigo dominador, por parte dos escritores para poderem recontar a história de um outro ponto de vista, não para falar sobre o Outro e, sim, pelo Outro, confirmando, não a homogeneização, mas a diferença cultural.

O SINCRETISMO RELIGIOSO NA MÚSICA RAIZ: A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA CANÇÃO “CONGO”, INTERPRETADA POR PENA BRANCA E XAVANTINHO

Andréa Cristina de PAULA (UFU)
andreacpaula@bol.com.br

Este estudo tem como objetivo analisar a canção “Congo”, interpretada por Pena Branca e Xavantinho, dois músicos importantes dentro da tradição e da cultura popular brasileira, buscando relacionar a história de vida desses artistas aos elementos significativos da canção que revelam elementos verificáveis na religiosidade popular, como o apego ao mito, o sincretismo religioso e a presença indispensável da música como um dos poderosos recursos para se ligar ao mundo espiritual, ao mesmo tempo em que propicia a manifestação de diferentes culturas afro-brasileiras, apresentando-se, pois, como um efetivo instrumento de comunicação cultural, histórica e identitária. Congo evidencia alguns costumes religiosos como o congado, revela alguns elementos que associam à sua história, como a lenda de Chico Rei, bem como remete à prática da capoeira, por meio do ritmo, da escolha lexical e do som do tambor, instrumento importante e bastante utilizado nos principais rituais afro-brasileiros. Este trabalho visa demonstrar, nesse sentido, que na música caipira também é possível encontrar traços reveladores dessa miscigenação cultural que forma a identidade brasileira, resultado da união de raízes indígenas, africanas e europeias e que canções como “Congo” podem funcionar como um importante instrumento desvelador dessa identidade, contribuindo ainda para a conscientização de seu valor para que a história e memória do povo brasileiro sejam preservadas.

A MEMÓRIA PARA OS GRIOTS PRESENTE NA NARRATIVA SUNDJATA

Helenice Christina Lima SILVA
nitelima@hotmail.com

O presente artigo tem como objetivo demonstrar por meio de uma pesquisa bibliográfica o olhar de alguns autores como Djibril Tamsir Niane, Amadou Hampâté Bâ, Pierre Lévy, Ong entre outros, que abordam contextos referentes ao uso da memória nas sociedades de tradição oral. Tendo como foco, as sociedades africanas, mais especificamente da região do Sudão africano conhecido como Mali, trechos da obra Sundjata serão analisados como forma de demonstrar esse processo de memória na constituição dessa civilização, bem como refletir sobre a presença de uma das figuras fundamentais das narrativas e/ou epopéias africanas mais conhecidas como griots. A memória como fonte de manutenção de uma sociedade, é um dos recursos considerados indispensáveis para manter a história e a genealogia das sociedades africanas. Em uma sociedade oral é difícil imaginar como sua memória será preservada, tendo como foco a sociedade africana essa questão vem demonstrada de forma diferenciada. Nessas sociedades a permanência da cultura se dá pela tradição oral transmitida pelos griots, os mesmos são considerados os guardiões da memória utilizando-se da oralidade. Na obra Sundjata, epopéia transcrita e traduzida por Djibril Tamsir Niane, a presença da figura do griot assume diversas funções, mas a que se sobressai é a de conservador das

tradições, estabelecendo elos entre a oralidade e a memória e demonstrando o poder da palavra na África.

A ORALIDADE NA POÉTICA DE JOSÉ CRAVEIRINHA E LOBIVAR MATOS

Luana Soares de SOUZA (UFMT)
lusoares90@gmail.com

Uma das recorrências presentes na escrita poética de José Craveirinha (Moçambique) e Lobivar Matos (Brasil) é a oralidade. Quando o poeta opta por produzir retomando os costumes do povo ele está reafirmando a cultura da oralidade na transmissão de conhecimento. Nessa comunicação abordaremos os poemas “Karingana ua Karingana” (*Karingana ua Karingana*, 1974) de José Craveirinha e “Destino do poeta desconhecido” (*Areôtorare*, 1935) estabelecendo as relações entre eles. Buscamos também a confluência entre esses dois escritores que estão distanciados em tempo e espaço, mas que possuem relações íntimas em sua escrita poética. Os poetas abordam a vida daqueles que estão à margem da sociedade: lavadeiras, negras, mendigos, engraxates entre outros. Os poemas lobivarianos e craverianos possuem relações convergentes tanto na escrita, quanto na temática e estilo. Os poetas estudados não estão fossilizados no tempo. Eles são precursores do novo, do amanhã e da liberdade, no anseio de um mundo melhor e captam as dores e angústias do povo esquecido. Essas dores são expostas em um ambiente degradado pela miséria, pela fome e pela injustiça. As casas, lugares, bairros são deformados juntamente com os homens, as mulheres, as crianças que ocupam esse espaço de degradação. Essa degradação se reafirma na oralidade, aspecto que une esses povos.

LÍNGUA ANCESTRAL E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA

Antonia Maria Almeida ALVES (Visconde de Cairu)
abanil@ig.com.br

Resultado de uma pesquisa realizada com um grupo de alunos do curso de extensão universitária de língua e cultura iorubá o trabalho tem como objetivo explicara importância do conhecimento da língua de ancestrais africanos na afirmação da identidade étnica dos afro-baianos na cidade do Salvador. Alguns teóricos garantem que a globalização fez ressurgir novas formas de reconstrução das identidades e em especial aquelas referentes à identidade étnico-cultural. A escolha da língua iorubá como objeto de estudo deve-se ao fato que a sua presença no nosso universo vocabular permite a agregação de valores culturais, em especial na capital baiana onde a população formada em sua maioria de descendentes de africanos, mantém preservados costumes e tradições referendadas na atitude de pertencimento à matriz africana iorubá uma cultura que se faz presente na perpetuação de uma herança cultural que apesar de todo um investimento por parte do colonizador em provocar um esquecimento à essa e outras etnias dos conteúdos culturais e em particular das suas histórias, não lograram êxito. O iorubá até a atualidade permanece nos cânticos, na gastronomia, nas danças, na fala, nas saudações, na religiosidade, no convívio social de uma população que privilegiou manter o idioma dos seus ancestrais na contemporaneidade.

NAS FRONTEIRAS DO DISCURSO FICCIONAL AFRO-LUSÓFONO: EM *O VENDEDOR DE PASSADOS* E *OS CUS DE JUDAS*.

Paulo de Almeida Guerreiro de ASSIS

Romilton Batista de OLIVEIRA (UNEB)
romilton.oliveira@bol.com.br

Este artigo analisa, de forma comparativa, duas obras literárias *O Vendedor de Passados* (2004), do angolano José E. Agualusa e *Os Cus de Judas* (2007), do português Antonio L. Antunes, inseridas no contexto colonial de guerra angolana. O problema a ser equacionado é compreender como se constroem as representações desses dois romances através das posições ideológicas assumidas, sobretudo, pelos seus narradores. Para isso, a memória será utilizada como categoria mediadora na reconstrução das identidades surgidas entre conflitos e desencontros, desconstruindo e reconstruindo pensamentos e sentimentos que nortearam a vida dos personagens em suas formações discursivas em torno das relações entre colonizado e colonizador, conduzindo-os a traumas ou choques descritos por uma memória individual, coletiva e traumática. Utilizamos os fundamentos metodológicos da literatura comparada para elencar as semelhanças e diferenças quanto à reconstrução das identidades, oriundas deste processo mnemônico traumático, gerando, com isso, o deslocamento/descentramento dos angolanos, diante da guerra colonial. O resultado da pesquisa demonstra que a literatura é um importante aliado da sociedade, tornando-se um valioso instrumento interdisciplinar que não permite o esquecimento de tragédias como a guerra em Angola, garantindo-se como espaço de memória e porta-voz da história e cultura de um povo.

A INFLUÊNCIA DO ÍNDIO, DO NEGRO E DO EUROPEU NA FORMAÇÃO DA CULTURA TOCANTINENSE.

Maria Wellitania de Oliveira CABRAL

Reginaldo Lima SILVA (UNIRG)
reginaldolimasilva-@hotmail.com

Este trabalho tem por finalidade apresentar a origem da Cultura Tocantinense, ou seja, a cultura que chegou com os portugueses ao Brasil no Nordeste, que depois adentrou o Centro-Oeste (Goiás) e que hoje é Tocantinense, com a influência do índio, do negro e do europeu. Percebe-se que a matriz portuguesa teve um papel importante e dominador na formação e delineamento da identidade cultural, uma vez que manteve domínio sobre os escravos e índios. Partindo disso, pretende-se mostrar os vestígios, o que ficou e o que se perdeu na cultura inicial, o que foi acrescentado e/ou modificado na cultura que veio de Portugal e que agora constitui a identidade Tocantinense. Desse modo, esta pesquisa desenvolve-se de acordo com os estudos de (HOLANDA, 2010) e (SILVA, 1997). É imprescindível ainda salientar as contribuições desses povos nas danças, nos cânticos, na linguagem, na culinária, na religiosidade e nas manifestações populares do Estado. No que condiz aos eventos religiosos tradicionais do Tocantins (Festa do Divino, São João, a Folia de Reis, Congo ou congadas, Romaria do Bonfim, festejos de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Carmo, entre outros), observa-se que a

maioria dessas festas é de origem portuguesa. Nesse sentido, procura-se fazer um paralelo entre as que são de origem portuguesa, que permanecem até hoje; e as de origem africana, que também vieram pela mão dos portugueses. Portanto, propõe-se mostrar que o Tocantins carrega a essência da própria formação mística brasileira, construída por vários séculos a partir do período colonial. Outra intenção deste trabalho é evidenciar a necessidade de se trabalhar a diversidade cultural nas escolas para que o aluno possa vislumbrar as variantes da formação da população do seu estado/país.

EDUARDO WHITE: UMA TRAJETÓRIA RUMO AO ABISMO DOS “AFETOS”

Beatriz Soares CARDOSO (UFRJ)
bia.literaria@yahoo.com.br

O objetivo deste artigo consiste em apresentar reflexões acerca da poesia de Eduardo White a partir dos seguintes aspectos: corpo e linguagem. Aspectos esses que engendram e consubstanciam o caráter vertiginoso de uma poesia calcada nos contornos por onde se pode observar o mar, no ardor do desejo e do amor, no pulsar que extrapola ao mesmo tempo em que universaliza o ato amoroso, na pele que sente, nas mãos que tocam o corpo e o corpo da palavra. Busca-se uma abordagem baseada na trajetória do poeta, onde corpo e linguagem se fundem explorando o amor, o corpo, as aves, o espaço, a mulher, a terra, como um contínuo despertar da própria arte poética. Sabe-se que Eduardo White é uma das maiores expressões da literatura contemporânea em Moçambique, além disso, traz em sua metapoesia elementos que perpassam pelo erotismo, pela visceral observância das mazelas de seu povo, como o sofrimento e marcas deixadas pela guerra. Mas, se sabe também, que seu olhar é conduzido por um “sentir” que mescla todos os componentes citados com a maestria de um poeta que canta e encanta através de seus versos. Neste sentido, a “trajetória rumo ao abismo dos afetos” vai de encontro ao Erotismo de Bataille; ao Prazer do Texto; de Roland Barthes; à pesquisa sobre afetos de Carmen Tindó, entre outros.

NARRATIVA AFRICANA DE EXPRESSÃO ORAL : LEITURA DE TEXTOS - SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Vicentina Oliveira Santos LIMA
visocial2004@yahoo.com.br

Este trabalho tem como objetivo central focar a importância de novas estratégias utilizadas pelo professor sala de aula para o ensino da disciplina de sociologia brasileira aos alunos do 3º período do curso de graduação em Serviço Social. Foram utilizados textos narrativos de autores angolanos como base teórica metodológica consolidada na perspectiva do ensino por Projetos Pedagógicos utilizada como uma ferramenta de trabalho que pretendeu levar em consideração que o aluno deve ser o sujeito do conhecimento. Nessa perspectiva, a transformação do objeto do conhecimento em objeto de aprendizagem, possibilita que as práticas de sala de aula superem a visão estática e descontextualizada do conhecimento. Através da transversalidade, o conteúdo específico foi perpassado, e estabelecido um diálogo com a interdisciplinaridade. As atividades realizadas foram desenvolvidas nas etapas assim compreendidas: leituras, pesquisas na internet, seminários, mural, e produção de texto. Como resultado final, a

explicitação das ideias dos alunos, e da organização das situações didáticas, das aproximações sucessivas do conteúdo com destino final às produções dos alunos. Possibilitou aos alunos uma rerepresentação dos conhecimentos sobre a herança cultural africana, as lutas do negro, a escravidão no Brasil, Lei 10.639/03 Implementação do ensino nas escolas da História da África e da Cultura Afro-Brasileira, Lei 3.627/04 Sistema de Cotas nas universidades brasileiras, vagas para alunos negros egressos de escolas públicas.

LINGUAGEM E MEMÓRIA NAS CRIAÇÕES LEXICAIS DE SOUSÂNDRADE: UMA POÉTICA PARA INOVAR

Eliamar GODOI (UFU)
eliamarufu@gmail.com

Em estudos anteriores, tivemos como objetivo organizar um glossário com os neologismos criados por Sousândrade nas obras literárias: “Harpas Selvagens” (1857) e “Harpa de Ouro” (1888/1889) e criar definições para os vocábulos neológicos embasados pelo contexto abonatório dessas obras literárias. Para isso, por meio de uma pesquisa bibliográfica e analítica analisamos a poética sousandradina em seus vários aspectos criativos. Nesse artigo, foram arroladas e analisadas apenas 10 (dez) unidades neológicas das mais de mil encontradas nas duas obras analisadas. Assim, partimos do pressuposto que pontos de vista e parte da realidade da época vivida por ele se apresentam espelhados em suas criações lexicais. Constatamos que o autor se deixa mostrar pelo seu léxico, pois, manifesta suas vivências e ideologias por meio de uma obra autobiográfica. Para todos os casos analisados foi necessário recorrer ao contexto lingüístico e extralingüístico, para que se pudesse compreender o sentido das lexis neológicas. Espera-se que este trabalho contribua para se compreender melhor a obra e o momento sócio-histórico-cultural em que se processou a sua linguagem e a sua criatividade.

PRODUÇÃO ARTÍSTICA NEGRA E O FEMINISMO BRASILEIRO

Lina M^a Brandão de ARAS

Rita de Cássia Camargo dos SANTOS
ritaiafaz@bol.com.br

Tendo a pós-modernidade e o pós-estruturalismo princípios filosóficos, as novas teorias feministas visam revisitar os seus conceitos e procedimentos em relação ao lugar da mulher na sociedade, e através da teoria das palavras e das coisas, buscam novas possibilidades dos modos de manifestação tendo, com isso, as expressões artísticas em detrimento das causalidades. Dentro desse pensamento há uma atenção peculiar que subdivide o movimento feminista que direcionando um olhar, não apenas para as mulheres brancas, mas para o papel e o lugar das mulheres negras nas suas relações sociais e políticas dentro e fora do feminismo.

No ensaio “As palavras e as coisas: materialismo e método na análise feminista contemporânea” de Michèlle Barret 1999 há uma tendência foucaultiana segundo Barret para uma valorização das palavras e uma desvalorização das coisas dentro das manifestações feministas. Nesta perspectiva busca-se através da visibilidade das

expressões artísticas que subjetivam todas as causas vigentes e teorias que têm como base a sociologia e a política. Para Barret as informações e expressões visuais e literárias do que se refere a uma realidade significava uma grande potência dentro dessa discussão de gênero. Essa proposta trouxe algumas controvérsias dentro das teorias feministas quando algumas estudiosas ainda davam preferência aos fatos como estupros ou feticídio feminino, e com isso Barret diz: *“como sendo mais significativas, por exemplo, do que a construção discursiva da marginalidade em um texto ou documento”*, (Barret,1999, p.109).

As feministas que estavam ainda inseridas em correntes teóricas sociais e filosóficas como o racionalismo que não contribuía para a realidade e as demandas do mundo globalizado onde o sistema de comunicação possibilitava um trânsito maior das produções fictícias do que das escritas sociológicas.

OS GRIOTS DA CONTEMPORANEIDADE: A PASSAGEM DOS CONHECIMENTOS E AS DISTÂNCIAS ESPACIAIS

Jaqueline Villas Boas TALGA (UFU)
jtalga@yahoo.com.br

Os segredos do candomblé. O conhecimento do sagrado. A camarinha. A passagem do saber. O saber fazer. Velhos tempos idos do candomblé fora da lei na Bahia. As perseguições policiais, os sofrimentos e as dificuldades de outrora. Os cultos proibidos no fundo do quintal. Os cultos negros – hoje brancos, negros e amarelos. Uma religião étnica, de “pretos”. As estórias, contadas e recontadas por gerações. Os saberes que morriam junto com cada ancião que não mais eram matéria, só espírito. As grandes fachadas dos centros dos Candomblés. Os ebós disponíveis on-line. Os fundamentos, as estórias, os segredos desvelados em livros, revistas, vídeos, documentários. A internet e o sem fim de materiais acerca dos mistérios da religiosidade. As campanhas abertas pela não criminalização dos adeptos dos Candomblés. As caminhadas proclamando a liberdade religiosa. Os embates públicos com aqueles que alegam maus tratos animais. A publicização da fé. Os orixás cada vez mais presentes nas músicas, da Iansã de Maria Bethânia ao Ogum de Criolo.

EIXO TEMÁTICO 7 – HISTÓRIA E ÁFRICA

BIAFRA LIVRE: UM RECONTAR DE JUSTIÇA DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Olivia Maria Santos de LIMA (UFU)
oliviasable@yahoo.com

Este trabalho visa apresentar elementos da escrita de Chimamanda Ngozi Adichie, responsáveis por resignificar a experiência da guerra civil nigeriana sob uma perspectiva local e identitária, trazendo ao leitor uma visão justa e legítima da real história, lutas e esperanças do povo Nigeriano. Longe de uma escrita ocidentalizada e homogeneizante, perdida nas visões uniformes e nubladas sobre o continente africano, Adichie compõe um espaço próprio histórico-ficcional, tornando evidente não as imagens “esperadas” e indefinidas dos conflitos do continente africano, mas sim o real

testemunho das razões de um povo. Para análise do trabalho enfrentamos as hipóteses da crítica geral, especialmente de Madhu Krishnan, da Universidade de Nottingham-UK, para, como hipótese, desconstruir um limite temporal chamado de “terceira geração de escritores nigerianos”, prestando um elogio à escrita de Adichie, evitando a normatização do patrimônio literário nigeriano. Como resultado, temos a impossibilidade de limitação de tempo e eco da obra de Adichie, justamente pela primazia de sua temática, bem como a composição de lugar universal da obra, discutida na visão de Hugo Achugar.

AÇÕES MISSIONÁRIAS NA AFRICA PRÉ COLONIAL

Eliane Fátima Boa Morte do CARMO (FACULDADE PARQUE)
elianeboamorte1@gmail.com

Através das cartas emitidas entre o Reino Português e o Reino do Congo procuro reconhecendo as orientações da igreja que subsidiavam estas ações analisando textos formais (cartas, bulas, breves etc) que estabeleciam e orientavam as ações missionárias naquela região, estabelecendo, assim, as relações entre o Estado europeu, principalmente o Estado Português, que incentivavam as incursões missionárias. Estes, a título de evangelização, espalhavam-se pelo território, sendo os primeiros a ensinarem uma nova cultura, através da educação formal. Este ato além de ser cultural e religioso era, também, um ato político na medida em que, também, repassavam para os Estados Europeus as informações coletadas no cotidiano africano. Sua estrutura político administrativa, sua cultura e suas posições bélicas, fraquezas e pontos forte da cultura e das atividades no território a que se destina evangelizar. Ficou sob a responsabilidade dos missionários em África a tarefa de educar e evangelizar. Esta tarefa esta na base das transformações dos valores e da cultura local, pois introduz a cultura letrada e a visão de mundo européia através da religião e dogmas cristãos. Esta ação esta intrinsecamente ligada ao poder e estratégia do Estado europeu para colonização dos povos “pagãos”. A compreensão do projeto e das ações planejadas pelas missões e missionários que tinham como objetivo “civilizar” os povos, levaria ao entendimento da base do processo de colonização geográfico e preparação para a colonização das estruturas de valores culturais, que acarretaria em conflitos e surgimento de novas formas de estar e ser no mundo africano. As missões e conseqüentemente os missionários eram as agentes de transformação local, aqueles que através da religião transformavam o meio e a cultura, impunha valores e paulatinamente formavam uma nova mentalidade, mesmo com mesclas e rearranjos, do ser africano. Uma de suas tarefas fundamentais era a tarefa de garantir a educação. Este processo de evangelização, educação e conseqüentemente de mudança de valores levou “simultaneamente para o africanos, um meio de satisfazer a sua aspiração pela aquisição de novos conhecimentos e da tecnologia européia, bem como o instrumento que separou-os da sua cultura tradicional”. Desde o estabelecimento da divisão das terras referendada pelo papado até sua efetivação no processo de educação e evangelização em terras africanas a religião foi fundamental na transformação e formação de uma nova mentalidade, bem como foi berço da nova classe dirigente da África pós- colonização.

CONTO E CRÔNICAS DE MACHADO DE ASSIS E A INTERDISCIPLINARIDADE: A APLICAÇÃO DA LEI 10.639/03 A PARTIR DE FONTES LITERÁRIAS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA AFRO-BRASILEIRA.

Everton Rafael FERREIRA (UFU)
fevertonr@yahoo.com.br

A partir de obras literárias do escritor brasileiro, Joaquim Maria Machado de Assis (21 de junho de 1839 - 29 de setembro de 1908), utilizando-se de alguns de seus escritos como fontes para o ensino de história do Brasil, tais como o *Conto Pai contra a Mãe* e as *Crônicas de 11 e 19 de Maio* que fazem parte de um conjunto maior de escritos intitulado *Bons Dias*. Pretendemos contribuir para a aplicação da lei 10.639/03 além de propor outras metodologias de ensino, fugindo um pouco das simplificações do livro didático quando trata da questão de discutir e explicar como se deu a abolição da escravidão e, ao não deixar claro as influências nefastas daquele regime para a sociedade brasileira até a contemporaneidade. Entendemos também que essa comunicação faz um regaste justo a memória de um dos principais literatos da literatura nacional, que durante muito tempo foi acusado injustamente de renegar suas raízes afro-brasileiras, de ser omissivo em relação às injustiças que ocorriam em seu tempo histórico de vida e, de privilegiar em temas de seus livros somente personagens que tivessem proximidade com a realidade que não fosse a do seu próprio país.

EDUCAÇÃO INFANTIL: OLHARES SOBRE A ÁFRICA

Darlize Martinez SILVEIRA

Dynara Martinez SILVEIRA (Escola Municipal de Ensino Fundamental Marechal
 Castelo Branco - Jaguarão/RS)
dynara.silveira@gmail.com

Este projeto será desenvolvido com alunos do pré-escolar (05 anos), de uma escola do município de Jaguarão/RS, cidade que convive com diferenças culturais, pois faz fronteira com o Uruguai possuindo uma relação de irmandade entre as cidades vizinhas. Com o intuito de pôr em prática na Educação Infantil a temática "História e Cultura Afro-Brasileira" de acordo com a Lei nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003, temos por objetivo apresentar o continente africano através de sua fauna, literatura, brincadeiras, artes, etc. Como ponto de partida será utilizado o filme "Madagascar", que incentivará a confecção do "ÁfricaBeto de Animais", alfabeto que terá como imagens representativas os animais da África. Concomitante ao letramento infantil, serão desenvolvidas "contações" de histórias e apresentações de filmes que retratem a literatura africana, atividade que estará a cargo de dois bonecos negros, personagens que estimularão a construção de hipóteses e conhecimentos acerca deste rico continente, cujo povo e cultura muito contribuiu para dar cor e forma ao nosso Brasil. Por entender que a criança desde pequena é construtora de conhecimentos, o povo africano e sua história não podem ser esquecidos quanto a sua importância na formação cultural e social do povo brasileiro. Como resultado esperamos que as crianças não só conheçam a importância do continente africano e dos afrodescendentes, mas percebam que o que une brancos, asiáticos, índios e negros são suas semelhanças, o fato de todos sermos

produtores de cultura, enriquecemos a cultura brasileira, sendo a cor da pele apenas um detalhe que vem colorir o Brasil.

LITERATURA E SOCIEDADE (PÓS) COLONIAL: DIALOGANDO COM CRUZ E SOUSA, MIA COUTO E PAULINA CHIZIANE

Anelito Pereira de OLIVEIRA

Rosane Ferreira de SOUSA (UNIMONTES)
rosane.sousaf@ibest.com.br

A proposta deste trabalho é realizar uma discussão sobre o lugar de poetas e escritores na sociedade (pós-) colonial, tomando-se a literatura como espaço de ação e criação, de resistência e encantamento. Objetiva-se pontuar o desdobramento do literário como meio de expressão que influi sobre o processo de transformação social, interrogando e perturbando, por conseguinte, valores hegemônicos estabelecidos no Brasil e na África durante o período de vigência legal do colonialismo. Propõe-se traçar um paralelo entre literatura e história, literatura e sociedade dentro do eixo cultura-identidade-diferença e dominação, articulando, para tanto, estética, ética e política que constituem o tecido literário do afrobrasileiro Cruz e Sousa e dos moçambicanos Mia Couto e Paulina Chiziane. Tentaremos pensar a literatura como espaço de resistência à opressão no processo de (pós-) colonização e abertura para o encantamento. Este estudo será fundamentado nas concepções críticas e teóricas de Cândido (2006), Bhabha (1998), Bourdieu (2007), Deleuze (2006), Fanon (2010), Oliveira (2006) e Rabello (2006).

EIXO TEMÁTICO 9 – LITERATURA E SEMIÓTICA: POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS

ASPECTOS PSICOSSOCIAIS EM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA DE JOSÉ SARAMAGO E EM BLINDNESS DE FERNANDO MEIRELLES

Danilo Nascimento LINHARES (Faculdade Atenas Maranhense)
danilo-linhares@hotmail.com

A literatura e o cinema têm em comum o fato de serem realidades “alteradas”; trata-se da realidade transportada para outras linguagens. Retratar o fator psicológico na literatura e no cinema se torna, portanto, algo pertinente. Grande parte das ações humanas pode ser explicada pela psicanálise. Quantas atitudes incomuns ou surpreendentes observamos ocorrerem todos os dias. Basta ligar a televisão ou conectar-se a internet para ficarmos surpresos com o que o ser humano é capaz de fazer por consequência dos mais diversos distúrbios e atitudes. A psicanálise muito tem a oferecer na compreensão destes casos. Este trabalho foi realizado utilizando como fonte teórica os Estudos de Sigmund Freud, especialmente no livro intitulado Mal-estar na civilização. Objetivando analisar os fatores psicossociais envolvidos na obra Ensaio sobre a cegueira do escritor José Saramago e a adaptação cinematográfica Blindness de Fernando Meirelles foram utilizadas algumas teorias de Sigmund Freud que representam como as situações dramáticas podem alterar a própria realidade em que estamos inseridos. Ressalta-se aqui que o objetivo não é aprofundar-se na psicanálise, mas apenas ter uma maior compreensão destes fenômenos a que o ser humano está

sujeito e que estão implícitos nas obras analisadas. O cinema desde a sua origem pode ser considerado uma malha intermedial, uma espécie de um híbrido de literatura, música, teatro popular, espetáculo de magia, fotografia, pintura e pesquisas industriais, possuindo uma relação historicamente intrínseca com a literatura. Durante o desenvolvimento do trabalho surgiram algumas perguntas sobre essa supressão da realidade, algo que às vezes não é fácil de compreender, mas aos poucos o entendimento foi alcançado. Percebemos o recalque como um mecanismo radical de defesa do organismo capaz de alterar a percepção do indivíduo, fazendo com que não entenda uma informação. Um bom exemplo é quando entendemos uma proibição como uma permissão simplesmente porque o subconsciente fez com que não ouvíssemos o não. A obra abordada é repleta de simbologias, e é importante compreender que a cegueira retratada não é apenas física, mas principalmente uma cegueira social e psíquica.

A MATÉRIA SELVAGEM DA ESCRITA – EM BUSCA DA RESTANTE VIDA

Jonas Miguel Pires SAMUDIO (UFU)
alfjonass@yahoo.com.br

Qual a matéria da poesia? Em que ponto situa-se a sustentação do fazer poético? Em que medida escrever é representar o mundo? Poesia é expressão da interioridade do artista? Sob tais perguntas, dentre outras, debruça-se a crítica literária para, parece-nos, apontar para a matéria da poesia, para a origem da escrita e, por conseguinte, para sua destinação. Uma resposta para essas perguntas é aquela orientada pelo paradigma de literatura como representação e verossimilhança, como artifício criativo e como produção autoconsciente do artista. Por outro lado, há a reflexão que, aproximando-se das compreensões de inconsciente e de sinthoma, oriundas da psicanálise de orientação lacaniana, compreende a escrita como apresentação, ou criação, como o véu mais próximo do real. Objetivamos, com Manoel de Barros, Maura Lopes Cançado e Maria Gabriela Llansol, refletir sobre a escrita como matéria e forma do viver, como o elemento mais próximo do real e, portanto, longe das noções de representação e de metáfora. Para tanto, colocaremos-nos próximos à relação psicanálise-literatura, conforme Lúcia Castello Branco (2011), procurando como, a partir do resto – do desejo e das coisas –, constrói-se uma escrita da restante vida que, para além de quaisquer circunscrições geográfico-culturais, realiza o ato de escrever como proposição de humano.

É PRECISO REVER O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LITERATURA BRASILEIRA. SOB A LEI 10.639/03.

Reinaldo Tomé PAULINO (Faculdade Católica de Uberlândia)
tomepaulino@yahoo.com.br

Ao refletirmos sobre o título e lembrarmos-nos da contribuição de todas as etnias que compõem o povo brasileiro, e, portanto são todos os que fizeram e fazem a nossa história e cultura. Haja vista que as etnias indígena e afro-brasileira sempre foram renegadas ou deixadas em plano inferior. A fim de rever distorções foi sancionada a lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da história e cultura Afro-brasileira.

O principal intuito deste trabalho é demonstrar a urgência daquela lei ser cumprida. A saber, que por não haver tempo hábil para nos valer de vários textos optamos por somente um. Ao retermos as análises literárias de acadêmicos do poema “tirado de uma notícia de jornal” de Manuel Bandeira, e levarmos em conta os aspectos da história e cultura Afro-brasileira, presentes no poema. Constatamos que não foram analisados por este prisma. Fato que explicita que o ensino e aprendizagem de literatura brasileira na IES ainda não tratam com igual respeito à diversidade étnica do Brasil. Pois na quase totalidade dos ensaios relidos ficou evidente a necessidade deste conhecimento para a correta compreensão do todo do poema, sem o qual as distorções continuarão. Uma vez que os ensaístas não evidenciaram mesmo que visível pela condição social, geográfica e histórica o ator afro-brasileiro.

Pois um profissional da educação bem formado na graduação, na escola ele irá contribuir para formar bons e conscientes cidadãos. Já um profissional deformado pela má formação e com preconceitos de uma sociedade com males coloniais, perpetuará em seus alunos os males que assolam a nossa sociedade multiétnica, na qual a colaboração afrobrasileira para identidade histórica, cultural e social será sempre inferior à europeia.

O CONCEITO SARTREANO DE MÁ-FÉ EM A NÁUSEA (SARTRE) E DANÇANDO NO ESCURO (VON TRIER)

Jennifer Shields dos SANTOS (FACULDADE ATENAS MARANHENSE)

jennyshields@hotmail.com

Este trabalho traz uma abordagem acerca da música como o viés estético para analisar a “Má-fé” presente no personagem Roquentin de A náusea e Selma de Dancer in the Dark. Traça-se, assim, um diálogo com a obra de Sartre com o filme de Lars Von Trier. O Existencialismo de Sartre é uma teoria filosófica que de fato veio influenciando durante anos muitas obras, não só literárias como também cinematográficas. A temática existencial permeou e repercutiu de forma espantosa nos romances, crônicas, novelas, poesias, etc., no entanto, no cinema pode-se explorar mais este conteúdo que tanto condiz com a existência do ser humano. A arte cinematográfica, por se tratar de uma linguagem audiovisual, faz com que o espectador visualize melhor o conflito existencial discutido por Sartre em suas obras. Em suma, o trabalho foi desenvolvido a partir do cotejo do texto literário com arte cinematográfica, para que desta forma, pudesse ser explorado com mais evidência a mutualidade de certos procedimentos entre ambos. O trabalho aborda a justificativa (ou a ausência dela) que Selma dá a sua existência, posto que a protagonista encontra na música, nos seus flashes fantasiosos, a redenção ou salvação para os seus problemas cotidianos. O fato de seu filho possuir o mesmo destino congênito que o seu, faz com que esta se sinta culpada, assim inventando-lhe algo a que se apegar, ou agarrar: o sonho musical, onde todos dançam em harmonia, conforme o ritmo que Selma tenta conduzir sua vida. Tal mecanismo existencial pode ser explicado à luz do conceito sartreano de Má-Fé. O filme que foi analisado com base no pensamento sartreano reflete toda essas questões existenciais e todo o drama vivido concomitantemente por Selma e Roquentin. A personagem vive sua liberdade pelo ritmo da música, tentando escapar com uma simples fuga de consciência da realidade. Além disso, o próprio nome do filme é bem sugestivo, visto que, gera certa ambigüidade, uma vez que, faz referência tanto à cegueira concreta de Selma quanto à cegueira abstrata, inconsciente desta, durante as suas desligadas de consciência, posto que dança no meio de toda a vida turbulenta que leva. Dançando no escuro é a metáfora

do ritmo que Selma tenta conduzir sua vida, enquanto esta se encontra no escuro, na escuridão de sua própria vida.

**O MALDITO LIMA BARRETO
POR UMA CONSTRUÇÃO CRÍTICA DE UMA LITERATURA SEM
MARGENS**

Elisabeth Silva de Almeida AMORIM (UNEB)

mrs.bamorim@yahoo.com.br

Pensar na literatura alicerçada pelos não cânones nos faz refletir sobre o tipo de leitura praticada na Educação Básica. Será (in)consciente omitir as relações de poder emanadas das violências simbólicas (Bourdieu, 1998) ou micro (Foucault, 1979) ao eleger ícones da literatura? Indubitavelmente, as lacunas no ensino das literaturas precisam ser preenchidas. Reverter a ordem e buscar linhas de fugas em nome de uma literatura mais significativa ou contrapor texto com descontexto parecem objetivos alternativos que se unem a um lugar de aproximação e ressignificação dos textos literários para um estudo crítico e escrita nômade. Em Lima Barreto as discussões em torno do ser marginalizado étnico, econômico e socialmente, talvez seja mais uma estratégia para encontro com essas linhas e consigo mesmo. Para avançar faz-se necessário uma pesquisa-ação para que as práticas literárias docentes previstas sejam revistas e saiam das margens a literatura “negra”, “afro”, enfim, *maldita* nos espaços de poder. E foi pensando no desejo que move estudantes até a literatura, desejo de criar cadernos literários, recriar o que está posto, devorar e *literalizar o não literário* que esta proposta se justifica.

**A IMPLANTAÇÃO DA MODERNIDADE COLONIALISTA EM ANGOLA: “O
SEGREDO DA MORTA”**

Sérgio Paulo ADOLFO

Silvana Rodrigues QUINTILHANO (UEL)

sillrq@yahoo.com.br

Com a implantação da modernidade colonialista, as sociedades africanas tomam como base de comportamento os modelos europeus. Conforme relata Ranger (1984) durante o processo da colonização europeia houve o surgimento das tradições inventadas. Os colonizadores precisavam reinventar as tradições antigas de modo que subvertesse as relações comportamentais e culturais ao seu favor; e foram essas tradições inventadas que deram aos africanos comportamentos modernos, assim como auxiliava na consolidação do poder do colonizador e na sustentação de uma sociedade hierárquica definida, na qual os africanos tornaram-se submissos aos europeus. Ao apreender essa “neotradição europeia subordinada”, o africano promovia-se socialmente no mundo colonial, inspirando em muitos uma espécie de nacionalismo. Por outro lado, africanos erradicados buscaram assimilar as tradições inventadas europeias de forma relativamente autônoma, tornando-se capazes de atualizarem-se e de discernirem as realidades do poder colonial. Sob este prisma, este trabalho tem como objetivo analisar, a partir da obra *O segredo da morta – romance de costumes angolenses*, de Antonio de Assis Junior, o registro de relatos de uma sociedade burguesa negra alienada que toma para si comportamentos e modelos europeus, bem como a atualização da expressão

literária angolana promovida por Assis Junior na escolha do gênero romance da cultura literária europeia, transpondo para a escrita um imaginário essencialmente oral.

EIXO TEMÁTICO 10 – LITERATURA E SOCIOLOGIA: CENÁRIO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

“EU NÃO SOU GADO, SOU MULHER”: IMAGENS DO UNIVERSO FEMININO EM NIKETCHE E PREDADORES

Rosemary Ferreira de SOUZA (UNIMONTES)
rosemaryletras@ibest.com.br

A proposta deste trabalho consiste na discussão sobre as imagens do universo feminino nas obras *Niketche: uma história de poligamia* de Paulina Chiziane e *Predadores* de Pepetela. Nesta perspectiva, o estudo busca realizar uma leitura da literatura africana de expressão portuguesa com uma abordagem comparativa do problema da feminilidade representado pelas personagens das duas obras. Neste sentido, será analisado como os autores constroem as figuras femininas nas referidas obras articulando literatura e história no processo de descolonização. Além disso, objetiva mostrar de que maneira as personagens se aproximam ou se distanciam diante dos dramas e conflitos vivenciados em uma sociedade pós-colonialista que ainda traz fortes resquícios da relação entre colonizador e colonizado. Propõe-se, ainda, analisar as experiências individuais e coletivas das mulheres da sociedade africana e, diante disso, mostrar a preocupação com o feminino, ou seja, a voz feminina com seus desejos, vontades, medos, alegrias, tristezas e outras questões relativas à imagem da mulher na literatura. A leitura das obras escolhidas permite problematizar as condições da mulher em Moçambique e Angola, trazendo aspectos do cotidiano reveladores do seu jeito de ser e de viver. Este trabalho se apresenta sob uma perspectiva literária que traduz o universo feminino de submissões e lutas. Será dado um enfoque à condição de subordinação da mulher tendo em vista o lugar ou o não lugar que esta ocupa na sociedade africana. Considerar-se-á, o processo de reificação instaurado e o desejo de libertação da mulher, pontuando a sua luta para se fazer ouvir, já que sua voz ora se mostra usurpada, ora silenciada. O referencial teórico se valerá das contribuições de Homi K. Bhabha (1998), Frantz Fanon (2010), Stuart Hall (2006), Lúcia Osana Zolin (2009). Dessa forma, este trabalho se dará com um olhar voltado para a condição da mulher que se torna símbolo de força gerada na fragilidade, mas que tem no espaço literário uma possibilidade emancipatória.

MEMÓRIA E POLÍTICA CULTURAL: TESTEMUNHOS DE MULHERES NEGRAS CUBANAS ENTRE A REPÚBLICA E A REVOLUÇÃO

Viviana GELADO (UFF)
vgelado@hotmail.com

O trabalho pretende analisar, a partir de testemunhos de teor diverso, o lugar que a primeira geração de filhas de escravos teve no cenário da literatura cubana da Primeira República e do pós-Revolução. Com esse propósito, tomará como base a trajetória da recitadora Eusebia Cosme (a primeira a ganhar destaque em teatros, ateneus e no rádio,

como recitadora de “poesia negra”, e no cinema, como atriz dramática, entre as décadas de 30 e 70) e o testemunho de María de los Reyes Castillo Bueno, publicado por Daisy Rubiera em *Reyita, sencillamente: testimonio de una negra cubana nonagenaria* (1997).

Assim, se bem no *corpus* aqui recortado, apenas *Reyita, sencillamente...* teria, a rigor, do ponto de vista da teoria literária, o caráter de um “testemunho”; é possível, no entanto, compor um relato de valor e função análogos a partir da análise de entrevistas e documentos manuscritos produzidos por/a propósito de Eusebia Cosme.

Este *corpus* permitirá o conhecimento das dificuldades enfrentadas pelos ex-escravos e seus descendentes na consecução do cumprimento das medidas adotadas pela República, primeiro, e pela Revolução, depois, tendentes a dotar de igualdade de direitos a todos os cidadãos. Nos casos de Eusebia Cosme e “Reyita”, contemporâneas da “Guerra de 1912” e do “Movimiento de Veteranos y Patriotas”, permitirá perceber especialmente as limitações de uma inclusão forçada, imposta pela Primeira República em Cuba, logo depois de ter perpetrado um massacre racial; bem como o profundo lastro social em que se apoia a racialização das relações entre os cidadãos entre um regime político e o outro e os modos como o âmbito da cultura, em geral, e a instituição literária, em particular, evidenciam também essa racialização.

Em suma, o trabalho se propõe a analisar, à luz das trajetórias de duas descendentes de escravos, as injunções e impasses institucionais —da literatura e do Estado— na inclusão efetiva aos respectivos *corpora* de sujeitos marcados negativamente pela racialização das relações sociais.

AGUALUSA E LOBO ANTUNES: A LITERATURA INQUIRINDO A HISTÓRIA

Raquel Cristina dos Santos PEREIRA (UFRJ)
xrevistateialiterariax@hotmail.com

Partindo do diálogo entre a Literatura e a História na obra de arte, esta comunicação tem o objetivo de apresentar como as diferentes vertentes estético-literárias da ficção de língua portuguesa do fim do século XX e início do século XXI reescrevem a ficção controlada da História pós-colonial, ao repensar o legado do colonialismo em Angola nos anos posteriores à descolonização. Pois, a independência de Angola, em 11 de novembro de 1975, não assegurou a paz e a liberdade tão esperadas pela nação angolana. A Angola imaginada parecia adiada novamente, a esperança depositada na independência para a reconstrução de uma sociedade mais igualitária deu espaço a um clima tenso de violência extremada, fazendo ressurgir no solo da terra vermelha dos musseques o antigo pânico, a certeza de que o sofrimento vivenciado durante os treze anos de guerra colonial ainda estava longe de ter fim.

Um álbum de imagens estilhaçadas e de pessoas marcadas pelas cicatrizes dos canhões da política pós-colonial em Angola é apresentado nas narrativas do angolano José Eduardo Agualusa, com o romance *Estação das chuvas* (1996), e, do português António Lobo Antunes, com o livro *Boa tarde às coisas aqui em baixo* (2003), obras e autores que centram as reflexões crítico-literárias ao longo deste trabalho. É a literatura abrindo espaço para um diálogo de múltiplos saberes, que revelam e interrogam outros ângulos do caleidoscópio histórico, enfraquecendo, desse modo, a legitimidade hegemônica do discurso oficial do Estado.

ESTUDO DA AFRICANIEDADE UMA CAMINHADA POSSÍVEL DE SER CONCRETIZADA NO CONTEXTO ESCOLAR

Marcia Silvana Peres RODRIGUES (UCPel)
pmarciasilvana@hotmail.com

Thaís Priscila Silva de OLIVEIRA

Atualmente há um momento de desinquietação nas instituições escolares, que surgiu com a implantação da lei 10639/03, que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", o que demonstra a falta de literatura e embasamento para sua real implantação. Sensibilizar a equipe escolar para a realização de uma proposta de trabalho efetivo com os conceitos e a difusão da cultura africana no cotidiano de nossa práxis educativa, tem assumido cada vez uma conotação significativa na construção das diretrizes que embasam o processo ensino aprendizagem. Criando espaços para discutir, analisar e por em prática ações que coletivamente oportunizem uma nova concepção pedagógica que destaque o respeito, a diversidade cultural e as influências que recebemos na junção de etnias e raças que constituem o povo brasileiro.

O setor pedagógico, assim aparece como mediador e propiciador de momentos e ações concretas que tem início em sua prática diária; apresentando aos colegas literaturas a serem utilizadas, bibliografias, criando um espaço onde esse material possa ser amplamente manipulado, assim como criar grupos de estudos e pesquisa, organizando projetos para serem aplicados em sala de aula no decorrer das atividades e não somente pontuar as datas alusivas à conquista do negro.

O aluno participa desse processo, em diversos momentos em sala de aula nos conteúdos programáticos, e nas atividades proporcionadas pelo pedagogo como forma de sensibilização e discussão, tendo acesso a literaturas afrolatinas, com momentos de contação de histórias. Ressalta-se que é imprescindível acabar com ideias preconcebidas, discriminatórias e segregativas, esse assunto é tratado de forma habitual, natural ao processo ensino aprendizagem, serão inseridos os materiais sem fazer referência direta a discriminação racial, e sim oportunizando a acolhida de uma nova forma de compreender a sociedade e os grupos raciais e étnicos que a compõem.

SABOR E DESSABOR: VELHICE E MARTÍRIO EM RUÍDOS DE PASSOS E MAISVAICHOVER DE CLARICELISPECTOR

Patrícia Lopes da SILVA (UNIMONTES)
pattyloren@hotmail.com

Nos contos *Ruído de passos e Mais vai chover*, do livro *A via crucis do corpo* de Clarice Lispector, abre-se espaço para discussão de um período da vida, aparentemente desinteressante: a velhice. Historicamente, o olhar lançado para a velhice é de uma concepção negativa e perda da possibilidade de prazer sexual. As protagonistas rompem com o protótipo de que só os jovens podem ter desejos sexuais. Este trabalho pretende, pois, discutir as representações do corpo, sexualidade e erotismo a partir de conceitos psicanalíticos.

A CULTURA AFRO-BRASILEIRA REPRESENTADA NO MOVIMENTO HIP-HOP.

Ana Ligia Faria TEIXEIRA (UFU)
analigia_teixeira@hotmail.com

Este trabalho é um Projeto de Iniciação Científica elaborado por Ana Ligia Faria Teixeira no âmbito do Grupo de Pesquisa, no primeiro semestre de 2012, orientado pela Profa. Dra. Cíntia Vianna. O objetivo geral dessa pesquisa é investigar o conceito de Literatura Afro-Brasileira e as possíveis relações com o *rap*. Alguns ainda perguntam se a literatura afro-brasileira realmente existe. Ela não só existe como é contemporânea desde o século XVIII, tanto realizada nos grandes centros, com poetas e ficcionistas, quanto se estende às literaturas regionais. Ou seja, ela não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição como povo. Primeiro foi realizado um levantamento bibliográfico das obras teóricas que falam sobre o movimento *Hip Hop* e sobre a literatura afro-brasileira. Em seguida, visto que o Projeto está em andamento analisaremos o *rap* como parte dessa literatura, e já tendo escolhido o grupo Racionais MC's, analisaremos suas músicas, identificando os fatores culturais, espelhando-nos em leituras relativas a esse tema. Finalmente, é importante a criação de um público leitor afro-descendente como fator de formação própria dessa literatura, distante do projeto da literatura brasileira em geral. O rap receberá tratativas próprias do texto literário, pois é por nós entendido como uma poética, talvez das mais importantes no panorama geral daquilo que podemos chamar Literatura afro-descendente.

O POETA CARLOS DRUMMOND E O MÉDICO NOEL NUTELS: ENTRE A POESIA E O HUMANISMO

Amanda Aparecida de Almeida BORGES
amandabrgs@live.com

Dentre os vários poemas de Carlos Drummond de Andrade publicados no livro *As impurezas do Branco* (1973), interessa-nos a ode intitulada “Entre Noel e os índios”. Nesta interessante poesia, Drummond elabora uma homenagem ao médico judeu e sanitarista Noel Nutels, que, juntamente com os irmãos Villas-Boas, foi um dos idealizadores da construção do Parque Nacional do Xingu. Drummond enfoca ainda a dedicação de Noel aos índios doentes e perseguidos. Foi pesquisada a arte poética de Carlos Drummond de Andrade a fim de entendermos o verdadeiro sentido do poema *Entre Noel e os Índios*. Através de biografias descobrimos sobre a intensa vida de Noel Nutels e o porquê de sua solidariedade aos índios do Brasil. Após as análises dessas biografias, procuramos saber a história dos judeus. Para melhor entendermos a milenar trajetória desse povo, que assim como os índios das Américas sofreram perseguições e humilhações, lemos livros como *A condição judaica de Moacyr Scliar*. Também buscamos conhecimento sobre como foi a relação dos índios com os “civilizados” desde a época do descobrimento do Brasil, a partir de estudos de grandes autores como Darcy Ribeiro e Antônio Risério, que de maneira didática abordam temas como as relações entre índios e descobridores, e em outras épocas da história brasileira.

PESQUISA DE EXPRESSÕES POÉTICO-MUSICAIS DA CULTURA AFROPLATENSE E OUTRAS ARTES

Carla Cristiane MELLO (UFSC)
carlinhamello84@gmail.com

A pesquisa objetivou entender a relação entre a diáspora africana na América do Sul e as reminiscências encontradas em gêneros narrativo-musicais como a milonga e o candombe permitindo-nos lançar novo olhar sobre as culturas populares do contexto específico do Rio da Prata onde estes gêneros são bastante difundidos e influentes. Analisamos, para tanto, o material bibliográfico da pesquisa, especialmente os estudos clássicos de Vicente Rossi e Câmara Cascudo que nortearam nossa busca pela definição inicial dos gêneros citados. A partir da concepção de milonga, estudamos a seguir o livro de Jorge Luis Borges, "*Para las seis cuerdas*", que é composto por onze milongas de sua autoria e que gerou uma linhagem musical particular sobre a qual montamos um acervo de sons e imagens. O livro de Borges corresponde à aproximação desse escritor com a cultura popular, pois, dentre outras afirmações, o escritor nos revela que considera a milonga como a verdadeira tradição cultural popular argentina e platense. Segundo o escritor, suas milongas se baseiam em histórias reais vivenciadas por personagens marginais à sociedade argentina, entretanto, reiterando a importância desses arquétipos, a exemplo do *cuchillero*, do *gaucho* e do *compadrito*. As narrativas desses personagens na produção borgeana são permeadas por histórias de honra e embates por amor, por vingança, por ciúme e, geralmente, acabam em morte. O estudo sobre a milonga permitiu-nos compreender a importância dos entrelaçamentos existentes entre as culturas argentina, uruguaia e brasileira permeados pela diáspora africana em diversas formas de arte existentes nesses países. Os resultados de nossa pesquisa deram origem a dois artigos e a verbetes para o dicionário digital *online*, sendo que a construção do *site* – programação e conteúdos - foi e ainda tem sido feita em colaboração com bolsistas PIBIC e PROBOLSAS que se juntaram ao projeto. O material da pesquisa se encontra no seguinte endereço: www.nepom.ufsc.br.

NACIONALISMO EM *BIOGRAFÍA DE UN CIMARRÓN*

Carla Damas SILVA (UFU)
carla_damas001@yahoo.com.br

A obra *Biografía de un cimarrón* retrata a vida de Esteban Montejo, ex escravo cubano que passou grande parte de sua vida vivendo como *cimarrón*, escravo fugitivo, escondido nas montanhas. O relato em questão foi colhido, transcrito e organizado por Miguel Barnet, que dividiu a narrativa em blocos das diferentes fases da vida de Esteban, desde a vida árdua e sofrida como escravo e os castigos torturantes que sofreu, a fuga para as montanhas, os anos vividos no completo isolamento e a participação do protagonista na Guerra de Independência Cubana. O livro é uma riquíssima fonte para as discussões sobre o gênero literatura de testemunho, bem como a questão da violência e da identidade negra. O ponto no qual focamos diz respeito ao último item, pois, no decorrer do relato o posicionamento de Esteban em relação a seus pares e à comunidade que habitava se modifica muito, o que remete à questão da identidade. No início do

relato, enquanto ainda era escravo o protagonista demonstra, através das marcas narrativas, apresentar um sentimento de desprezo pela condição social que ocupava, bem como por seus companheiros de senzala. Porém, ao fugir para as montanhas foi tomado, e isso está implícito na narrativa, pelo sentimento de “não-pertencimento”, de não sentir-se integrante de nenhuma das comunidades que o rodeavam. O que chama a atenção no relato é que, com a participação do protagonista na Revolução Cubana (1953 – 1959), o posicionamento do discurso deste sofre uma mudança. Este acontecimento parece provocar em Esteban sentimentos reversos aos que demonstrou apresentar anteriormente, os de fraternidade, patriotismo e *identificação*. Desse modo, indagamos se a revolução não significou, acima de tudo, um instrumento de atuação do nacionalismo, de “moldagem” de identidades que desembocou na criação da nação cubana tal qual é para a comunidade negra nos dias de hoje.

OS REFLEXOS DO MITO DE OLOKÚN NA OBRA DE DORA FERREIRA DA SILVA

Cássia Cristina Gonçalves Simplício
cassiasmith17@hotmail.com

O seguinte trabalho propõe mostrar, através da noção de que os mitos não são puros, as características comuns entre Olokún mito africano e as deusas Afrodite, Dion e Perséfone e o símbolo do Mergulhador que são evocados na presença do arquétipo água na obra de Dora Ferreira da Silva. Como material metodológico serão utilizadas as teorias de Mircea Eliade, Gilbert Durand, Gaston Bachelard, Ana Maria Lisboa de Mello pesquisadores do arquétipo, da religião, do símbolo, da imagem e do mito que servirão de base para a análise dos poemas de Dora Ferreira da Silva, com ênfase nas deusas Afrodite, Dion e Perséfone em aproximação com Olokún.

Olokún representa os segredos do fundo do mar, como ninguém sabe o que está no fundo do mar, apenas Olokún. Também representa a riqueza do fundo do mar e da saúde. Olokún é um dos Orixás mais perigoso e poderoso do culto aos Orixás. A água, como o próprio Bachelard afirma em sua obra “A água e os sonhos”, ao citar Jung, é um símbolo maternal e é elemento de vida, já que o nascimento encontra-se expresso nos sonhos mediante a intervenção das águas. Ela também está ligada à morte assim como Perséfone, a senhora do mundo dos mortos. No poema “O Mergulhador (II)” de Dora Ferreira da Silva, alguns elementos evocam a figura do arquétipo de Olokún, através de elementos como a água, o mar e o sol, ao passo que a sombra, a dor, a saudade que partiu seu ser em dois, (Koré e Perséfone) e a escuridão que lembram Perséfone.

AS FIGURAÇÕES DO ESPAÇO EM *O FIO DAS MISSANGAS* DE MIA COUTO

Daniel Gonzaga de Lima Atanásio da SILVA (UFU)
danielgonzagadelima@gmail.com

A pesquisa de Iniciação Científica intitulada “As figurações do espaço em *O fio das missangas*, de Mia Couto” tem como objetivo analisar o papel do espaço em três contos do livro: “As três irmãs”, “Inundação” e “Um peixe para Eulália”. Para tal análise, a pesquisa se valerá, em especial, dos estudos de Gastón Bachelard em seu livro *Poética do espaço*. Sob essa perspectiva, estudar as figurações do espaço é estudar as relações

do escritor com seu lugar no mundo, portanto sua identidade. Mia Couto vivenciou as tensões da guerra e da dominação europeia sobre o seu país, tendo influência da crescente produção literária de Moçambique, terra de poetas-contadores de histórias. Esse liame da estética literária com a oralidade, trouxe para a escrita do autor a noção de que o espaço é passível de engendrar o lírico e o fantástico, como que para modificar a experiência trágica de um povo. Nos contos que serão analisados, o espaço tende a três diferentes representações: Em “As três irmãs” ele se projeta da subjetividade interior de cada irmã em relação, ao seu espaço de ação dentro do conto; em “Inundação” a memória se caracteriza como espaço da narrativa, sendo tão maleável quanto a própria água; em “Um peixe para Eulália” o espaço físico é transformado pelas ações do fantástico e do mítico em um ambiente hostil. Ao apontar e enfatizar a relação lúdica estabelecida com o espaço nos textos de Mia Couto, entendemos a preocupação do escritor em transformar a realidade circundante através da literatura, não só por mostrar o estranhamento e em revestir esse espaço com dotes mágicos, como também para imprimir nele as vontades e os problemas psicológicos dos personagens, ou mesmo ser palco maleável de embates entre o real e o fantasioso. Em Mia Couto, o espaço é uma figura que, por si só, desenrola as ações, muitas vezes convertendo ele mesmo em um personagem.

O PAPEL DA PERFORMANCE NA CAPOEIRA: ENTRE MEMÓRIA E MOVIMENTO

Fátima Nery FERREIRA (UEFS)
grupo_dadiva@hotmail.com

Este trabalho está vinculado aos resultados de pesquisa do projeto *O papel da performance na contação de histórias* e se propõe a discutir através do poema “O capoeira” de Oswald de Andrade a função da performance no ritual da Capoeira, tal como sua gênese e seu processo de marginalização ao reconhecimento como patrimônio imaterial da Bahia. Para tal abordagem, contamos com as formulações de Paul Zumthor e Richard Schechner, que analisaram o conceito da *performance* e oralidade. Dialogou-se igualmente com Pierre Nora, que definiu os *conceitos* de ambientes e lugares de memória, como também com Diana Taylor (arquivos e repertórios de memória). No que tange o ritual da Capoeira contamos com escritos de Waldeloir Rego e Mauricio Barros de Castro, além de depoimentos de alguns praticantes da roda de Capoeira. Nesse sentido, analisar um evento ou espetáculo como *performance* implica abordagem de um conceito bastante amplo e problemático, que conta com diversas acepções em várias línguas, delimitando fenômenos distintos. Por conseguinte essas múltiplas acepções do termo *performance* acarretaram múltiplos enfoques de estudo deste fenômeno que tem um papel de relevância no processo de transmissão do saber e da memória social através de comportamentos corporais restaurados, mas que não se igualam em nenhum momento, pois cada *performance* é única e se consuma entre a ação, a interação e a relação como nos diz Schechner. Observando a *performance* por esse aspecto podemos conceitua-la como um corpo que se organiza para ser visto e junto a ele a sistematização do gesto e da voz, pois é no canto do mestre de capoeira que ele transmite através da oralidade seus ensinamentos, lendas, memórias, valores espirituais. A roda de capoeira é o momento de perpetuação da prática de uma cultura ancestral africana, mas que perpassa esse contexto e penetra a vida social daqueles que a praticam.

“DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES DO NEGRO VEICULADOS NA IMPRENSA NEGRA DO SÉCULO XIX”.

Helen Cristine Alves ROCHA (UFU)
helen-c@bol.com.br

Este projeto tem como escopo um enfoque crítico e funcional da linguagem: pesquisar discursos e representações do negro veiculados na Imprensa Negra do século XIX, em especial em jornais que podem construir e naturalizar relações sociais; desigualdades; veicular representações; crenças; valores ou, até mesmo, dentro da relação dialética entre linguagem e sociedade, contribuir para a configuração de outra realidade social. Pretendemos analisar o sistema de transitividade no jornal da Imprensa Negra do século XIX, e sua construção de sentidos; contribuir para a implementação da lei 10.639/03 e da lei 11.645/08; mostrar a veiculação de formas alternativas de leitura de jornal.

Ao fazer a análise pautada na Análise de Discurso Crítica e na Linguística Sistêmico-Funcional, analisaremos o contexto de cultura e da época da publicação dos jornais, pesquisando a situação do negro no Brasil pós-Abolição. Negro esse visto como passivo, mas que criou a Imprensa Negra para dar voz aos seus anseios e necessidades, pois na imprensa convencional não encontrou seu espaço, mesmo porque essa era negativa e evada de preconceito.

Nosso arcabouço metodológico, que une análise social e discursivamente orientada para a explanação crítica de problemas sociais, propõe que se inicie o trabalho pela identificação de um problema social manifesto no discurso; sua investigação na prática, e os possíveis modos de ultrapassar os obstáculos; e, por fim, o analista reflete sobre seu trabalho: sua contribuição social, sua postura crítica e emancipatória; os limites e alcances da pesquisa. Este projeto se justifica por ser um estudo com contribuições teóricas, metodológicas, educacionais e sociais, uma vez que o arcabouço teórico-metodológico considera a relação linguagem e sociedade, o que contribui com a interpretação crítica da realidade e a construção da cidadania; por dar visibilidade ao arcabouço metodológico da Análise do Discurso Crítica, que investiga a linguagem como prática social.

MURAL ÁFRICA - SITE DE CONTEÚDOS

Izabel Cristina da Rosa Gomes dos SANTOS (UFSC)
belgomes2712@gmail.com

Susan A. de OLIVEIRA

O projeto MURAL ÁFRICA – SITE DE CONTEÚDOS é o resultado dos estudos realizados no projeto de extensão *África: diálogos entre história, literatura e artes*, realizado entre 04/2010 e 04/2011 e teve, inicialmente, a finalidade de dar suporte aos conteúdos desenvolvidos para o curso de extensão ministrado entre abril e dezembro de 2010 e para o evento realizado em 19/11/2010.

Na intenção de apreender uma rede multicultural em contínua construção, buscamos a ampliação do site a fim de fomentar projetos de conteúdo a serem aplicados como resenhas de livros na área de literatura e história, resenhas de jornais africanos em língua portuguesa com filtros temáticos, indicações de bibliografia de apoio ao trabalho pedagógico, seleção de links e notícias do Brasil e dos países africanos de língua portuguesa, espaço de contato com o público.

A pesquisa desses conteúdos visa à acessibilidade, especialmente de professores e alunos da educação básica, a fim de fornecer um meio permanente de consulta pública para interessados nas temáticas ligadas aos estudos africanos em geral e, particularmente, às temáticas referentes aos países africanos de língua portuguesa nas áreas de história, literatura e artes. A proposta buscou aporte nas questões legais, mais especificadamente a Lei 10.639, nas Diretrizes Curriculares de Educação das Relações Etnicorraciais, nos Parâmetros Curriculares Nacionais e no Estatuto de Promoção da Igualdade Racial. Neste sentido, o projeto esteve em consonância com as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*, na medida em que procura ter como interlocutores principais os professores e alunos da educação básica e ter uma conexão aberta para o público em geral, especialmente o público que se interessa pela atividade jornalística, pela história, arte e literatura dos países africanos de língua portuguesa. Portanto, o site <http://muralafrica.paginas.ufsc.br/>, tem por finalidade promover o acesso à informação e comunicação sobre as questões africanas e afro-brasileiras, compartilhando conhecimentos, discutindo e interagindo com a história recente dos países africanos de língua portuguesa.

COMO A LITERATURA AFROBRASILEIRA É UTILIZADA NA CONSTRUÇÃO A IDENTIDADE NEGRA EM UMA ESCOLA DO MUNICÍPIO DE ITUIUTABA – MG?

Lorrayne Karita Santos SILVA (UFU)
lorraynepetg@gmail.com

A partir dos estudos feitos no Programa de Educação Tutorial (PET) (Re) Conectando os Saberes e Práticas, através de leituras de textos, participação de oficinas e palestras, entre outros. Atentei-me a necessidade de estudar sobre essa temática, para atender a carência que observei em compreender mais sobre o assunto, assim também como produzir algo novo para a sociedade sobre esse objeto que é pouco discutido pela comunidade não acadêmica. Este trabalho tem o objetivo de compreender a construção da identidade negra a partir da utilização da literatura afro-brasileira na sala de aula. Nesta vertente, pretendo abordar o conceito de cultura, que também se apresenta como base para que sejam redigidas as histórias contidas nos livros, neste sentido pretendo fazer uma análise teórica de uma obra literária, conceituando ainda o termo Negritude dentro desse contexto. O seguinte trabalho terá um seguimento de estudo, onde futuramente, juntamente com meu estágio, almejo uma pesquisa de campo no município de Ituiutaba – MG, aplicando dessa forma um projeto de intervenção e por fim a apresentar os resultados obtidos. Sendo assim, os apontamentos finais aqui apresentados, são derivados das pesquisas teóricas feitas para o início do meu projeto, que resultará no meu TCC (Tese de Conclusão de Curso).

OS ECOS DE IEMANJÁ NA POESIA DE DORA FERREIRA DA SILVA

Mariana Ramos RODRIGUES (UFU)
mari_rodrigues89@hotmail.com

Objetivos

O seguinte trabalho propõe mostrar, através da noção de que os mitos não são puros, as características comuns entre Iemanjá e as deusas Deméter e Perséfone que são evocadas através de símbolos na poesia de Dora Ferreira da Silva.

Quadro teórico-metodológico

Como suporte teórico serão utilizadas as teorias de Mircea Eliade, Carl Gustav Jung, Gaston Bachelard, pensadores da religião, do símbolo, da imagem e do mito que servirão de base para a análise dos poemas de Dora Ferreira da Silva, com enfoque nas deusas Deméter e Perséfone em aproximação com Iemanjá.

Hipóteses

Deméter e Iemanjá são exemplos de figuras arquetípicas da Grande-mãe. A água, como o próprio Bachelard afirma em sua obra *“A água e os sonhos”*, ao citar Jung, é um símbolo maternal e é elemento de vida. Ela também está ligada à morte assim como Perséfone, rainha do mundo dos mortos.

No poema *“Finisterra”* de Dora Ferreira da Silva, alguns elementos evocam a figura de Iemanjá, tais como a água, o mar e a lua, ao passo que a sombra e a escuridão lembram Perséfone.

O QUE (NÃO) CABE NO BRASIL: O ROMANTISMO E A IDEALIZAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL

Mônica Karine da SILVA (UFU)
monica_mks@hotmail.com

LITERATURA AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA EM SALA DE AULA: EXPERIÊNCIA E DESAFIOS

Otávio Botelho ROSA (UNIPAMPA)
otavio-092@live.com

Rodrigo da Costa SEGOVIA (UNIPAMPA)

A consciência de que o negro é inferior às demais classes raciais perpetuou por muito tempo em nossa sociedade, durante muito tempo fomos alienados ao pensamento da Metrópole, que gostaria de intervir a presença das matizes africanas em nosso país. Um progresso em meio à educação surgiu no ano de 2003 com a criação da Lei 10.639/03 que obriga o ensino de História da África e do negro nos currículos escolares, sendo assim, este trabalho visa relatar uma das atividades do Grupo PET-História da África desenvolvidas no município de Santo Ângelo/RS, onde auxiliamos a implementação da informada Lei através de oficinas de literatura africana de língua portuguesa. Inicialmente realizamos uma pesquisa relevante sobre a história da literatura africana e sua influências nos processos de colonização, para em seguida desenvolvemos atividades culturais sobre a temática através da extensão universitária. Nosso trabalho tem por objetivo não somente induzir ao conhecimento da literatura africana, mas mostrar o quanto é rica a cultura existente neste continente. As oficinas se dão através de uma exposição oral sobre a história do continente e sua influência na literatura, além de realizarmos leituras e interpretações de diferentes poesias que abordam a temática africana, refletimos e discutimos acerca do assunto para então partimos para última etapa que é a criação literária, onde o aluno tem a possibilidade de criar o seu texto através de imagens do continente africano. Com este trabalho podemos aproximar o

aluno da literatura africana, fazer com que o mesmo identifique o porquê do branqueamento que sofremos durante muito tempo, que foi um dos ocasionadores do preconceito racial, além de proporcionar uma pequena mostra da cultura daquele povo, desmistificado um pensamento retrógrado de que na África existem apenas elementos negativos como doenças, pobreza e exaltando as qualidades e potencialidades desse continente. Até o presente momento nossos resultados são de grande relevância, pois foi um dos primeiros contatos da instituição de ensino com a aplicação da Lei 10.639/03, o conhecimento adquirido deu início a criação literária que é algo pouco trabalhado em meio à educação básica. Foram produzidas poesias de ótima qualidade que futuramente serão selecionadas para uma publicação de literatura africana infanto-juvenil, para que haja uma multiplicação dos conhecimentos da referida temática, proporcionando também um incentivo à criação literária pelos alunos.

O ESPARTILHO, AS MÁSCARAS DE FOLHA-DE-FLANDRES E OS FERROS: FORMAS DE APRISIONAMENTOS DO CORPO NOS CONTOS PAI CONTRA MÃE E O ESPARTILHO

Pollianna dos Santos FERREIRA (UFSC)
polliannasantos@gmail.com/santos.pollianna@yahoo.com

Este texto vincula-se ao meu projeto de iniciação científica *Levantamentos de adornos das mulheres da elite soteropolitana, no final do século XIX* (PROBIC- UEFS) porque trata de algumas questões cruciais que o tangenciam: os significados sociais acerca da moda e do corpo no século XIX. Atentou-se aos pontos de vista de Alisson Lurie (1997) sobre as peças de vestuários e de objetos como dotados de linguagem e sentidos próprios, o aspecto social da moda que Gilda de Mello e Souza (1950) trata; os estudos acerca do negro, em *História do Negro no Brasil* (CEAO/UFBA) e o ensaio de Elizabeth R. Z. Brose (2012) considerando Machado de Assis como um autor afrobrasileiro. A leitura realizada em *Pai contra Mãe* e *O Espartilho* partiu do pressuposto de que os sujeitos construídos em ambos contos conviviam ou vivenciavam diversas formas de aprisionamentos do corpo. O conto machadiano, *Pai contra Mãe*, inicia-se com descrições do narrador sobre as máscaras de folha-de-flandres e dos ferros ao pescoço usados pelos escravos. Já o conto de Lygia Fagundes Telles, *O Espartilho*, apresenta a peça espartilho como algo que reflete os moldes das convenções da família patriarcal: o cerceamento do corpo feminino, tal qual o controle sobre o comportamento da mulher de elite, repercutindo no julgamento da mulher do povo (da escrava, notadamente). Embora não fossem adornos, as máscaras e os ferros eram objetos para o uso pessoal, que simbolizavam a anulação da vontade própria: eram algo que só o Senhor poderia desvincilhar o escravo. Já o espartilho moldava o comportamento feminino: a limitação do corpo, do modo de agir e de falar. A memória no discurso dos contos constrói-se tanto pelo relato descritivo, no caso de *Pai contra mãe*, tanto por fotografias antigas, imagens fixadas em álbuns de retratos, no conto de Fagundes Telles.

ESTUDOS CULTURAIS E SOCIOTERMINOLOGIA: O USO DE TERMOS COMO EXPRESSÃO DE UM LEGADO CULTURAL E IDENTITÁRIO

Raphael Marco Oliveira CARNEIRO(UFU)
raphael.olic@gmail.com

O estudo cultural de determinado povo passa, inevitavelmente, pelo estudo da língua. Nesse sentido, a descrição do sistema linguístico de um povo muitas vezes leva a uma descrição de seu universo lexical, uma vez que grande parte da cultura está condensada em palavras. Um exemplo claro disso está no estudo de religiões afrobrasileiras, nas quais é preciso conhecer as características e os nomes dos orixás para compreender certo ritual. Percebe-se então, o uso de uma terminologia específica de uma área do conhecimento. Dessa maneira, a Socioterminologia abriga estudos que se ocupam do levantamento dos termos utilizados por uma comunidade sociocultural em um setor específico de suas vidas, ou seja, os estudos inseridos nesse paradigma versam prioritariamente sobre a relação conjunto vocabular-cultural de um povo (BARROS, 2004). Tendo essas considerações em vista, este trabalho tem como objetivo traçar um breve panorama de pesquisas feitas tendo como suporte a relação entre Estudos Culturais, Literatura Afrobrasileira, Socioterminologia e Antropologia Cultural. Para isso, em uma pesquisa de caráter bibliográfico, fizemos um levantamento de artigos publicados em periódicos, de dissertações, teses e cadernos de resumos de eventos científico-culturais que apresentam pesquisas realizadas dentro desse quadro teórico-metodológico. Assim, em linhas gerais, investigamos como o trabalho terminológico foi realizado, tanto na análise dos termos quanto na elaboração de produtos terminológicos, como glossários e vocabulários, além de verificar as implicações das análises terminológicas na manutenção e divulgação do legado cultural, histórico, identitário e social da cultura afrobrasileira.

A CULTURA AFROBRASILEIRA EM SALA DE AULA: PEÇA TEATRAL MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA COMO FERRAMENTA NO ENSINO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Rodrigo da Costa SEGOVIA (UNIPAMPA)
rodrigo.turismo.unipampa@gmail.com

Este trabalho foi desenvolvido através das atividades do Programa de Educação Tutorial-PET História da África durante as atividades de extensão na escola municipal Ceni Soares Dias pertencente ao município de Jaguarão/RS. Sabendo da obrigatoriedade de aplicar a Lei 10.639/03 na rede de ensino os integrantes do grupo PET História da África aplicaram oficinas relacionadas à temática afro-brasileira com o intuito de ajudar a implementar a referida lei nas escolas da rede municipal. A escola Ceni Soares Dias está inserida junto à comunidade do Bairro Bela Vista onde as famílias em sua maioria são pertencentes a um quadro de vulnerabilidade social. Sabendo da falta de material didático e de professores formados na área em estudo, desenvolvemos a atividade através da peça teatral menina bonita do laço de fita, com a aplicabilidade da lei através do teatro desenvolvemos diversas atividades, à hora do conto, pinturas, pesquisas na internet, brincadeiras lúdicas e no final da atividade ensaiamos a peça teatral para posteriores apresentações. O teatro é uma maneira diferente de ensinar e aprender, no que se refere aos conteúdos de História da África, percebemos que os alunos das séries iniciais reagem melhor a esta atividade lúdica, pois se sentem atores da história e expressam suas emoções quando estão em cena. Além de ser na escola o local onde a criança e os adolescentes aprendem os primeiros conceitos sobre História da África e do negro no Brasil, sendo assim exploramos o teatro enfocando a cultura africana, história

do negro no Brasil trabalhando com uma obra literária. Acreditamos que esta temática apresenta aspectos fundamentais para a educação e a formação do indivíduo e permite que o mesmo evolua em variáveis níveis como: na socialização, criatividade, coordenação, memorização e vocabulário. Os alunos, professores e familiares entusiasmaram-se com o resultado que foi obtido durante as atividades e o interesse dos alunos evoluiu quando a literatura e a cultura afro-brasileira foram abordadas de maneira lúdica, os pais ou responsáveis dos alunos que participaram da peça teatral começaram a acompanhar mais o rendimento escolar de seu filho além de valorizar a questão racial e social das famílias pertencentes à rede escolar.

CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES E IMAGINÁRIOS CULTURAIS: DIÁLOGOS ENTRE LITERATURA E CINEMA

Samara Passos de FREITAS (UEFS)

samarapassos1@hotmail.com

Este trabalho tem por objetivo analisar a interação entre dois diferentes tipos de linguagem buscando o diálogo entre a literatura e o cinema, para discutir a construção e a afirmação das identidades coletivas, a partir das suas representações nos imaginários de obras literárias e cinematográfica tomadas como referenciais éticos e estéticos. A partir da análise da obra literária O BOI ARUA de Luis Jardim e da obra cinematográfica BOI ARUA de Chico Liberato podemos encontrar pontos de interação e adaptação examinando as diferentes linguagens que os autores utilizam para representar o imaginário identitário regional, pois a partir da lenda do Boi Aruá espalhada e contada pelo sertão Jardim que trouxe o mito para as páginas de um livro em forma de literatura infantil, Liberato no longa metragem em desenho animado também busca representar aspectos relevantes do universo sócio cultural nordestino fazendo uso de símbolos que remetem a um imaginário medieval, utilizando xilogravuras, buscando inspiração na literatura de cordel além de mostrar fatos e manifestações da vida cotidiana das comunidades nordestinas, da estrutura familiar, social e religiosa. As obras possuem em comum o fato de buscar traduzir em suas respectivas linguagens, que apesar de independentes interagem, suas leituras da tradição oral narrativa extraída dos mitos do imaginário sertanejo, representando e personificando a lenda e a identidade popular. Jardim atemporalizando por meio da literatura, e Liberato atualizando a memória sertaneja, trazendo para uma expressão contemporânea a diversidade e a riqueza das manifestações populares, resgatando valores que caracterizam a coletividade que afirma e legitima a identidade local.

AS RELAÇÕES INDIVIDUAIS NO TRÂNSITO RELIGIOSO COM AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Sandra Regina Fabiano do Rosário VIEIRA (IFRJ)

sandraccsm@hotmail.com

No presente trabalho serão analisadas as narrativas de sujeitos com passagens em distintas religiões. Essas narrativas compuseram o vídeo do documentário “Sagrado em Movimento”, realizado pelo grupo PET-Conexões de Saberes em Produção Cultural, (Coordenado pela Prof^ª Dr^ª Fernanda Delvalhas Piccolonos) meses de junho e agosto do

ano de 2011. O objetivo é compreender as motivações e experiências desses sujeitos nas suas relações com as religiões afro-brasileiras, no que tange ao trânsito religioso. Foi utilizada uma metodologia qualitativa mediante entrevista livres a partir da questão: “Em que momento da sua vida ocorreu à necessidade de mudar de religião?” A hipótese é que a mudança de uma religião de matriz afro-brasileira ocorre quando de uma crise pessoal, conflito familiar e busca íntima por algo. Analisando as entrevistas verifica-se que os movimentos individuais refletem essas suposições, e as mobilizações acontecem no sentido de uma maior mudança de indivíduos das matrizes da religião afro-brasileira para campo religioso das evangélicas, como apontam os estudos realizados que confirmam o crescimento do campo evangélico no país. O quadro teórico metodológico utilizado foi das ciências sociais, que percebe o trânsito religioso como um duplo movimento: o primeiro, na circulação de pessoas pelas diversas instituições religiosas, descritas pelas análises sociais e demográficas; em segundo, pela metamorfose das práticas e crenças reelaboradas nesse processo de justaposição, no tempo e no espaço, de diversas pertencas religiosas, objeto preferencial dos estudos antropológicos (Almeida e Montero, 2001). Assim sendo, trazer reflexões a respeito desse fenômeno social e comportamental dos indivíduos das sociedades contemporâneas é uma forma de contribuir nas discussões

ENTENDENDO OS CONFLITOS DA ÁFRICA ATRAVÉS DA LITERATURA: O JOGO COMO RECURSO PEDAGÓGICO

Thais Priscila Silva de OLIVEIRA (UNIPAMPA)
thais.pri.silva@hotmail.com

Otavio Botelho ROSA

Estudos realizados sobre a História da África nos possibilitam relacionar a produção literária dos países africanos de língua portuguesa às suas guerras coloniais e civis. Assim, este trabalho tem por objetivo demonstrar como a literatura dos países africanos de língua portuguesa foi influenciada pelos conflitos existentes nesses países, para isso, criamos a oficina sobre os conflitos existentes na África, onde tivemos a oportunidade de demonstrar através de um jogo, confeccionado por nós, como a literatura representa, esteticamente, as conquistas das independências e as disputas internas pelo poder. O público alvo da oficina foi professores da rede pública de ensino do município de Uruguaiana e acadêmicos dos cursos de Letras, Pedagogia e Relações Internacionais, que ao dialogar tiveram a possibilidade de ampliar seu olhar para novas formas de abordagem do tema “África” em sala de aula. Nesta oficina, refletimos a partir de notícias vinculadas na mídia sobre os conflitos atuais e o modo como os escritores africanos de língua portuguesa narraram essas lutas que duram mais de quarenta anos. Os contos e poemas africanos selecionados foram aqueles em que os autores abordam questões da construção de identidades em um ambiente bélico. Percebemos que ao contextualizar a África, nessa perspectiva, os estereótipos construídos ao longo dos anos sobre este continente começa a ser desmistificado.